

U. PORTO

**FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO**

Exposições

Formas de Comunicar e Educar em Museus

Relatório de Estágio para a obtenção do grau de Mestre em:
História e Património – Variante Mediação Cultural

Helena Isabel Almeida Vieira

Orientadora: Professora Doutora Alice Lucas Semedo

Porto, Julho de 2009

RESUMO

As exposições são excelentes meios de comunicação e educação em museus.

O presente relatório de estágio, elaborado no âmbito do Mestrado em História e Património, pretende mostrar a realidade das exposições em contexto museológico.

Partindo de uma contextualização teórica sobre as exposições como meios de mediação cultural, avançou-se para um exemplo prático referente ao planeamento, desenvolvimento e concepção da exposição “1969: 21 de Julho – Evocações portuguesas a propósito da chegada do Homem à Lua”.

Neste contexto são apresentadas também um conjunto de propostas de valorização para esta exposição, de acordo com os diversos públicos-alvo da mesma, culminando com uma reflexão sobre a importância e as implicações da avaliação neste tipo de eventos culturais.

Palavras-chave: Exposições; Comunicação em Museus; Educação em Museus; Avaliação de exposições

ABSTRACT

Exhibits are excellent media and educational means in museums.

This report training, developed under the Master in History and Heritage, aims to show the realities of museum exhibitions.

From a theoretical contextualization of the exhibitions as a means of cultural mediation, we went to a practical example concerning to the planning, development and design of the exhibition “1969: 21 de Julho – Evocações portuguesas a propósito da chegada do Homem à Lua”.

In this context are also presented a set of proposals for value this exhibition, according to its target audiences, leading to a reflection on the importance and implications of the assessment in this type of cultural events.

Keywords: Exhibitions; Museum Communication, Museum Education, Exhibitions Assessment

AGRADECIMENTOS

Desenvolver um estágio nunca é um esforço nem uma tarefa solitária e, como sempre, há muitas pessoas a quem devo agradecer por ter tido a energia e a capacidade para completar esta fase do meu percurso académico.

No topo da lista está, é claro, a minha orientadora de Mestrado, a Professora Doutora Alice Semedo. Mais que qualquer outra pessoa, manteve-me sempre atenta e concentrada em todos os aspectos realmente importantes a desenvolver neste trabalho. Muito obrigado pela disponibilidade que demonstrou para me orientar, pela atenção com que sempre ouviu as minhas preocupações, pela confiança que me revelou e transmitiu e, acima de tudo, pela forma subtil como estimulou o meu interesse pela museologia.

Tenho ainda de agradecer à Dra. Daniela Ferreira pelo apoio e pela sua preocupação constante para que nada me faltasse durante o estágio. A liberdade de acção que ela me concedeu foi decisiva para que este trabalho contribuísse para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Devo ainda muitos agradecimentos a todos os funcionários do Serviço Educativo da Casa do Infante pela forma como me acolheram e me fizeram sentir parte da sua “família”, por todo o seu carinho e cuidado, que tornaram a minha experiência nesta instituição muito gratificante, interessante e extremamente agradável.

Aos meus amigos fico eternamente grata pelo apoio e incentivo constante.

Finalmente, e porque os últimos são sempre os primeiros, tenho de lembrar os meus pais, não só pelo apoio incondicional mas, acima de tudo, por nunca me terem deixado desistir do meu futuro académico.

Existem, é evidente, inúmeras formas de agradecer a todas estas pessoas. Neste espaço reservo apenas uma simples palavra que, apesar de pequena, exprime de forma verdadeira e completa o que me vai na alma. A todas elas...

Obrigado!

-ÍNDICE GERAL

RESUMO.....	i
RESUMO.....	iii
AGRADECIMENTOS	v
-ÍNDICE GERAL	vii
- Índice de Abreviaturas	ix
- Índice de Quadros	ix
- Índice de Ilustrações	x
I. INTRODUÇÃO.....	1
II. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA: AS EXPOSIÇÕES COMO FORMA DE MEDIÇÃO CULTURAL.....	5
1. Exposições: Conceito, Objectivos e Tipologias.....	5
2. O Processo de Desenvolvimento de Exposições.....	7
3. As Exposições como Meios de Comunicação	9
3.1 Tipos de Comunicação em Museus.....	9
3.2 Modelos de Comunicação em Museus	11
4. As Exposições como meio Educativo	14
4.1 Educação e aprendizagem nos Museus	14
5. A Avaliação das Exposições	18
III. APRESENTAÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO	21
1. A Casa do Infante – Evolução Histórica e Funcional	21
2. A Estrutura orgânica da Instituição.....	23
3. O Sector de Extensão Cultural e Educativa	26
IV. ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ÂMBITO DO ESTÁGIO.....	29
1. A Integração no Local de Estágio	30
2. Metodologias e Organização da Pesquisa Documental	31
3. O Conceito e os Objectivos da Exposição	36
4. O Regresso à Pesquisa Documental.....	37
5. A Estrutura da Exposição e o Plano Interpretativo	41
6. A Disposição da Exposição.....	44
7. Difusão da Informação: Materiais complementares da Exposição	46
8. Identificação dos Públicos-Alvo	50

9. Construção de Instrumentos de Avaliação.....	52
V. PROPOSTA DE UM GUIÃO PARA A EXPOSIÇÃO	53
1. As Questões de Partida.....	53
2. A Corrida Espacial e a Chegada do Homem à Lua.....	54
2.1 O Sonho da Chegada à Lua	54
2.2 A Corrida Espacial.....	55
2.3 O conhecimento portuense da exploração espacial e da chegada à Lua	57
2.4 A chegada à Lua na imprensa e nos anúncios publicitários	58
3. O Porto quando o Homem chega à Lua	62
3.1 A realidade política d'A Primavera Marcelista	62
3.2 O Porto em 1969.....	65
3.3 O Porto em 1969: acontecimentos marcantes	66
3.3 O Porto em 1969: uma radiografia da cidade.....	67
3.4 O Porto em 1969: uma cidade com problemas, em renovação e a despertar para o futuro	71
3.5 O Porto em 1969: uma cidade em transformação cultural	75
3.6 O Porto em 1969: uma cidade com tradição	76
3.7 Porto: Uma cidade contestatária.....	76
4. 21 de Julho na História Portuense	79
VII. BALANÇO DA EXPOSIÇÃO	81
1. Propostas de Valorização para diferentes públicos-alvo.....	83
1.1 Proposta de valorização para Público Escolar	83
1.2 Proposta de valorização para Público Sénior	88
1.3 Proposta de valorização para Público Estrangeiro	89
2. Proposta de Valorização: Promoção e Marketing	89
3. Proposta de valorização: parcerias e alargamento.....	90
VIII. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
IX. FONTES E BIBLIOGRAFIA CONSULTADAS	95
X. ANEXOS	99

- Índice de Abreviaturas

AHMP – Arquivo Histórico Municipal do Porto	
ATL – Actividades de Tempos Livres	
CMP – Câmara Municipal do Porto	
CP – Caminhos-de-ferro Portugueses	
DGEM - Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais	
DMA – Departamento Municipal de Arquivos	
DMC – Departamento Municipal da Cultura	
BPMP – Biblioteca Pública Municipal do Porto	
GHC – Gabinete de História da Cidade	
JN – Jornal de Notícias	
SECE – Sector de Extensão Cultural e Educativa	
SGQ – Sistema de Gestão da Qualidade	
UCD – Unidade Central de Digitalização	

- Índice de Quadros

Quadro 1 - Fases e áreas de desenvolvimento de uma exposição. Adaptado a partir de David Dean (1994).....	8
Quadro 2 - Contactos e horário de funcionamento da Casa do Infante	23
Quadro 3 - Actividades desenvolvidas no Estágio	29
Quadro 4 - Especificação das actividades a desenvolver no ponto E	29
Quadro 5 - Acontecimentos de destaque no Porto em 1969.....	34
Quadro 6 - Acontecimentos de destaque no Porto em 1969.....	35
Quadro 7 - Organização temática das fotografias de 1969 exixtentes no AHMP	36
Quadro 8 Plano interpretativo para a exposição	43
Quadro 9 - Textos sugeridos para o roteiro da exposição.....	47
Quadro 10 - Textos sugeridos para os diferentes painéis da exposição.....	49
Quadro 11 Números e proveniência dos públicos que visitaram a Casa do Infante entre 2006 e 2008.....	50
Quadro 12 - Títulos das crónicas "Radiografia da Cidade"	52
Quadro 13 - Conteúdos disciplinares (1º, 2º e 3º Ciclo) relacionados com a temática da exposição	67

Quadro 14 - Proposta de rentabilização para visita à exposição direccionada para diversos segmentos do público escolar	84
Quadro 15 - Proposta de Rentabilização para uma oficina de exploração da exposição direccionada para diversos segmentos do público escolar.....	86
Quadro 16 - Proposta de Rentabilização para uma oficina de exploração da exposição direccionada para diversos segmentos do público escolar	87

- Índice de Ilustrações

Ilustração 1 – Modelo de Projecto de uma Exposição. Adaptado a partir de David Dean (1994).....	7
Ilustração 2 – Processo de Comunicação. Adaptado a partir de Heath e Bryant (1994).....	10
Ilustração 3 – Modelo de comunicação. Adaptado a partir de Cameron (1968)	11
Ilustração 4 – Modelo Comunicacional adaptado de Shannon e Weaver (1989).....	12
Ilustração 5 – Modelo Comunicacional. Adaptado de Eilean Hooper-Greenhill (1994).....	13
Ilustração 6 – Estrutura esquemática da Exposição.....	42
Ilustração 7 – Planta da sala de exposições com identificação dos painéis e circuito....	44
Ilustração 8 – Fotografias da exposição localizadas numa planta da sala exposições....	45
Ilustração 9 – Anúncio de relógio Ómega, in JN, Julho de 1969.....	59
Ilustração 10 – Anúncio Mabor General, in JN Julho de 1969.....	59
Ilustração 11 – Anúncio do Banco Espírito Santo, in JN, Novembro de 1969.....	60
Ilustração 12 – Anúncio da companhia de seguros Tranquilidade, in JN Julho 1969....	60
Ilustração 13 – Anúncio do espectáculo “Ri-te Ri-te na Lua”, in JN, Dezembro 1969..	61
Ilustração 14 – Anúncio do Livro Apolo 11, in JN, Novembro de 1969.....	61
Ilustração 15 – Excerto do Comunicado dos Organismos Associativos da Universidade do Porto.....	77
Ilustração 16 – Excerto do Comunicado dos Organismos Associativos da Universidade do Porto.....	78

I. INTRODUÇÃO

As exposições são um meio privilegiado de mediação cultural e um elemento constante de qualquer museu. Nela intervêm diversos agentes desde os vários técnicos dos museus aos públicos que as visitam. Na medida em que elas transmitem ideias e criam um espaço de partilha de conhecimentos e interpretações, as exposições são meios de comunicação e de aprendizagem por excelência.

Conjugando os vários sentidos: visão, audição, olfacto, tacto e por vezes até mesmo o paladar, as exposições proporcionam novas experiências e, de forma informal, permitem a desmontagem de alguns factos, o contacto com novas interpretações, a construção de novos conhecimentos, a estruturação de novas representações e o desenvolvimento de valores e atitudes ao mesmo tempo que se apresentam como locais de lazer capazes de criar momentos de evasão para os seus visitantes.

Entendendo as exposições como importantes meios de comunicação, aprendizagem e de mediação cultural, é de salientar a exigência e a consciência que a sua preparação e o seu desenvolvimento exigem.

David Dean compara as exposições a icebergs, uma vez que o público só consegue ver uma ínfima parte de todo o processo que conduziu à sua realização. A maior parte do trabalho que uma exposição exige fica escondida sem que os visitantes se apercebam dela.

No âmbito do Mestrado em História e Património, na variante de Mediação Cultural, realizou-se um estágio de quatrocentas horas no SECE, do AHMP, sob a orientação interna da Dra. Daniela Ferreira e sob a orientação externa da Professora Doutora Alice Semedo. Foi intuito deste estágio compreender e explorar, na prática, algumas estratégias que os museus utilizam para intervir culturalmente junto das comunidades envolventes.

A escolha deste local de estágio prendeu-se com o estudo que foi feito sobre esta instituição ao longo do primeiro ano de estágio. Em vários trabalhos, realizados para várias disciplinas, procedeu-se ao estudo e análise de exposições realizadas, em meados do século XX, na Casa do Infante.

Um outro motivo que despertou o interesse desta instituição para acolher o estágio foi a existência de um bom serviço educativo que permitiria conhecer melhor a

realidade interna deste sector dos museus e as actividades que este desenvolve no sentido de comunicar com os públicos e educá-los.

O estágio desenvolveu-se em volta da grande parte submersa da preparação da exposição: “1969: 21 de Julho – Evocações portuenses a propósito da chegada do Homem à Lua”. A escolha desta exposição em particular prendeu-se com questões internas do funcionamento da instituição de acolhimento do estágio. No seguimento da escolha do local de estágio, procurou-se integrar uma actividade que já estivesse programada e que coincidissem com o período da realização do estágio.

A selecção desta exposição para projecto de estágio relacionou-se ainda com o à-vontade relativamente a temas do século XX uma vez que já desde os finais da licenciatura e no primeiro ano do mestrado se tinham abordado diferentes questões e perspectivas sobre o Estado Novo, período histórico central da exposição “1969: 21 de Julho – Evocações portuenses a propósito da chegada do Homem à Lua”.

Para além de várias tarefas relacionadas com o trabalho desenvolvido no SECE, tais como planear actividades, preparar materiais para oficinas e apoiar na recepção e orientação de visitas e oficinas, um dos principais objectivos do estágio foi a preparação e o desenvolvimento de uma exposição.

Uma vez que o processo de desenvolvimento de uma exposição exige o contributo de diversos técnicos especializados, desenvolveram-se actividades relacionadas com a pesquisa documental e com a sua comunicação através da selecção de informação a constar na exposição e na redacção dos textos informativos que a iriam acompanhar. Foi ainda objectivo deste estágio desenvolver programas educativos para diferentes públicos e identificar algumas formas de alargar o âmbito da exposição para que esta tivesse maior visibilidade e impacte junto das comunidades envolventes.

No sentido de consolidar os conhecimentos sobre o desenvolvimento de exposições procedeu-se a uma primeira contextualização teórica sobre o conceito de exposição, os seus objectivos e tipologias, assim como as várias fases que devem orientar o seu desenvolvimento.

Contudo, não seria possível compreender a realidade das exposições se não se tivesse em consideração que estas são essencialmente meios de comunicação que tem como grande objectivo potenciar novas aprendizagens nos visitantes. Neste sentido, aprofundou-se um pouco a temática da comunicação e da aprendizagem nos museus.

Para complementar esta contextualização teórica, exploraram-se, ainda, algumas questões sobre a avaliação das exposições nas vertentes diagnóstica, formativa e sumativa.

Em termos metodológicos, após a contextualização teórica que permitiu o aprofundar dos conhecimentos sobre o desenvolvimento de exposições no contexto da museologia, o trabalho orientou-se, essencialmente, pelo projecto de estágio que se encontra em anexo. Os vários momentos que encaminharam os trabalhos, assim como as actividades desenvolvidas, foram essencialmente os que se encontram referenciados no cronograma de estágio, que segue, igualmente, em anexo.

De forma a estruturar melhor as ideias e o guião da exposição construíram-se alguns mapas conceptuais que, ao organizar pensamentos e representações mentais, permitiram consolidar o conceito da exposição, criar um fio condutor para a mesma, elaborar um plano interpretativo, desenhar o *storyline* da exposição e, até mesmo, criar algumas actividades, como oficinas, e formas de comunicação complementares, como o roteiro e o catálogo da exposição.

O presente relatório é a síntese final de um percurso desenvolvido ao longo dos últimos meses e, para além do primeiro capítulo, dedicado a uma contextualização teórica, é constituído por uma apresentação do local de estágio, pela descrição das várias actividades realizadas e pela proposta de um guião para a exposição. Nos capítulos VII e VIII são apresentados alguns balanços quer sobre o desenvolvimento da exposição “1969: 21 de Julho – Evocações portuenses a propósito da chegada do Homem à Lua”, quer sobre o desenvolvimento do estágio em si.

II. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA: AS EXPOSIÇÕES COMO FORMA DE MEDIAÇÃO CULTURAL

1. Exposições: Conceito, Objectivos e Tipologias

*O desenvolvimento e a preparação de uma exposição são tarefas complexas e exigentes*¹. As exposições envolvem diversas disciplinas específicas que, em conjunto, dominam competências de investigação, de estética, de escrita e de interpretação. Desta forma, comunicam ideias e interpretações aos diversos públicos que as visitam contribuindo para o seu desenvolvimento pessoal e para a sua aprendizagem. Por esta razão, o desenvolvimento e a preparação de uma exposição não deve ser um trabalho individual, mas antes um trabalho de equipa, capaz de envolver investigadores e os vários técnicos do museu. Porém, esta premissa exige a definição de uma linha de orientação coerente capaz de guiar os intervenientes e de acompanhar as várias fases do processo da realização de uma exposição.

Contudo, para entender a organização de uma exposição é necessário compreender, antes de mais, o que ela é. De acordo com David Dean, uma exposição é *um grupo polivalente de elementos que, de forma completa, apresenta ao público uma colecção ao mesmo tempo que disponibiliza um conjunto de informação no sentido de permitir a sua aceção pelo público*². Numa perspectiva complementar, Jan Vehaar e Han Meeter definem exposição como *“um meio de comunicação dirigido a um público alargado e que tem como fim transmitir informação, ideias e emoções relativas às evidências materiais do Homem e dos seus meios circundantes, com o auxílio de métodos visuais e multidimensionais*³”.

Todavia, não se pode esquecer que independentemente do significado e da interpretação que cada um possa fazer sobre o que é uma exposição, existem, também, diversos tipos de exposição que condicionam a sua noção e se definem a si próprias. As exposições comerciais têm como objectivo vender produtos e serviços com o intuito de obter algum benefício financeiro; as exposições industriais procuram apresentar

¹ DEAN, David – *Museum Exhibition : Theorie and Practice*. London: Routledge, 1994, p.1.

² DEAN, David – *Museum Exhibition : Theorie and Practice*. London: Routledge, 1994, p.161.

³ VERHAAR, Jan ; MEETER, Han– *Project Model Exhibitions*. Holland: Reinwardt Academie, 1989, p.26.

novidades e inovações técnicas relacionadas com a indústria; as grandes exposições nacionais e internacionais desejam informar o público e alterar comportamentos e atitudes; as exposições museológicas têm como missão providenciar espaços de educação e reflexão. Este trabalho centra-se, exclusivamente, neste último tipo de exposição.

A realização de uma exposição tem sempre subjacente a si um conjunto de objectivos, vastos e diversificados, tais como: promover a instituição que organiza a exposição, alargar os conhecimentos dos visitantes, fornecer os objectos e a informação necessários para que ocorram novas aprendizagens, activar a curiosidade e a imaginação no sentido de estimular o desejo de aprender; fomentar o interesse das comunidades envolventes através da oferta de momentos de lazer, alterar comportamentos e, por vezes até, obter lucro, embora este não seja um motivo por si só específico para a realização de uma exposição.

Tendo como fim a exposição de uma colecção, o esclarecimento do público e a promoção de experiências educativas e de lazer, as exposições procuram, igualmente, *fortalecer a confiança dos visitantes em relação ao museu*⁴.

As exposições podem, igualmente, ser caracterizadas consoante as suas características e a sua duração. Michael Belcher refere a existência de dois grandes tipos de exposições: as exposições permanentes e as exposições temporárias.

As exposições permanentes são pensadas com a intenção de durar. Para uma exposição de assumir como permanente deve ter uma vida prevista no mínimo de dez anos⁵ e exige a utilização de materiais que se preservam facilmente e que sejam de um valor económico que permita a sua substituição regular.

Por outro lado, as exposições temporárias têm uma duração definida e limitada. Consoante a sua duração podem distinguir-se três géneros de exposições temporárias. As exposições temporárias de curto prazo, que apresentam uma duração apenas de alguns dias ou semanas; as exposições temporárias de médio prazo, que se apresentam com uma duração de entre três a seis meses e, finalmente, as exposições temporárias de longo prazo que se destinam a ocupar um espaço do museu à espera de ser preenchido com uma exposição permanente, não tendo por isso um tempo de duração especificado.

⁴ DEAN, David – *Museum Exhibition: Theorie and Practice*. London: Routledge, 1994, p.3.

⁵ BELCHER, Michael – *Exhibitions in Museums*. Leicester: Leicester University Press, 1991, p.47.

2. O Processo de Desenvolvimento de Exposições

Uma exposição, para ser bem conseguida, requer um planeamento cuidado e rigoroso, ao mesmo tempo que exige a necessidade de uma direcção permanente capaz de a orientar para uma eficaz e correcta execução do produto final.

A experiência desenvolvida ao longo dos tempos na concepção de exposições foi delineando um conjunto de fases que se constituíram como um modelo para projectar exposições. Esse modelo é sequencial e apresenta características comuns a qualquer projecto de planeamento. O traçado inicial do projecto, o desenvolvimento e a sua execução são limitados no tempo e cíclicos⁶, uma vez que tem o seu início em ideias geradas no final de projectos anteriores.

De acordo com David Dean, e como se pode observar na Ilustração 1⁷, as exposições podem ser projectadas em quatro fases sequenciais: a fase conceptual, em que se procede à recolha de ideias; a fase de desenvolvimento, que engloba as etapas de planificação e produção da exposição; a fase funcional, que engloba as etapas operacionais, de montagem e instalação da exposição e, finalmente, a fase de avaliação que não só avalia o que correu bem e o que foi menos positivo numa exposição, mas também permite a recolha de ideias para a realização de futuras exposições.

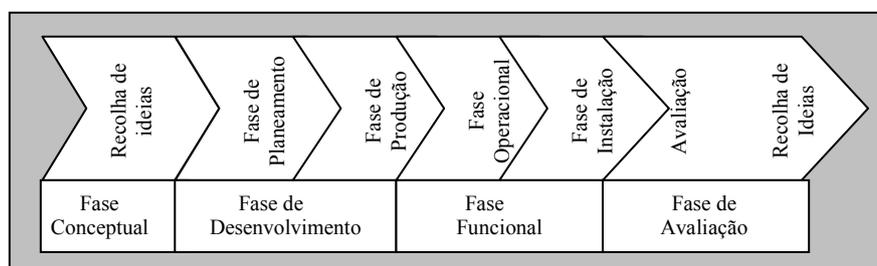


Ilustração 1 - Modelo de Projecto de uma Exposição. Adaptado a partir de David Dean (1994)

Cada uma das fases anteriormente referidas tem três áreas de desenvolvimento: as actividades orientadas para o produto, que consistem num conjunto de esforços para reunir objectos e interpretá-los; actividades orientadas para a gestão, que consistem em tarefas cuja principal finalidade é providenciar os recursos materiais e humanos necessários para a concretização do projecto; e, finalmente, actividades de coordenação que procuram manter as duas actividades anteriormente referidas em consonância e a trabalharem para o mesmo objectivo.

⁶ DEAN, David – *Museum Exhibition: Theorie and Practice*. London: Routledge, 1994, p.8.

⁷ DEAN, David – *Museum Exhibition: Theorie and Practice*. London: Routledge, 1994, p.9.

No quadro que se segue⁸, encontram-se as várias actividades que se podem inserir em cada uma das fases de desenvolvimento do projecto e das suas respectivas áreas de desenvolvimento.

Fases		Actividades	Resultados
Fase Conceptual	Actividades orientadas para o Produto	- Recolher ideias; - Comparar essas ideias com as necessidades do público e com a missão do museu - Seleccionar projectos a desenvolver	- Criação de um orçamento para a exposição - Identificação do potencial da exposição e os recursos disponíveis
	Actividades orientadas para a Gestão	- Estabelecer recursos disponíveis para o projecto	
Fase de desenvolvimento: Etapas de Planificação	Actividades orientadas para o Produto	- Definir os objectivos da exposição - Redigir o <i>Storyline</i> - Conceber a estrutura da exposição - Delinear um plano educativo - Procurar estratégias promocionais	- Estabelecimento do plano da exposição - Estabelecimento do plano educativo - Estabelecimento do plano promocional
	Actividades orientadas para a Gestão	- Estimar custos - Recolher fundos ou apoios - Procurar orçamentos - Definir tarefas	
Fase de Desenvolvimento: Etapa de Produção	Actividades orientadas para o Produto	- Preparar as componentes da exposição - Instalar os objectos - Desenvolver o programa educativo - Implementar o programa de promoção da exposição	- Apresentação da exposição ao público - Realização dos programas educativos conjuntamente com a exposição
	Actividades orientadas para a Gestão	- Supervisionar a disponibilidade e a utilização dos recursos - Coordenar as actividades de monitorizar os progresso	
Fase Funcional: Etapa Operacional	Actividades orientadas para o Produto	- Preservar a exposição para o público - Implementar os programas educativos - Realizar visitas guiadas - Manter a organização da exposição - Garantir a segurança da exposição	- Prevenção da deterioração das colecções - Atingir dos objectivos da exposição
	Actividades orientadas para a Gestão	- Atingir os objectivos traçados - Administração de pessoas e serviços	
Fase Funcional: Etapa Final	Actividades orientadas para o Produto	- Desmontar a exposição - Devolver os objectos aos seus locais de origem - Recolher a documentação	- Fim da exposição - Devolução dos objectos - Limpeza e reparação do espaço da exposição
	Actividades orientadas para a Gestão	- Fazer o balanço das contas	
Fase de Avaliação	Actividades orientadas para o Produto	- Avaliar a exposição - Avaliar o desenvolvimento do processo	- Produção de um relatório de avaliação - Sugestões de melhorias para o produto e para o processo
	Actividades orientadas para a Gestão	- Criar um relatório de avaliação	

Quadro 1 - Fases e áreas de desenvolvimento de uma exposição. Adaptado a partir de David Dean (1994)

⁸ Quadro adaptado. DEAN, David – *Museum Exhibition: Theorie and Practice*. London: Routledge, 1994, p.10-11.

3. As Exposições como Meios de Comunicação

De acordo com Eilean Hooper-Greenhill, os museus são meios de comunicação por excelência. De entre as várias funções do museu, esta autora salienta a importância do museu na transmissão de ideias, conhecimentos e valores através de dois mecanismos essenciais: as exposições e os programas educativos que podem ser entendidos como tipos específicos de comunicação.⁹

3.1 Tipos de Comunicação em Museus

Dentro dos museus, Eilean Hooper-Greenhill distingue dois tipos de comunicação: a comunicação interpessoal e a comunicação de massas. A primeira é directa e desenvolve-se entre os técnicos do museu e os visitantes enquanto a segunda é indirecta, destinada a um grande número de pessoas e, geralmente, é desenvolvida através de exposições e publicações que funcionam como meios de comunicação.¹⁰

Estes dois tipos de comunicação apresentam características específicas e podemos distingui-los segundo os públicos a que se destinam e os processos que empregam.¹¹ A comunicação interpessoal destina-se a um público reduzido e diferenciado, exige um conhecimento de cada um dos intervenientes e é marcada por uma grande interactividade entre os seus intervenientes. Este tipo de comunicação é facilmente observável nas visitas guiadas, em oficinas pedagógicas ou em outras actividades desenvolvidas pelos museus em que existe um contacto directo entre um pequeno grupo de visitantes e os funcionários do museu.

Por outro lado, a comunicação de massas destina-se a um público alargado e indiferenciado, em que não existe um conhecimento específico sobre quem é o visitante. Por esse motivo, este tipo de comunicação é mais passivo e feito de forma unidireccional. Existe um emissor que elabora uma mensagem e que a transmite, de forma indirecta, ao receptor por meio de uma exposição, de uma publicação ou de algum meio interactivo.

Apesar de distintos, estes dois tipos de comunicação estão sempre presentes nos museus e completam-se, na medida em que permitem atingir públicos diferenciados e

⁹ HOOPER-GREENHILL, Eilean – *The Educational Role of the Museums*. London: Routledge, 1994, p. 2.

¹⁰ HOOPER-GREENHILL, Eilean – *The Educational Role of the Museums*. London: Routledge, 1994, p. 2-3.

¹¹ HOOPER-GREENHILL, Eilean – *The Educational Role of the Museums*. London: Routledge, 1994, p. 2-3.

com diversas preferências. Graças a estas duas formas de comunicação, o museu pode prestar a devida atenção aos seus públicos com o intuito de obter informação específica e especializada sobre um determinado tema. Através da comunicação, pode-se também responder aos desejos do público que vai ao museu para nele encontrar um momento de evasão que permita, de forma simples, ou até mesmo imperceptível, adquirir novos conhecimentos.

Simultaneamente, com o aumento dos estudos sobre públicos constatou-se que a comunicação de massas tem vindo a desfragmentar-se. Mesmo o grande público que visita um museu ou uma exposição, tem características próprias capazes de o segmentar segundo alguns interesses. Eilean Hooper-Greenhill considera a “*desmassificação*”¹² do público como um conceito a ter em atenção no desenvolvimento de uma teoria sobre comunicação em museus.

De acordo com Heath e Bryant, a comunicação é um processo em que são formuladas mensagens que, posteriormente, são transformadas e interpretadas, conforme se pode observar na ilustração 2¹³.

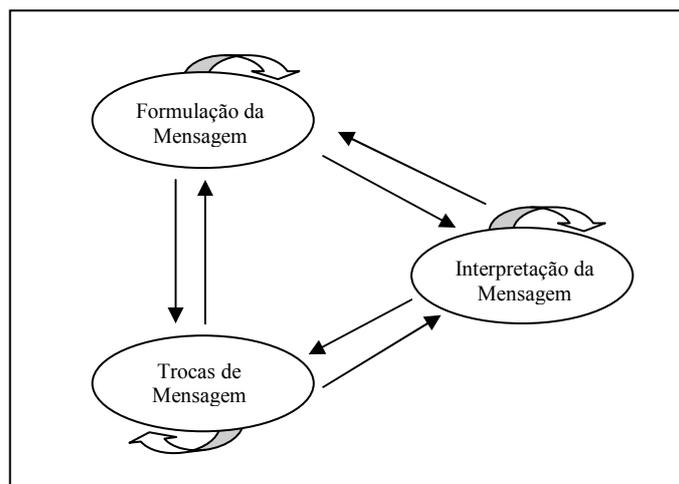


Ilustração 2 – Processo de Comunicação. Adaptado a partir de Heath e Bryant(1994)

Nesta perspectiva, a comunicação deixa de ser linear e unidireccional para se tornar num processo transmissão de ideias e conhecimentos, de transacção e negociação de significados. Esta perspectiva vem reforçar a complementaridade das duas formas de comunicação identificadas por Eilean Hooper-Greenhill. Ao conceber que na comunicação de massas existe não um grupo único e indistinto mas antes um grande grupo com características particulares, que a mensagem não é unidireccional e que, ao

¹² HOOPER-GREENHILL, Eilean – *The Educational Role of the Museums*. London: Routledge, 1994, p. 4.

¹³ HOOPER-GREENHILL, Eilean – *The Educational Role of the Museums*. London: Routledge, 1994, p. 5.

introduzir conceitos como transacção e negociação, as duas formas de comunicação inicialmente distintas aproximam-se.

3.2 Modelos de Comunicação em Museus

Com o intuito de compreender o processo de comunicação, ao longo dos tempos, vários autores foram definindo alguns modelos de comunicação.

Em 1968, Duncan Cameron desenhou um modelo de comunicação, distinto do tradicional entendimento de comunicação da sua época. Ao modelo simples, centrado num emissor, num meio de transmissão e num receptor, este autor acrescentou o *feedback*, defendendo que este era a base que permitia um exame crítico efectivo acerca de uma exposição¹⁴, informando o emissor se os visitantes do museu compreenderam correctamente a mensagem transmitida.

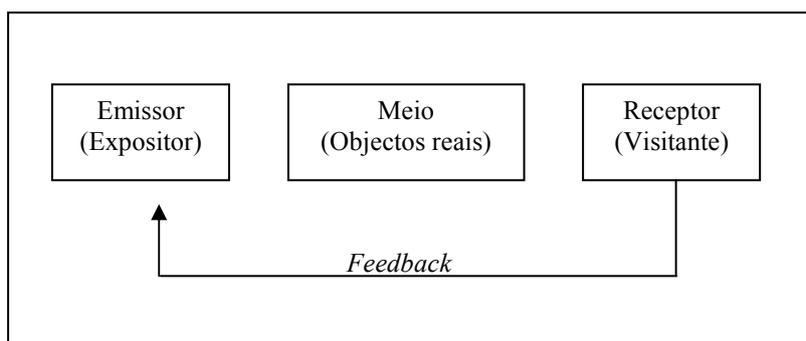


Ilustração 3 - Modelo de comunicação. Adaptado a partir de Cameron (1968)

Numa altura em que o visitante começa a ser entendido com um elemento especial no sistema de comunicação, já que ele é o receptor das mensagens produzidas pelos técnicos do museu, é necessário saber se ele recebeu correctamente e compreendeu a mensagem transmitida. O *feedback*, cuja principal função é avaliar a eficácia da comunicação, surgiu então como elemento complementar no processo de comunicação que permitiu conhecer a resposta do visitante.

Em 1989, Shannon e Weaver apresentaram outro modelo de comunicação. Para estes autores, existem fontes de informação que são exploradas por um emissor. Este, por meio de um canal transmite um sinal que é recebido pelo receptor que lhe dá um

¹⁴ CAMERON, Duncan – *A viewpoint: The museum as a communications system and implications for museum educations*, 1968. Citado por HOPPER-GREENHILL, Eilean – *A new communication model for museums*, in “ The Educational Role of the Museum”. London: Routledge, 1994, p.22

destino. Durante o percurso da informação, no canal de comunicação, entre o emissor e o receptor, é, ainda, incorporado um outro elemento, o ruído. Este consiste em tudo aquilo que possa distorcer ou interferir na mensagem enviada.

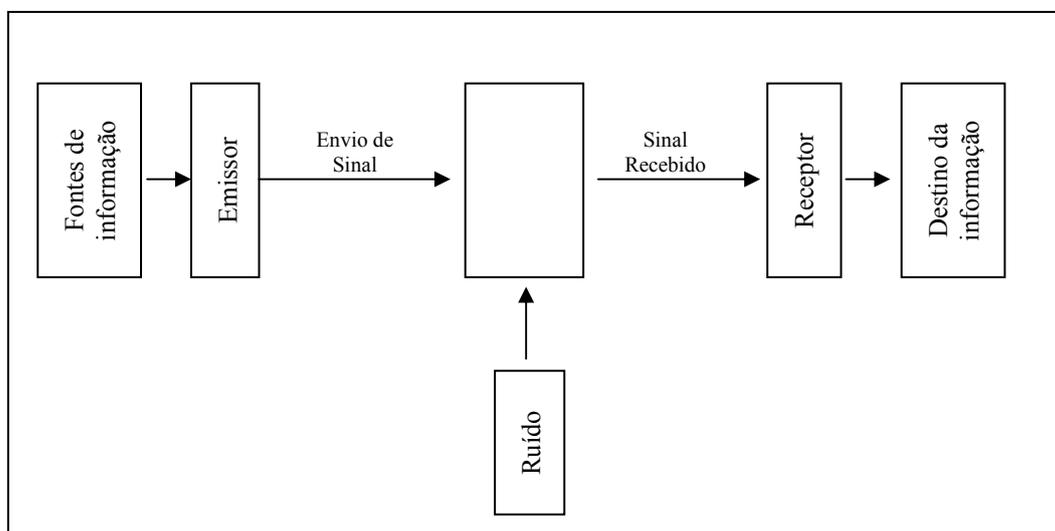


Ilustração 4 - Modelo Comunicacional adaptado de Shannon e Weaver (1989)

Apesar de ser um modelo mais estruturado, este continuava a ser muito semelhante ao modelo comunicacional de Duncan Camerom pois mantinha uma perspectiva linear.

Relativamente a estes modelos, MacQuail apresenta vários problemas tais como: a sua linearidade, os pressupostos que a comunicação inicia-se no emissor e que o receptor é cognitivamente passivo e, finalmente, que é a intenção do comunicador que define o significado do evento comunicativo¹⁵.

Os problemas levantados por MacQuail são reais e devem ser evitados no processo de comunicação nos museus. Este, tal como qualquer forma de comunicação, não pode ser entendido de forma linear e unidireccional, mas sim como um conjunto de trocas e transmissões sequenciais entre o emissor e o receptor e entre o receptor e o emissor. Só desta forma se desenvolve uma permuta eficaz de ideias.

O expositor transmite uma mensagem que pode ter várias interpretações, conforme a estrutura sociocultural e cognitiva de cada um dos visitantes do museu. As diversas interpretações dos visitantes podem constituir-se como visões diferentes mas, também, complementares, na medida em que são as diferentes perspectivas que permitem ter uma visão conjunta e alargada de um tema. O diálogo entre os expositores e os visitantes permite não só alargar o conhecimento dos indivíduos mas também estreitar

¹⁵ MACQUAIL, D – *Communication*. London: Longman, 1985, p. 1-3.

as ligações entre eles, criando, igualmente, uma estreita relação de fidelidade e de permanente contacto.

Baseada nos princípios da semiótica, Eilean Hopper-Greenhill desenhou um novo modelo comunicacional para os museus. O tradicional emissor foi substituído por uma equipa de comunicadores, que inclui o curador, designers, conservadores e até mesmo os públicos.

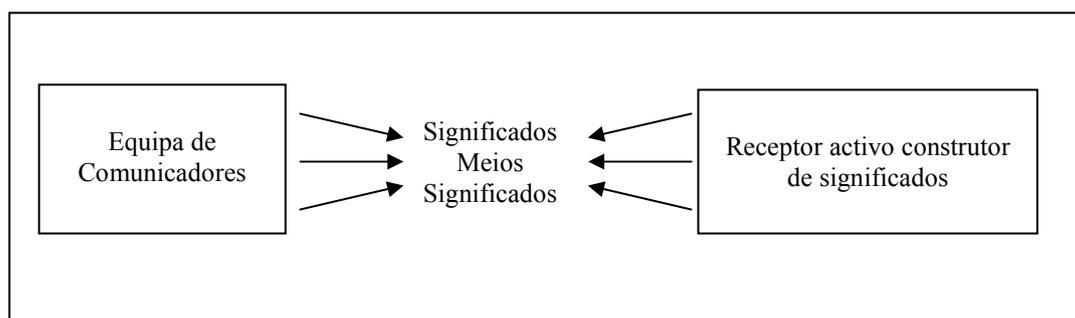


Ilustração 5 - Modelo Comunicacional. Adaptado de Eilean Hooper-Greenhill (1994)

O receptor deixa de ser visto como uma figura passiva que apenas recebe informação e passa a ser entendido como um elemento activo e capaz de interpretar a informação disponibilizada para construir os seus significados.

Simultaneamente, no centro do processo comunicativo surge um novo espaço central, que se encontra em permanente alteração, onde convergem os significados que são constantemente feitos e refeitos quer por comunicadores quer por intérpretes que trazem consigo novas interpretações¹⁶.

Para além dos vários significados, neste ponto central da comunicação podemos incluir, ainda, todos os meios de comunicação disponíveis no museu tais como o próprio edifício do museu, os seus funcionários, as exposições e as colecções. Na perspectiva de Eilean Hopper-Greenhill o sentido do museu não se limita simplesmente à interpretação das exposições e das exibições mas antes às experiências que cada visitante tem no museu¹⁷.

¹⁶HOPPER-GREENHILL, Eilean – *A new communication model for museums*, in “The Educational Role of the Museum”. London: Routledge, 1994, p.24.

¹⁷HOPPER-GREENHILL, Eilean – *A new communication model for museums*, in “The Educational Role of the Museum”. London: Routledge, 1994, p.24.

4. As Exposições como meio Educativo

As exposições, enquanto locais que disponibilizam ao público colecções e informação, para além de meios de comunicação são meios educativos por excelência.

Para compreender de que forma uma exposição se torna um meio educativo, convém entender como é percebida a educação nos museus e de que forma se processa a aprendizagem nos espaços museológicos. Contudo, é necessário ter como premissa inicial que, quando falamos de educação em museus, esta não se restringe a jovens nem apenas ao público escolar pois ela afecta todos os públicos, desde os mais jovens aos adultos. Num contexto museológico a educação entende-se como algo que se desenvolve ao longo da vida.

4.1 Educação e aprendizagem nos Museus

Ao longo das últimas décadas, os museus reequacionaram a sua relação com os visitantes. A primazia do objecto e das colecções começou a ser posta em causa e elevaram-se questões relacionadas com a importância do museu enquanto local de aprendizagem. Porém, ao mesmo tempo, muitos autores começaram, também, a questionar se todas as experiências vividas nos museus seriam, ou não, aprendizagens. Para Dewey, *“uma experiência educativa tem que desafiar e estimular os seus participantes, não bastando apenas ser interessante”*¹⁸. Ela tem que ser organizada e reflectida de modo a alterar as estruturas cognitivas do sujeito e criar novas representações.

De entre as suas várias funções, para além de coleccionar peças, cuidar das suas colecções, conservá-las, investigar e interpretá-las, os museus têm, ainda, como finalidade expor objectos para os tornar acessíveis ao público. Mas a sua finalidade não se esgota aí. Os museus devem tornar o seu património inteligível.

Neste contexto, as exposições têm um papel relevante pois apresentam aos visitantes um conjunto de objectos acompanhados de textos interpretativos que, ao procurarem passar uma mensagem, tornam os objectos compreensíveis.

Na década de 60 do século XX, os museus começaram a rever-se como espaços de educação para a cidadania, relacionando o ensino com os indivíduos e com a sua

¹⁸ DEWEY, citado por HEIN, George – *Learning in the Museum*. Londres: Routledge, 2000, p.2.

experiência pessoal. Desta forma, os museus compreenderam a educação como um processo activo e começaram a ensinar de forma interdisciplinar recorrendo, cada vez mais, a crescentes formas de lazer.¹⁹

Nas décadas seguintes, iniciaram-se esforços para avaliar o sentido educacional das exposições. Promoveram-se novas formas de expor as colecções e assinalou-se a não-valorização da componente educacional na concepção das exposições²⁰. Na opinião de Roger Miles, os expositores dos museus interessavam-se mais numa minoria de estudiosos que já conheciam o tema mas o significado da exposição perdia-se para os visitantes não-informados.²¹

Numa perspectiva mais actual, os museus são entendidos como lugares de aprendizagem, de inclusão social e de formação qualificada. A educação tornou-se uma componente fundamental das políticas museológicas e, em alguns casos, tornou-se mesmo um “*argumento essencial para a justificação de um museu aos olhos do público em geral*”²².

A educação nos museus tem sido entendida como um mecanismo de transmissão, que se processa via aprendizagem, de informações e conhecimentos. Contudo, mais recentemente, tem-se registado uma mudança neste entendimento de educação. Esta deixou de ser entendida apenas como a transmissão de conhecimentos e de informação e passou a ser vista como a criação de estímulos para “*a criatividade e a capacidade inovadora na resolução de problemas novos*” e o “*encorajar a curiosidade*”²³.

A concepção dos museus como locais de educação e de aprendizagem exigiu uma alteração das práticas museológicas. Impôs aos seus profissionais uma selecção de conteúdos a comunicar e a reorganizaram-nos segundo uma estrutura e finalidade próprias de acordo com os intervenientes e os contextos em que se realizam.

Por outro lado, está cada vez mais instalada no meio museológico a ideia que a educação é um processo activo determinado pela prática. Tal como Carla Padró relembra, o sujeito “*só aprende a partir da prática e que a experiência, como vivência, é a única forma de construir o discurso educativo*”²⁴.

¹⁹ Harrison, 1991 citado por HOOPER-GREENHILL, Eileen – *Museum and Gallery Education*. Leicester: Leicester Museum Studies, 1991, p.52.

²⁰ MILES, Roger – *The Design of Educational Exhibits*, Londres: Allen & Unwin, 1982, p.3.

²¹ MILES, Roger – *The Design of Educational Exhibits*, Londres: Allen & Unwin, 1982, p.3.

²² CAIADO, José Pedro – Formação, p.35 in MINEIRO, Clara (coord.) – *Actas do Encontro Museus e Educação, 10/11 Setembro 2001*. Lisboa: Instituto Português de Museus, Setembro 2002, pp. 35-40.

²³ QUINTANILHA, Alexandre – *Aprender para lá do que nos ensinaram*, p. 23-24, in CONFERÊNCIA INTERNACIONAL, *Cruzamento de Saberes, Aprendizagens Sustentáveis*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

²⁴ PADRÓ, Carla – *Educación en museus: representaciones y discursos*, p. 50, in SEMEDO, Alice & LOPES, J. Teixeira (coord.) – *Museus, discursos e representações*. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

Uma vez mais, neste sentido, as exposições tem um papel fundamental e determinante. Ao proporcionarem novas experiências e apelando a todos os sentidos para comunicar uma mensagem, as exposições surgem como locais capazes de proporcionar diversos elementos e meios que facilitam a aprendizagem. Por outro lado, as exposições permitem uma aprendizagem activa e autónoma por parte do visitante, permitindo-lhe fazer as suas próprias interpretações.

As exposições podem ser locais excepcionais de ensino-aprendizagem, dos mais variados temas, desde que tenham uma estrutura bem definida, uma implantação e uma adequação perceptíveis.

Os objectos autênticos disponibilizados nas exposições são alguns dos principais veículos de aprendizagem e, quando apresentados de forma interdisciplinar, permitem uma exploração prática e uma compreensão mais profunda das experiências.

Simultaneamente, os museus são, cada vez mais, entendidos como *“locais empenhados no processo de construção do conhecimento e na sua compreensão”*.²⁵ Através de diferentes exposições, os museus procuram apresentar e atribuir diferentes interpretações e significados aos objectos. Para tal, ordenam os seus recursos para colocar os objectos ao dispor dos visitantes.

Paulatinamente, numa altura em que o conceito de aprendizagem está a alargar-se devido à expansão da ideia de aprendizagem ao longo da vida, os museus devem ser vistos como meios pelos quais o público pode aceder a uma educação própria e individual. Os museus, enquanto centros activos de aprendizagem pública podem oferecer locais especializados de aprendizagem ao mesmo tempo que fornecem materiais e informação apropriada.

Porém, é necessário ter em atenção que quando se fala de educação e aprendizagem em museus, estas não são iguais àquelas que se processam nas escolas. Enquanto na escola desenvolvem-se aprendizagens formais, nos museus desenvolvem-se aprendizagens informais. A aprendizagem formal é obrigatória e curricular, baseada em níveis de aprendizagem e escalas de valores quantitativos e qualitativos com fins certificativos enquanto a aprendizagem informal, não tem currículo obrigatório, não avalia nem certifica as aprendizagens.

A aprendizagem nos museus é dotada de várias vantagens e desvantagens. Os museus têm, desde logo, grandes vantagens: são uma motivação para novas aprendizagens uma vez que não acarretam os factores de obrigatoriedade e de avaliação que, por vezes,

²⁵ GOODACRE, Beth e BALDWIN, Gavin – *Living the Past*. Middlesex: Middlesex University Press, 2002, p.33.

desmotivam as aprendizagens formais. Outra vantagem da aprendizagem nos museus é a sua capacidade de proporcionar ao visitante uma multiplicidade de experiências que apelam aos sentidos, ao mesmo tempo que permitem consolidar aprendizagens concretas e abstractas. Por outro lado, os museus criam experiências sociais e mostram aos seus visitantes diferentes contextos problematizados, proporcionando-lhes novos desafios e novas experiências. Nos museus os visitantes também têm a oportunidade de aprender activamente e de passar algum tempo de lazer de forma confortável e agradável.

No entanto, a grande variedade de conteúdos que podem ser desenvolvidos conjuntamente e o reduzido tempo que o visitante despende no museu, podem dispersar as aprendizagens. Uma outra desvantagem das aprendizagens efectuadas nos museus prende-se com a falta de mediação na maior parte das visitas individuais. Desta forma muitas das potencialidades de aprendizagem nos museus podem não ser aproveitadas da melhor forma.

A aprendizagem nos museus pode ser entendida sob dois pontos de vista: um em que a interacção com os objectos facilita e proporciona diversas experiências e outro que dá ênfase ao local como forma de estruturar a experiência e avaliar o conhecimento adquirido. No entanto, o principal problema na reflexão sobre a aprendizagem nos museus é o facto de muitos profissionais partirem do pressuposto que os visitantes são passivos e meros receptores de mensagens²⁶.

Falk e Dierking mostram-nos que os visitantes são activos na construção das suas interpretações e significados através daquilo que escolhem assistir e observar. Estes autores são os responsáveis pelo desenvolvimento do Modelo Contextual de Aprendizagem nos Museus, um modelo interactivo que nos remete para três contextos que influenciam directamente a aprendizagem e as experiências vividas em museus: o contexto pessoal, que incorpora uma série de conhecimentos e experiências anteriores que condiciona as estruturas mentais, os interesses, as motivações e as preocupações do visitante que condiciona o seu comportamento e as suas aprendizagens; o contexto físico, composto pela arquitectura do edifício, a qualidade das instalações, o design e os objectos que contêm, condiciona a predisposição e o comportamento dos visitantes; e o contexto social, que condiciona a perspectiva do visitante.²⁷ Embora nem todos os contextos tenham a mesma importância e o mesmo peso no modo como influenciam os

²⁶ GOODACRE, Beth e BALDWIN, Gavin – *Living the Past*. Middlesex: Middlesex University Press, 2002, p.44.

²⁷ DIERKING, Lynn – *The role of context in children's learning from objects and experience*, p. 8-10, in PARIS, Scott G. – *Perspective on Object-Centered Learning in Museums*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2002.

visitantes, “*cada contexto é continuamente construído pelo visitante e é a sua interacção que cria a experiência*”.²⁸

Faz parte do senso comum, e muitos autores afirmam-no, que os visitantes dos museus preferem experiências activas onde possam interagir com os objectos em detrimento das tradicionais exposições de objectos encerrados em vitrinas. A questão que está intimamente relacionada com este ponto de discussão é se nestas exposições e experiências os visitantes limitam-se à distração ou se aprendem efectivamente algo.

Qualquer experiência que traga novas informações ou conhecimentos, que permitam o desenvolvimento de capacidades psico-motoras e que favoreçam o desenvolvimento de competências científicas e sociais é uma experiência de aprendizagem.

Se um visitante vai a um museu e se depara com conhecimentos e informações especializadas, se pode percorrer diferentes espaços e interagir com os objectos da colecção e se melhora a sua capacidade de observação, ou de outro sentido sensorial, desenvolvendo competências de análise e de crítica, então ele está a vivenciar uma experiência de aprendizagem. Se durante o espaço de tempo que permanece no museu, o visitante vive momentos de lazer e descontração, então tanto melhor. A dimensão lúdica e de prazer dos museus são duas mais-valias que se acrescem à função educativa dos museus.

5. A Avaliação das Exposições

A avaliação das exposições é uma temática que tem adquirido uma grande importância nas últimas décadas, existindo, cada vez mais, literatura recente relacionada com este tema.²⁹ Esta consiste em questionar a sua eficácia e aprender a partir dos seus sucessos e fracassos, pois só um processo contínuo de avaliação permite aprender e crescer.

Contrariamente ao que se possa pensar, a avaliação de uma exposição não é um momento realizado exclusivamente no final da mesma. Pelo contrário, é contínua, acompanhando todas as fases do seu processo de planeamento e organização, desde a recolha de ideias até a abertura e ao encerramento da exposição.

As exposições podem, e devem, ser avaliadas em três momentos, correspondentes a três tipos de avaliação complementares. A primeira é diagnóstica, feita antes do início do planeamento da exposição com o objectivo detectar antecipadamente mais-valias que

²⁸ FALK, John H. & DIERKING, Lynn D. – *The Museum Experience*. Washinton D.C.: Whalesback Books, 1997, p.3.

²⁹ DEAN, David – *Museum Exhibition: Theorie and Practice*. London: Routledge, 1994, p.91.

poderão valorizar a exposição e promover a identificação de indicadores que permitam avaliar, posteriormente, impactes sociais, culturais e educacionais; a segunda é a avaliação formativa, realizada durante a fase do planeamento e produção da exposição com o objectivo de dar a conhecer o ponto da situação da exposição, os seus avanços ou atrasos, permitindo corrigir atempadamente os erros detectados; finalmente, a terceira é a avaliação sumativa, levada a cabo na fase final da exposição, quando esta é aberta ao público, com o intuito de verificar se a planificação foi bem sucedida e se as metas foram atingidas. Não descorando o carácter indispensável dos dois últimos tipos de avaliação, crê-se, no entanto, que é a primeira que deve ser, cada vez mais, privilegiada, uma vez que é ela que permite construir programas adaptados à realidade de cada museu e definir indicadores de avaliação.

Contudo numa correcta avaliação das exposições, para além de instrumentos adequados e rigorosos, é também necessário definir, muito especificamente, as metas que se pretendem atingir e os objectivos que conduzem ao alcance das mesmas. Não se deve ignorar que a avaliação continua a ser, essencialmente, um processo utilizado para testar e determinar se as metas e os objectivos estão a ser atingidos conforme o planeado³⁰.

Para isso, os objectivos de uma exposição devem ser mensuráveis e, sempre que possível, quantitativos, no sentido de evitar a subjectividade e permitir a sua correcta avaliação.

Neste sentido, Screven aponta três questões essenciais em torno das quais se devem determinar os objectivos a avaliar numa exposição: saber qual o impacto que a exposição deverá ter no visitante; como serão atingidos os objectivos e saber se as metas e os objectivos traçados tem o impacto desejado junto do público³¹. Porém, a visão que Screven tem de avaliação exige, antes de mais, um profundo conhecimento dos públicos que visitam o museu.

A avaliação das exposições deve ter em atenção três áreas chave: o processo de desenvolvimento, a eficácia e o público. De acordo com Ross Loomis, a avaliação não deve centrar-se apenas nos aspectos do planeamento e desenvolvimento da exposição,

³⁰ LOOMIS, Ross J.- *Museum visitor evaluation: New tool for Management*. Nashville: American Association for Stat and Local History, 1987, p.203.

³¹ SCREVEN, C. G. – *Some thoughts on evaluation*, in “The Visitor and The Museum”. Washinton: American Association of Museums, 1977, p. 31.

na comunicação e nos conteúdos educativos. Mais importante que isso, são os diferentes públicos e as suas expectativas³².

Quando se pensa na avaliação de uma exposição, a primeira preocupação deverá ser a reacção dos públicos. Dever-se-á ter em consideração se a exposição foi capaz de atrair a atenção dos visitantes e, se o fez, se eles aprenderam algo; se a exposição correspondeu às suas necessidades, se lhes forneceu repostas; se foi ao encontro dos suas expectativas; se lhes proporcionou experiencias estimulantes e interessantes e, finalmente, se lhes incutiu o desejo de regressar.

Não obstante, os diversos modos de avaliação exigem, por si só, um conjunto de meios que permitam observar os processos e tirar conclusões. Alguns destes meios podem ser escritos ou não escritos. Os tradicionais meios de avaliação são os inquéritos de opiniões. São estes que fornecem uma reacção directa daquilo que se pretende avaliar. Contudo, a construção destes inquéritos tem de ser precisa e simultaneamente abrangente, de modo a não limitar as respostas dos inquiridos.

Mais recentemente, Paul Alter e Rita Ward defenderam o “modelo da mente”³³, uma nova forma de avaliação que privilegia os factores humanos como elementos de reflexão atenta nas reacções e nos instintos dos visitantes para compreender se estes estão a compreender correctamente a mensagem transmitida e se a exposição está, ou não, a proporcionar-lhes uma boa experiencia.

³² LOOMIS, Ross J.- *Museum visitor evaluation: New tool for Management*. Nashville: American Association for Stat and Local History, 1987, p.202.

³³ ALTER, Paul; WARD, Rita Exhibits evaluation: taking account of humam factors, in “ The Educational Role of the Museum ”. London: Routledge,1994, p.229.

III. APRESENTAÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO

1. A Casa do Infante – Evolução Histórica e Funcional

A Casa do Infante, considerada Monumento Nacional desde 1924, ocupa uma extensa área da zona ribeirinha da cidade e os seus espaços edificados constituem a “*memória do antigo centro de serviços da coroa*”³⁴ na cidade do Porto. Para além do que representa em si, este conjunto edificado é testemunho da arquitectura civil do velho burgo e resulta em grande parte da “*circunstância de a tradição reconhecer também o local como berço do Infante D. Henrique, o grande impulsionador dos descobrimentos portugueses durante o século XV.*”³⁵

A sua origem remonta aos tempos medievais quando, em 1325, D. Afonso IV mandou construir um “*almazém*”³⁶ régio contra a vontade do Bispo do Porto, o então senhor da cidade. Nascia a Alfândega do Porto, local para onde eram encaminhadas todas as mercadorias que chegavam à cidade com o objectivo de recolher os devidos impostos. A estrutura primitiva da alfândega medieval era composta por um pátio central e por duas altas torres. Os pisos mais altos da torre Norte funcionavam como habitação.

Com o avançar dos tempos a cidade do Porto, graças à actuação de uma influente e importante burguesia, enriqueceu e tornou-se num importante centro de comércio. A afluência de riquezas à cidade contribuiu largamente para a “*monumentalização do edifício alfandegário*”³⁷. No século XV, D. João I mandou acrescentar-lhe um corpo avançado, cujo pórtico rematava por um lintel com uma inscrição e um nicho onde deveria estar a imagem da Virgem protectora das Alfândegas.

Nos inícios da época moderna, verificou-se a concentração, no edifício e nas suas imediações, de outros importantes serviços da coroa tais como a Casa da Moeda, a Contadoria da Fazenda e o Paço dos Tabelaes.

Porém, o AHMP encontra-se indissociavelmente ligado à figura do Infante D. Henrique e à tradição, de que este terá nascido neste local, em 1394. Esta teoria, embora não seja totalmente consensual, é conhecida pelo cronista Fernão Lopes e

³⁴ REAL, Manuel Luís - *Henrique, O Navegador*. Porto: Inova, 1994, p.137.

³⁵ REAL, Manuel Luís - *A Casa do Infante*, in “Como se vivia no tempo do Infante D. Henrique”. Suplemento do Jornal de Notícias. 4 de Março de 1994, p.20.

³⁶ REAL, Manuel Luís - *Henrique, O Navegador*. Porto: Inova, 1994, p.140.

³⁷ *Casa do Infante*. CMP, Direcção Municipal de Cultura, Departamento de Arquivos, 2005.

sustentada em documentação existente no arquivo referente às despesas efectuadas pela cidade na altura do baptizado do infante, em 1394. Simultaneamente, o facto da torre Norte do edifício ser destinada, na altura, à habitação do almoxarife do rei contribuiu para a credibilidade da teoria, uma vez que estes locais eram destinados ao acolhimento da Corte quando esta circulava pelo país.

No período moderno, todo o conjunto da Alfândega e da Casa da Moeda sofreu profundas alterações. A fachada avançou sobre a rua, até ao limite actual e foi demolida a parte superior das torres. Na porta que liga o pátio central ao sector Leste do edifício existe uma inscrição de 1677 que assinala essa obra. Ainda neste conjunto de transformações do edifício, a casa da moeda medieval foi parcialmente demolida, muito embora tenha reiniciado o seu funcionamento em 1688.

Os serviços alfandegários funcionaram no edifício até ao século XIX, altura em que foram transferidos para o edifício de Miragaia. Depois disso, o edifício passou a ser utilizada por particulares como armazém.

No século XX, em 1924, a Casa do Infante foi classificada como Monumento Nacional e mais tarde, já nos anos 50, foi alvo de um grande restauro dirigido pela DGEM. Nessa altura foi entregue à cidade e ocupada pelo GHC, organismo cultural que nela desenvolveu vários eventos culturais.

Em 1980, com a extinção do GHC, foi criado o AHMP, com atribuições técnicas mais explícitas³⁸ e com o objectivo de guardar a documentação camarária desde o período medieval. As necessidades deste novo serviço exigiram novas remodelações na estrutura da Casa. Nessa altura, procedeu-se a uma grande intervenção arqueológica com o objectivo de conhecer melhor a história do edifício. Às escavações arqueológicas juntaram-se estudos documentais e arquitectónicos que permitiram um conhecimento pormenorizado do local.

Os vestígios encontrados nas escavações foram, posteriormente, musealizados e constituem um elemento essencial do projecto que deu origem à criação de um circuito de visita museológico que ilustra o local desde o período romano, com recurso a aplicações multimédia e a uma maquete interactiva do Porto medieval.

Durante estas remodelações, dirigidas pelo arquitecto Nuno Tasso de Sousa, aumentaram-se as áreas de depósito, aperfeiçoaram-se as condições de preservação dos documentos, criaram-se laboratórios especializados, surgiram amplas salas de leitura e

³⁸ REAL, Manuel Luís; MEIRELES, Maria Adelaide e RIBEIRO, Fernanda – *Arquivística e Documentação de História Local* in “Actas do I Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas”, vol. II. Porto: APBAD, 1986.

nasceu uma boa área de extensão cultural. O seu objectivo era criar polivalências para o edifício: monumento, arquivo, museu e espaço de fruição cultural com espaços de exposição.

No seguimento das escavações arqueológicas, e após o estudo pormenorizado da evolução do edifício, encontrou-se a justificação para a necessidade da criação de um núcleo museológico no local, que se desenvolveu ao longo de duas fases. A primeira, que decorreu entre 1991 e 2001, tratou essencialmente a memória da alfândega régia e do nascimento do Infante D. Henrique, no contexto do Porto medieval. Entre 2001 e 2005 desenvolveu-se a segunda fase do projecto onde se explorou a informação conhecida sobre a ocupação romana do espaço e sobre a casa da moeda, que funcionou no mesmo local, e a intensificação do comércio na cidade na época moderna.

Inicialmente, a gestão do núcleo museológico estava sob a responsabilidade do Departamento de Museus da CMP mas, desde Maio de 2005, passou para o DMA. É de destacar que este foi o primeiro museu a ser certificado no âmbito da Norma NP EN ISO 9001:2000, após a implementação do SGQ que abrangeu todo o DMA em 2006.

	HORÁRIOS Núcleo museológico Terça a Sábado 10h00 às 12h30 (última admissão 12h00) 14h00 às 17h30 (última admissão 17h00) Domingo 14h00 às 17h30 (última admissão 17h00) Encerra às Segundas e feriados. Arquivo Histórico e Biblioteca de Assuntos Portuenses Segunda a Sexta 08h30 às 17h00 (última admissão 16h30) Exposições Temporárias Segunda a Sexta 10h00 às 12h00 / 14h00 às 17h00 Sábado e Domingo 14h00 às 17h00 (abertura condicionada)
CONTACTOS: Rua da Alfândega, 10 4050 – 029 Porto Telefone: 222060400 Fax: 222060401 E-mail: dmah@cm-porto.pt	

Quadro 2 - Contactos e horário de funcionamento da Casa do Infante

2. A Estrutura orgânica da Instituição

O AHMP, mais vulgarmente conhecido como “*Casa do Infante*”, ocupa um lugar de destaque no imaginário da cidade³⁹ e é, actualmente, considerado um dos melhores arquivos nacionais e até mesmo da Europa. Esta instituição, está inserida no DMA da

³⁹ REAL, Manuel Luís – *Intervenção Arqueológica na Casa do Infante*, in “Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular”. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1995, p.505.

CMP, criado em 1996 e dirigida pelo Dr. Manuel Luís Real. A sua missão é promover a organização, o acesso e a difusão da informação produzida ou recebida pelo Município no exercício da sua actividade e materializada em documentos, conservados a título temporário ou definitivo, em razão da sua natureza administrativa e do respectivo interesse histórico-cultural.

Por razões de natureza institucional, os fundos do DMA distribuem-se e são geridos em locais distintos: os chamados Arquivos Administrativos, o Arquivo Geral e Arquivo Histórico.⁴⁰ No anexo 1 encontram-se organigramas reflectem a estrutura e as articulações que se estabelecem entre o DMA e o Arquivo Histórico do Porto.

Para obter um funcionamento organizado e coerente, o AHMP está dividido em vários espaços e sectores. A *Sala Memória* é um espaço que se destina a evocar as grandes figuras que estiveram ligadas às instituições que antecederam o Arquivo Histórico como o *Cartório da Cidade* e, mais tarde, o *GHC*, tais como: João Pedro Ribeiro, Artur de Magalhães Basto, J. A. Pinto Ferreira e António Cruz, entre muitos outros (desde logo o seu “sucessor”: Dr. Manuel Luís Real). Esta é também considerada a “grande sala de visitas do Arquivo”, onde são recebidas entidades convidadas e altas dignidades, como líderes políticos locais, centrais ou Chefes de Estado que visitam a cidade e passam pelo Núcleo Museológico.

A *Sala de Leitura* é o espaço onde são recebidos os leitores que requisitam, e consultam, a documentação existente nos depósitos da instituição. Para tal, esta sala possui mobiliário adequado à circunstância, tal como mesas, cadeira computadores, entre outros, e reúne os principais instrumentos de descrição dos fundos documentais do arquivo, em formato papel ou em suporte informático, que permitem ao leitor aceder à informação desejada. Para que este espaço funcione constantemente, estão escalados permanentemente dois técnicos que deverão responder a todas as dúvidas e solicitações dos seus utilizadores.

A *Biblioteca de Assuntos Portuenses* foi criada para dar apoio aos utilizadores e investigadores do Arquivo, no sentido de promover os estudos sobre a história da cidade do Porto e funciona em regime de livre acesso, com consulta presencial. Está actualmente instalada no piso superior à Sala de Leitura e nela encontram-se obras que abrangem, sobretudo, a História da Cidade do Porto, a sua configuração espacial, obras de referência no domínio da Arquivística, Enciclopédias, obras de referência geral, entre

⁴⁰ REAL, Manuel Luís – *Arquivos Municipais em Portugal: Porto O sistema de arquivos da Câmara Municipal do Porto*, in “Separata de Arquivística”. Braga: Arquivo distrital de Braga, 1996, p. 11.

outras. Esta biblioteca possui, também, uma base de dados bibliográfica, a PORBASE, e outras bases secundárias, como os índices da Revista “O Tripeiro”. O acompanhamento aos leitores, tal como na sala de leitura, é feito por um técnico com formação superior.

O *Serviço de Reprodução* é responsável pela reprodução de documentos em diversos formatos, microfilme, digitalização ou fotocópia, em função das necessidades dos utilizadores. Este serviço está directamente articulado com a sala de leitura, onde o utilizador preenche a requisição de reprodução.

No *Sector de Documentos Especiais* são tratados documentos que, pela sua natureza tipológica, dimensão ou suporte exigem um “tratamento especial” da parte dos técnicos. Este tratamento pressupõe a classificação, ordenação, descrição e acondicionamento de documentos. É aqui que são tratados, por exemplo, registos de plantas de casas, mapas de arruamentos, processos de obras.

No *Sector de Arquivos e Colecções* procede-se ao tratamento técnico de arquivos de natureza pública e privada, bem como de colecções que exigem, pela sua natureza e conteúdo, um cuidado diferente. Uma das operações mais usuais neste sector é a descrição documental e à consequente produção de registos de autoridade arquivística.

O *Sector de Gestão e Depósitos* dedica-se ao controlo da instalação física dos documentos, através do seu acondicionamento, da colocação de cotas e do acautelamento das condições necessárias à sua conservação e preservação. Outra vertente deste sector é a movimentação da documentação, quer para a sala de leitura, quer para tratamento técnico pelos profissionais do arquivo.

O *Sector de Conservação e Restauro* possui um conjunto de equipamentos disponíveis para a conservação preventiva da documentação, tais como: bancas de lavagem e utensílios para agir sobre os pontos mais críticos dos documentos. Este sector possui, também, uma sala de expurgo, onde se procede a tratamentos de documentos por anóxia.

Finalmente, o *Sector Cultural e Educativo* é responsável pelo acompanhamento de visitas ao Núcleo Museológico da Casa do Infante e pela realização de actividades de extensão cultural e educativa junto de públicos diversos. As suas principais actividades pedagógicas e didácticas, junto de públicos escolares, são oficinas, visitas e exposições temporárias.

3. O Sector de Extensão Cultural e Educativa

O estágio realizado no AHMP desenvolveu-se no SECE, dirigido e coordenado pela Dra. Daniela Ferreira. Consciente da necessidade de reequacionar a relação que estabeleciam com os seus visitantes, o SECE criou, especificamente, um serviço educativo dentro da orgânica do DMA. Este tem como principais objectivos atrair novos públicos à instituição; dinamizar os vários serviços do AHMP, valorizar a relação entre o edifício histórico, em que se encontra instalado, e a cidade; contribuir para a formação ética, estética e cultural da comunidade envolvente; desenvolver o espírito de cidadania de crianças e jovens e estabelecer parcerias com as associações culturais, recreativas e sociais da área circundante.

De forma a incrementar os seus fins, o serviço educativo cria e implementa diversas iniciativas que pretendem explorar temas relacionados com o património documental do seu arquivo, com a Casa do Infante e o seu núcleo museológico e com a História, vivências e características únicas da cidade do Porto.

Das várias actividades desenvolvidas pelo SECE destaca-se a realização de oficinas pedagógicas, cujo objectivo é facilitar a compreensão da informação transmitida ao mesmo tempo que se estimula a criatividade dos participantes.

Alguns exemplos de oficinas disponibilizadas pelo serviço educativo são: a *Oficina do Escrivão*, a *Oficina de Encadernação*; *Qual é a mensagem?*; *Fantasmagoria de papel*; *Os Cerra-livros*; e *Arquivar é preciso*. Estas oficinas foram pensadas e elaboradas no sentido de desenvolver junto dos jovens o interesse pelos documentos e pela arquivística, ao mesmo tempo que procura despertar neles a vontade de guardar e conservar os registos da nossa história.

Não obstante, o serviço educativo disponibiliza outras oficinas mais relacionadas com o núcleo museológico da casa do infante tais como: *Fantoches e Companhia*; *Brasões, Escudos e Emblemas*; *Os arquitectos somos nós*; *Safari na Casa do Infante* e *Parabéns Infante!*. Estas oficinas são já mais direccionadas para a exploração do complexo edificado da Casa do Infante e para uma melhor compreensão da obra e da vida do Infante D. Henrique.

Por outro lado, o SECE dinamiza, também, visitas orientadas à Casa do Infante que visam apresentar aos visitantes diversas perspectivas de análise sobre a importância e evolução do edifício e da estreita relação que este estabeleceu com a cidade ao longo

dos tempos; exposições temporárias, que procuram mostrar aos seus visitantes diferentes áreas de construção do conhecimento interligadas com a cidade e com as suas vivências e disponibiliza, ainda, sempre que pedido, um conjunto de exposições itinerantes.

Finalmente, o SECE é, ainda, responsável por outras actividades como “*Terça às Três*”, em que se realiza uma visita guiada à Casa do Infante que inclui o núcleo museológico e a exposição temporária que estiver em apresentação, e “*O Documento do mês*” que tem por objectivo apresentar à comunidade um ou mais documentos do acervo documental do AHMP, relacionados com a história do arquivo ou da cidade do Porto.

Até ao momento, o serviço educativo tem desenvolvido actividades, sobretudo, com o público pré-escolar, a partir dos três anos, com o público escolar do ensino básico, embora pretenda cativar outros públicos, desenvolvendo projectos de continuidade com outros grupos minoritários.

IV. ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ÂMBITO DO ESTÁGIO

As actividades desenvolvidas no âmbito do estágio, que tiveram início a 1 de Outubro e se prolongaram até 31 de Maio, foram inicialmente acordadas entre a orientadora de estágio, a Dra. Daniela Ferreira e a orientadora da Faculdade, a Professora Doutora Alice Semedo. Após esta concordância, elaborou-se um projecto de estágio que se encontra no anexo 3 deste relatório.

Nos quadros 3 e 4, encontram-se as principais directrizes e objectivos, inicialmente definidos, que orientaram o estágio.

- A- Apoiar no planeamento das actividades do SECE para 2009;
- B- Apoiar na preparação de materiais para as oficinas programadas;
- C- Apoiar na recepção e atendimento de grupos;
- D- Apoiar e orientar visitas e oficinas pedagógicas;
- E- Planificar a exposição comemorativa do 40º aniversário da chegada do Homem à Lua: Pesquisas; Concepção; Divulgação e Marketing; Serviço Educativo
- F- Elaborar uma proposta de valorização do património da Casa do Infante, de acordo com os diferentes públicos e faixas etárias recebidos pelo SECE, com base nas pesquisas efectuadas durante o tempo de permanência na instituição.

Quadro 3 Actividades a desenvolver no estágio

- E - Planificar a exposição comemorativa do 40º aniversário da chegada do Homem à Lua:
 - E1 – Pesquisas
 - E1.1 – Pesquisas bibliográficas
 - E 1.2 – Pesquisas em periódicos
 - E 1.3 – Pesquisas em fontes primárias da CMP
 - E2 - Concepção;
 - E2.1 – Definição do Conceito da Exposição
 - E2.2 – Definição das principais áreas temáticas da exposição
 - E2.3 – Identificação de Objectivos
 - E2.4 – Planeamento da exposição
 - E3 - Divulgação e Marketing;
 - E3.1 – Identificação dos principais públicos alvo
 - E3.2 – Identificação de instituições “chave” a contactar
 - E3.3 – Elaboração de proposta de comunicação
 - E4 - Serviço Educativo
 - E4.1 – Identificação dos principais públicos alvo
 - E4.2 – Elaboração de actividades para diferentes públicos

Quadro 4 - Especificação das actividades a desenvolver no ponto E

1. A Integração no Local de Estágio

As várias actividades desenvolvidas no AHMP tiveram como objectivo a integração num contexto laboral relacionado com a valorização do património existente na instituição, planificar e conceber formas de mediação cultural.

Inicialmente, foi feita uma visita a todos os sectores do AHMP, no sentido de compreender o trabalho que se efectua e os contributos de cada um para o cumprimento dos objectivos e da missão da instituição. Na sequência desta visita, foram apresentados alguns processos e instruções de trabalho que regem o seu dia-a-dia e a estrutura orgânica da instituição.

No sentido de compreender melhor o funcionamento do DMA, foi realizada, no mês de Abril, uma visita ao Arquivo Geral da CMP e à UCD, onde foi apresentada a documentação existente no arquivo, a sua organização e condições de consulta. Outros aspectos que orientaram a visita foram a chamada de atenção para a necessidade de desmaterializar o arquivo e os novos procedimentos de digitalização da documentação.

Para além destas visitas, na segunda semana de estágio, participou-se na acção de formação “*Alterações nas Normas ISO 9001 e 9004*”. Integrada no SGQ, a Casa do Infante mantém os seus funcionários actualizados nas normas da qualidade.

No decorrer das primeiras semanas de estágio, acompanhou-se a montagem da exposição “*Foi há 100 anos: o Tripeiro*”, na qual o Dr. Manuel Real transmitiu um conjunto de cuidados a ter com a montagem de uma exposição e alguns aspectos para realçar peças e documentos expostos.

Ao longo do estágio, participou-se, ainda, em várias actividades do SECE da Casa do Infante tais como: visitas orientadas ao núcleo museológico, exposições temporárias e oficinas, todas elas enquadradas nos pontos B, C e D do projecto de estágio. Estas desenrolaram-se mais intensivamente na semana anterior à Páscoa, altura em que se desenvolveram várias oficinas integradas nesta época festiva. Neste contexto, participou-se na dinamização das oficinas de Fantoques e de Papel Reciclado, assim como no paddy papper “*Conhecer o porto do Porto*”. Estas oficinas foram sempre precedidas de uma visita ao núcleo museológico ou à exposição temporária “*Um Porto Genuíno*”, que continha um conjunto de fotografias da cidade de António Cossa.

2. Metodologias e Organização da Pesquisa Documental

A maior parte do estágio centrou-se, no entanto, na planificação da exposição comemorativa do 40º aniversário da chegada do Homem à Lua – “1969 – 21 de Julho - *Evocações portuenses a propósito da chegada do Homem à Lua*”. Esta estava inserida no Plano Anual de Actividades do SECE e integrou-se nos pontos A, B e E do plano de estágio.

Neste contexto, contribuiu-se para a planificação da exposição e auxiliou-se na preparação dos materiais para a oficina que lhe está associada. No entanto, as actividades desenvolvidas centraram-se, essencialmente, no ponto E do plano de estágio que está relacionado com a planificação da exposição.

No ponto E1 do plano de estágio, relativo às pesquisas de informação, consultaram-se diversas fontes primárias e secundárias com o objectivo de criar uma contextualização em torno do período em estudo e de pontos essenciais, tais como: a transição do poder de Salazar para Marcelo Caetano, assim como da chamada Primavera Marcelista; a situação política e cultural do Porto nessa época e uma breve contextualização da corrida espacial na década de sessenta que culminou em 1969 com a chegada do Homem à Lua. Para este último aspecto, consultou-se bibliografia geral. Dada a reduzida informação recolhida na bibliografia, as pesquisas sobre este tema centraram-se, essencialmente, em sites da internet. Porém, é de ressaltar que na consulta de todos os sites atendeu-se a critérios de selecção, procurando apenas informação credível e segura, uma vez que no mundo da internet existem inúmeros sites de opinião pessoal sem critérios de rigor científico. Privilegiaram-se, para este ponto os sites da NASA, que se apresentam como os mais credíveis no estudo desta temática.

Numa primeira fase realizou-se uma pesquisa de informação bibliográfica no sentido de elaborar uma primeira abordagem ao tema em estudo e para facilitar a subsequente procura de fontes capazes de aprofundar a investigação científica sobre o tema. Consultaram-se obras de carácter geral como Histórias de Portugal, Dicionários de História e, em particular, o Dicionário de História do Estado Novo.

Na sequência destas pesquisas iniciais identificaram-se as questões e problemas que guiaram as pesquisas subsequentes, assim como fontes capazes de responder a essas mesmas questões.

Desde logo elegeu-se uma fonte de excelência: a imprensa da época. Estas fontes são privilegiadas para conhecer o quotidiano de uma localidade pois revelam diariamente, os principais acontecimentos e as suas vivências. De igual forma, esta fonte permite também descortinar as reacções das populações a acontecimentos de destaque. Contudo, é necessário ressaltar que os jornais, tal como todas as publicações da época, eram visados pela censura que “cortava” tudo o que se considerava contra o regime e que o pudesse ameaçar.

Após o levantamento das várias questões de partida e de uma primeira exploração de fontes periódicas, constatou-se a insuficiência de dados para a realização de uma abordagem exclusiva à chegada do Homem à Lua e à caracterização do Porto no mês de Julho. Neste sentido, optou-se por alargar as pesquisas e caracterizar a cidade no ano de 1969. Esta alteração determinou o alargamento do próprio conceito da exposição. Se inicialmente se pensou numa exposição em torno do dia 21 de Julho e da chegada do Homem à Lua, após as primeiras pesquisas, o conceito da exposição estendeu-se às vivências do Porto em todo o ano de 1969.

Na sequência desta mudança, foi necessário repensar as questões de partida e as fontes a consultar. Concluiu-se que não seria necessário colocar de lado as questões inicialmente levantadas, mas antes explorar mais aprofundadamente a caracterização da cidade nesse ano. As novas questões levantadas relacionavam-se com a identificação de características sociais, culturais e urbanísticas que permitissem criar uma imagem da cidade. De igual forma identificaram-se outros tipos de fontes capazes de caracterizar a cidade, tais como relatórios de contas, projectos urbanísticos, mapas, fotografias, entre outros. Nesta mesma fase identificou-se uma instituição produtora de informação a privilegiar: a CMP.

A fase das pesquisas de informação desenvolveu-se em três momentos. O primeiro centrou-se na pesquisa de informação bibliográfica, como já foi referido, o segundo em pesquisas de periódicos e o último em pesquisas de fontes primárias da responsabilidade da CMP.

No que se refere às pesquisas em periódicos, que se desenvolveram entre os meses de Outubro e Março, podem destacar-se, ainda, as pesquisas realizadas na BPMP. Dada a imensidão de jornais periódicos editados na época, centramos a nossa pesquisa em três publicações diárias da época: *O Comércio do Porto*, o *JN* e o *Diário do Norte*. A opção por estes três periódicos pautou-se pela sua origem de produção. Todos eles são jornais do norte que destacam diária e preferencialmente os acontecimentos desta região do país

e em particular da cidade do Porto. Numa fase inicial consultou-se apenas o mês de Julho, prestando particular atenção aos dias que antecederam e que se seguiram à chegada do Homem à Lua. No entanto, posteriormente, estas consultas alargaram-se a todo o ano de 1969.

Relativamente às pesquisas feitas em periódicos, é de destacar, ainda, a análise da crónica “*Radiografia da Cidade*”, publicada no JN, que foi de extrema importância para a caracterização da cidade nesse ano.

Na BPMP, também se consultou a revista FLAMA. Esta revista semanal de actualidades era dirigida por António Reis a partir de Lisboa. Apesar de não ser uma revista local do Porto, é, no entanto, um importante meio para compreender como foi vista a exploração espacial no ano de 1969. Neste sentido, consultaram-se todas as revistas desse ano, prestando-se especial atenção às notícias relativas à temática em estudo.

Outro periódico consultado para pesquisa de informação sobre este tema foi a revista *O Tripeiro*. Contudo, após várias pesquisas feitas nos índices da mesma e a consulta de várias publicações de 1969 e de anos posteriores, não surgiu nenhuma referência ao tema em estudo.

Na sequência das pesquisas em periódicos, partiu-se para a exploração de diversas fontes primárias da autoria e responsabilidade da CMP tais como o *Boletim Municipal*, que apresentava pequenos resumos das actas da câmara; o *Boletim Cultural*, que compreendia vários artigos de interesse para a história da cidade; o orçamento para o ano de 1969, e o relatório de contas do mesmo ano.

Destas quatro fontes, apenas a última revelou aspectos importantes e de destaque que se realizaram no ano em que o Homem chega à Lua. O relatório de contas, para além de apresentar os gastos da CMP, faz também uma breve contextualização inicial do que mais importante se viveu nesse ano, assim como os principais acontecimentos que marcaram a vida da cidade.

Um dos primeiros objectivos traçados para a compreensão da vida da cidade foi identificar os acontecimentos que marcaram a cidade no ano em que o Homem chegou à Lua. Os acontecimentos referenciados no Relatório de Contas de 1969 foram um excelente ponto de partida e serviram para a elaboração de um quadro síntese dos mesmos. Este completou-se, posteriormente, com acontecimentos recolhidos nos “Recortes de Notícias da CMP”. Esta última fonte, tal como o nome indica, apresenta

recortes de notícias, de vários jornais, que estevam relacionados com a CMP e com a cidade.

Nos quadros 5 e 6, construídos neste contexto, destacam-se os acontecimentos recolhidos nas diversas fontes e que se relacionam com a exploração espacial, a vida política da cidade, inaugurações, exposições, entregas de medalhas de honra da cidade, acontecimentos gerais e aniversários comemorados em 1969.

	Espaço	Política	Inaugurações	Exposições e Concertos
Janeiro		- Recenseamento para as eleições da Assembleia Nacional; - Visita do Presidente da República;	- Centro de Formação Acelerada do Cerco do Porto;	- XVII exposição canina - IV Serie Internacional de Concertos Sinfónicos;
Fevereiro	Projecção dos Filmes “Projecto Apolo” e “Apolo 8”			
Março		- Morte do presidente da CMP (Pinheiro Torres) - Eleições para procurador do Conselho do Porto;	- Piscinas do Fluvial; - Primeiros comboios eléctricos;	
Abril		- Auto de posse do novo Governador Civil do Porto; - Posse do novo Presidente da CMP (Nuno Vasconcelos Porto) - Visita do Presidente da Republica;	- Jardim-escola João de Deus; - Estádio Salazar (FNAT-Ramalde);	- Exposição de arte infantil; - Exposição - O Porto visto pelas crianças; - Exposição de Filatelia
Maiο		- Visita de Marcelo Caetano		- Exposição de Etnografrafia
Junho				- Exposição de antiquárias - Exposição de trajes e costumes populares - Exposição de litografias
Julho		- Regresso do Bispo do Porto		
Agosto				
Setembro				- Metalο Mecânica
Outubro		- Visita Presidente da Republica - Eleições para a Assembleia Nacional	Porto Leixões	
Novembro				- Valores culturais
Dezembro	Filme comentado sobre o Apolo XI			- Pedro Alvares Cabral

Quadro 5 - Acontecimentos de destaque no Porto em 1969

	Medalhas de Honra	Acontecimentos	Aniversários Comemorados		
			100°	50°	Outros
Janeiro		- Festival dedicado às mães portuguesas; - Mau tempo;		- Fundação da Sociedade Portuguesa de Antropologia	
Fevereiro	<i>O Primeiro de Janeiro</i>		O Primeiro de Janeiro		59° aniversário do Orfeão do Porto
Março		- Cheias do Douro			
Abril	Jorge da Fonseca	- Dia do Turista			51° aniversário da batalha de La Lys
Maió	Maria José Novais e Marcelo Caetano	- Feira do Livro - Feira do Porto;			58° aniversário da GNR
Junho		- Festa da Primavera - Festas São-Joaninas - Concurso de Cascatas			
Julho					
Agosto			Ateneu Comercial do Porto		
Setembro					
Outubro		- Tomada de Posse do reitor e vice-reitor da Universidade do Porto	Nascimento de Marques da Silva		
Novembro					51° aniversário do Armistício I guerra mundial
Dezembro			Morte de Arnaldo Gama	Fundação 1ª Faculdade Letras	

Quadro 6 - Acontecimentos de destaque no Porto em 1969

Outras fontes de extrema importância que se consultaram para a concepção de uma exposição, foram as fotografias da CMP que se encontram no AHMP. Inicialmente, elaboram-se pesquisas numa base de dados da instituição, organizando-se as fotografias de 1969 por ordem temática. O quadro 7 apresenta a organização e divisão das fotos identificadas nas bases de dados da instituição. Para a organização desta fonte, criaram-se temas e subtemas que poderiam ser interessantes para ilustrar o quotidiano da cidade, a evolução da mesma e os principais acontecimentos do ano de 1969.

Inicialmente, organizaram-se as fotografias em três grandes áreas temáticas: a cidade, a vida cultural e a vida política. Porém, pela grande quantidade de fotografias criaram-se mais três grupos. A visita de Marcelo Caetano, a morte do presidente da CMP, Pinheiro Torres, e o Dia do Turista. Estes aspectos, apesar de se relacionarem

com a vida política da cidade, mereceram um grande destaque na época. Por essa razão considerou-se que seria relevante destacá-los isoladamente.

O Dia do Turista foi, largamente, fotografado nesse ano pois era muito festejado e tinha um grande impacto junto das populações. Por este motivo, também se destacou separadamente da vida cultural

Temas	Destaques
Cidade	Bairros, Casas, Escolas, Ruas, Demolições, Construções, Vistas da cidade
Cultura	Congressos, Cerimónias, Conferencias, Exposições
Politica	Tomadas de Posse, Entregas de medalhas, Visitas à cidade, Sessões da CMP,
Visita de Marcelo Caetano ao Porto	
Carro acidentado e funeral do Presidente da CMP Pinheiro Torres	
Dia do Turista	

Quadro 7 - Organização temática das fotografias de 1969 exixtentes no AHMP

Depois desta primeira recolha de informação sobre o tema, definiu-se mais concretamente o conceito da exposição, embora este tenha variado ao longo dos primeiros meses de estágio. Inicialmente, o ponto principal da exposição seria a chegada do Homem à Lua e os acontecimentos de destaque na cidade no mês de Julho de 1969. Contudo, uma vez que existia muito pouca informação relativa a este tema e neste período de tempo, concluiu-se que seria mais pertinente alargar o período temporal para todo o ano de 1969.

3. O Conceito e os Objectivos da Exposição

A definição do conceito de uma exposição deve estar intimamente ligada com os objectivos da mesma e com os objectivos da própria instituição. Neste sentido, partiu-se de uma efeméride para revelar o quotidiano da cidade do Porto no ano de 1969, ao mesmo tempo que se procurou dar visibilidade a documentação relativa ao tema que se encontra guardada no Arquivo Histórico.

A exposição “1969 – 21 de Julho - Evocações portuenses a propósito da chegada do Homem à Lua” tem uma vertente, essencialmente documental. Partindo da comemoração do 40º aniversário da chegada do Homem à Lua, pretendeu-se recuar no tempo e revelar os vários aspectos da cidade do Porto e do seu quotidiano na altura em que a Humanidade realizou uma das mais espantosas façanhas do século XX.

Para além de dar a conhecer algumas reacções da cidade à chegada do Homem à Lua e de revelar a vida e as características da cidade em 1969, esta exposição tem ainda como objectivos:

- Valorizar o património documental existente no AHMP;
- Dinamizar o espaço de exposições do AHMP;
- Atrair novos públicos à instituição;
- Desenvolver actividades junto dos públicos para despertar a sua consciência cívica;
- Inculcar junto dos vários públicos a necessidade de preservar os vários tipos de património da cidade, assim como as memórias das suas vivências.

4. O Regresso à Pesquisa Documental

No final de Novembro de 2008, realizou-se uma primeira reunião com o Dr. Manuel Real, com a Dra. Helena Gil e com a Dra. Daniela Ferreira para fazer um ponto da situação do estágio e das novas linhas a seguir na exposição.

Esta reunião foi importante pois delinear-se e definir-se os temas principais a abordar na exposição e que orientaram as pesquisas. No final desta reunião concluiu-se que as pesquisas realizadas foram pertinentes mas privilegiaram-se apenas alguns aspectos gerais e que não foi prestada muita atenção a outros que são de grande interesse, como a questão do quotidiano na cidade. É de ressaltar, no entanto, que a informação que não mereceu destaque na primeira selecção estava contemplada nas sínteses elaboradas.

Definiu-se nesta reunião que a exposição teria três áreas essenciais: uma primeira sobre a chegada do Homem à Lua e sobre a corrida espacial; uma segunda sobre vivências na cidade do Porto no ano de 1969 e uma última sobre os acontecimentos importantes que ocorreram a 21 de Julho ao longo dos anos na História da cidade do Porto.

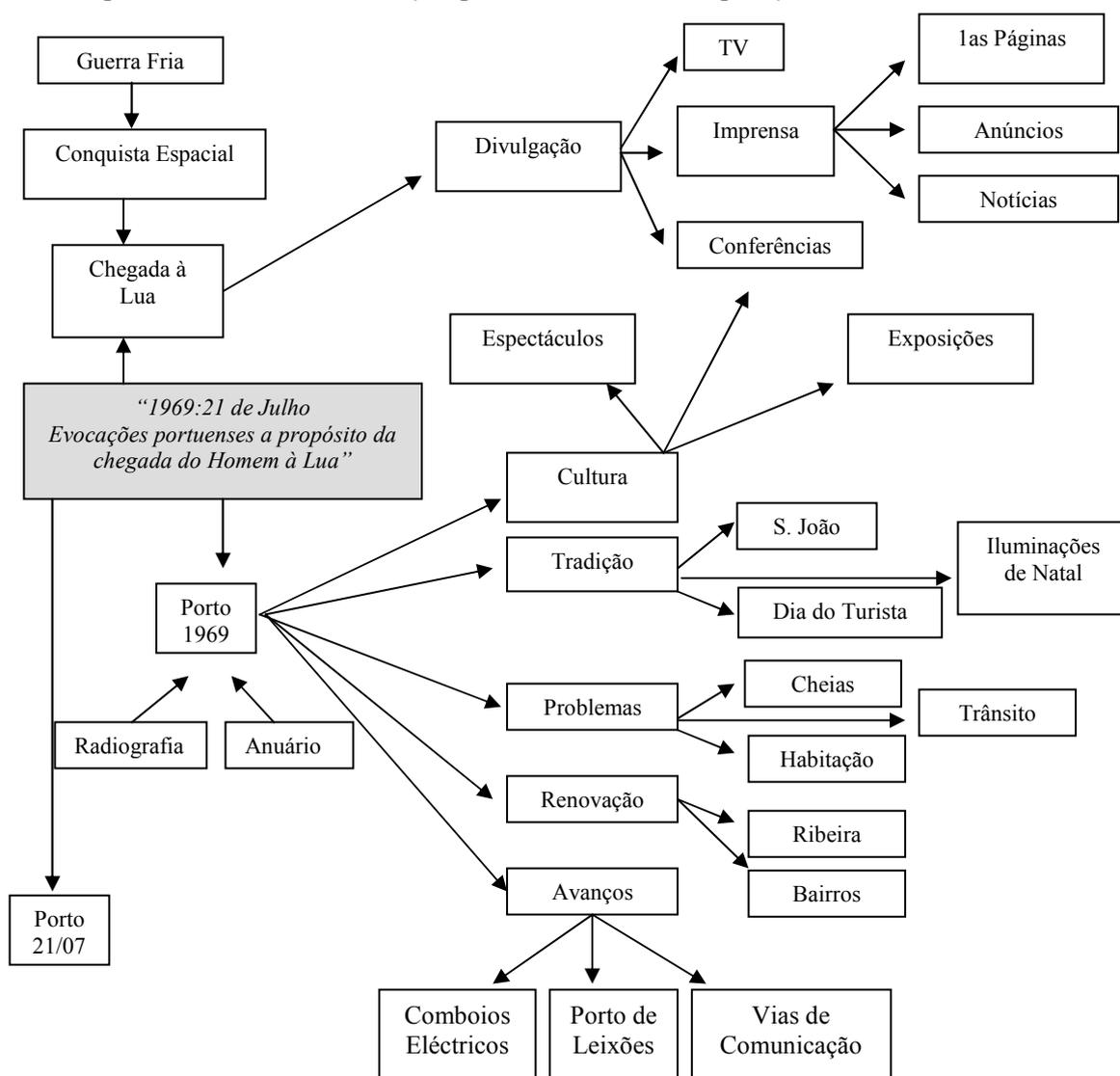
Já no mês de Dezembro, e seguindo as orientações do Dr. Manuel Real, consultaram-se novas fontes primárias existentes na Casa do Infante como o Estudo de Renovação Urbana do Barredo, de 1969, da autoria do Arquitecto Távora; o Anuário do Porto de Santos Viseu de 1969 e o Plano Director da Cidade do Porto de 1962.

As informações recolhidas nestas novas fontes compararam-se com as informações já recolhidas e procedeu-se à definição mais concreta do conceito da exposição.

Com o avançar das pesquisas, a área que apresentou mais dificuldades foi a terceira que pretendia encontrar acontecimentos importantes que tivesse ocorrido a 21 de Julho, no Porto, ao longo da História.

Para esta temática pesquisaram-se acontecimentos nas crónicas “*Aconteceu à 50 anos*” e “*Efemérides Portuenses*” da revista *O Tripeiro*. Por orientação da instituição, consultaram-se, também, licenças de obras concedidas a 21 de Julho desde o início do século XX. Porém, os aspectos encontrados nesta fonte não se mostraram relevantes para a exposição apesar de alguns apresentarem-se com qualidade estética. Folheram-se, também, algumas cronologias gerais e a *Cronologia do Turismo Português do Século XX*, mas não se encontraram acontecimentos históricos nesta data. Ainda neste sentido, consultaram-se as actas de vereação existentes no AHMP e encontraram-se duas actas com esta data.

Após estas pesquisas, elaborou-se o mapa conceptual que se segue, que permitiu definir uma primeira linha de orientação para o desenho da exposição.



No início do mês de Abril voltou-se a fazer uma nova reunião com o Dr. Manuel Real, a Dra. Helena Gil e a Dra. Daniela Ferreira para fazer um ponto de situação da investigação já elaborada até ao momento e para se definirem as partes que constituiriam a exposição e os títulos dos vários painéis.

Estabeleceu-se que a primeira parte da exposição contemplaria informação sobre a corrida espacial e a chegada do Homem à Lua e que seria exposta sob a forma de uma apresentação multimédia e por um painel informativo sobre a conquista do espaço até à chegada do Homem à Lua, no ano de 1969. Propôs-se, também, a possibilidade de adquirir o Telejornal do dia 21 de Julho de 1969 da RTP, que seria uma grande mais-valia para a compreensão da percepção do acontecimento na época, mas tal hipótese foi colocada de lado, dados os gastos financeiros que esta opção exigia. Abordou-se, igualmente, a questão da possibilidade da utilização de vídeos e imagens existentes na internet. Esta hipótese mostrou-se viável desde que se respeitassem os direitos de autor. Ainda nesta parte da exposição estariam presentes painéis sobre a vivência desse acontecimento no Porto reproduzindo-se páginas de jornal, notícias de eventos relacionados com o tema e anúncios inspirados na chegada do Homem à Lua.

A segunda parte da exposição destinaria-se à caracterização da cidade do Porto no ano de 1969 e seria feita através de vários painéis temáticos e sucessivos. Nesta reunião estabeleceram-se logo os títulos para esses mesmos painéis, que seriam:

- 1 – O Porto em 1969 – Um anuário da cidade
- 2 – O Porto em 1969 – Imagens da CMP
- 3 – O Porto em 1969 – Uma Radiografia
- 4 – Porto: uma cidade com problemas;
- 5 – Porto: uma cidade em renovação
- 6 – Porto: uma cidade a despertar para o futuro
- 7 – Porto: uma cidade com tradições
- 8 – Porto: uma cidade em transformação cultural
- 9 – Porto: uma cidade contestatária
- 10 – Três acontecimentos marcantes: A morte do presidente Pinheiro Torres, a visita do presidente do conselho Marcelo Caetano e o Regresso do Bispo do Porto.

Nesta reunião concluiu-se que as pesquisas realizadas para as duas primeiras partes da exposição foram pertinentes, embora se pudessem alargar com a exploração dos

fundos do Teatro Experimental do Porto, do Cineclube, do Teatro Rivoli e em panfletos da contestação estudantil de Maio de 1969 na BPMP.

Nesta reunião voltou-se a insistir na necessidade de uma pesquisa mais exaustiva em busca de acontecimentos ou factos importantes para a História do Porto ocorridos a 21 de Julho. Neste sentido, o Dr. Manuel Real sugeriu como pistas de pesquisas:

- Consultar o Catálogo de Plantas da cidade existentes no AHMP no sentido de encontrar alguma publicada a 21 de Julho;
- Consultar as licenças de obras existentes no AHMP no sentido de identificar autorizações concedidas a 21 de Julho;
- Consultar as actas de vereação, desde o século XIII até ao século XX e tomar conhecimento das decisões tomadas a 21 de Julho;
- Consultar catálogos de várias exposições comemorativas para identificar acontecimentos e documentação que contenha a data 21 de Julho;
- Consultar os vários índices, cronológicos e temáticos, existentes no AHMP e identificar documentação que tenha sido redigida a 21 de Julho.

Outras questões que se levantaram nesta reunião foram a criação de parcerias para alargar o âmbito da exposição e a construção de um catálogo da exposição. A primeira ficou de ser estudada mas não avançou. A segunda, dada a falta de financiamento para o efeito, foi rejeitada. Garantiu-se apenas a publicação de um pequeno roteiro da exposição. Perante isto, levantou-se a hipótese de pedir patrocínios para a publicação do catálogo, que foi aceite desde que existisse um modelo do catálogo completo até ao final do mês de Abril. Dado o atraso da investigação relativamente ao último ponto da exposição referente à data 21 de Julho ao longo da História, não foi possível optar por esta solução.

Com o intuito de se construir um catálogo da exposição e de se reduzir ao máximo os gastos da instituição com o mesmo, propôs-se a elaboração de um catálogo digital que seria produzido na própria instituição à medida das necessidades e mediante as vendas efectuadas ao longo da exposição. Esta proposta foi aceite e catálogo digital concebeu-se conjuntamente com outros técnicos da instituição ligados à área da informática.

5. A Estrutura da Exposição e o Plano Interpretativo

Uma exposição deve ter sempre uma linha lógica e coerente capaz de transmitir correctamente a sua mensagem.

Como já foi anteriormente referido, o tema central de exposição “1969: 21 de Julho – Evocações Portuenses a propósito da chegada do Homem à Lua” é a comemoração do quadragésimo aniversário deste grande feito da Humanidade. Contudo, este tema central teve de ser adequado aos objectivos quer da exposição quer da instituição.

Para conseguir aliar estes dois aspectos, explorou-se a data 21 de Julho de 1969. Partindo do ano em que o Homem chega à Lua, 1969, explorou-se o quotidiano portuense e caracterizou-se a cidade. Por outro lado, explorou-se a data 21 de Julho no sentido de se seleccionar documentos do AHMP que fossem capazes de revelar episódios da história portuense e que, por coincidência, também ocorreram nesta data.

Para estruturar a exposição definiram-se três áreas temáticas, antecedidas de uma primeira introdução, cujo objectivo é enquadrar os visitantes no contexto da conquista espacial e da rivalidade entre EUA e URSS, no âmbito da guerra fria, para compreender os sucessivos avanços que permitiram a chegada do Homem à Lua. Por isso, para além de um primeiro painel referente à guerra fria, optou-se pela construção de uma pequena apresentação multimédia relativa à evolução da conquista espacial até à grande façanha americana. Esta opção prendeu-se não só com questões de animação, e de criar uma maior interacção com o público, mas também com uma questão logística. A referência de todos os avanços da conquista do espaço em painéis exigiria um grande espaço na sala e iria passar a ideia que esse era o grande foco de exposição.

A primeira parte da exposição procura, ainda, dar a conhecer como este grande acontecimento foi conhecido na cidade, como foi percebido pelos habitantes e de que forma se manifestou no seu quotidiano.

Para transmitir a forma como o Porto vivenciou e percebeu a chegada do Homem à Lua, recorreu-se a fontes impressas periódicas. Em três painéis apresentam-se fotografias captadas na Lua que surgiram em edições especiais, as primeiras páginas de alguns jornais diários e alguns anúncios contendo publicidade associada ao grande avanço tecnológico conseguido pelos americanos.

A segunda parte da exposição tem como objectivo caracterizar a vida do Porto nesse ano. Para tal, reproduziram-se alguns números da crónica “*Radiografia da Cidade*” que,

tal como o próprio nome indica, apresenta uma visão alargada da cidade, dos seus problemas, da sua renovação e dos seus avanços para o futuro.

A caracterização da cidade prossegue-se com a apresentação da cidade como um local em transformação cultural mas que mantém as suas tradições, assim como um local onde os estudantes universitários começam a rebelar-se contra as injustiças e a falta de liberdade de expressão, impostas pelo Estado Novo.

Finalmente, a terceira, e última parte da exposição, já mais documental apresenta um conjunto de documentos datados de 21 de Julho.

O esquema que se segue apresenta de forma sumária a estrutura da exposição.

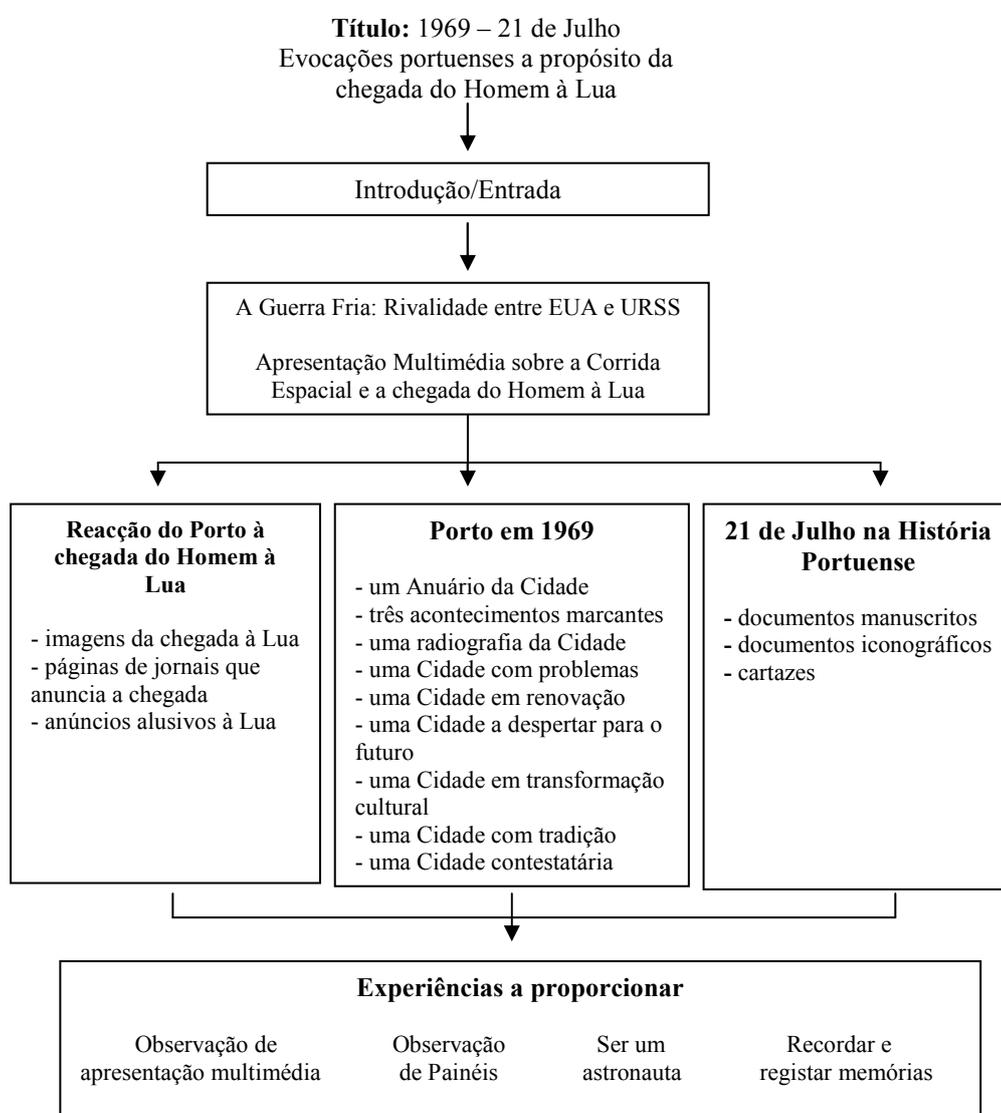


Ilustração 6 - Estrutura esquemática da Exposição

No entanto, não é possível estruturar-se uma exposição sem definir as mensagens que se pretendem transmitir. Não se pode esquecer que estas têm como função comunicar ideias, conteúdos e valores ao mesmo tempo que proporcionam novas experiências.

Para desenvolver-se uma comunicação eficaz é necessário estabelecer conteúdos a transmitir recursos para o fazer. Neste sentido, após a definição dos principais temas e subtemas da exposição criou-se um plano interpretativo que define os objectivos comunicacionais e os recursos mais apropriados para o fazer.

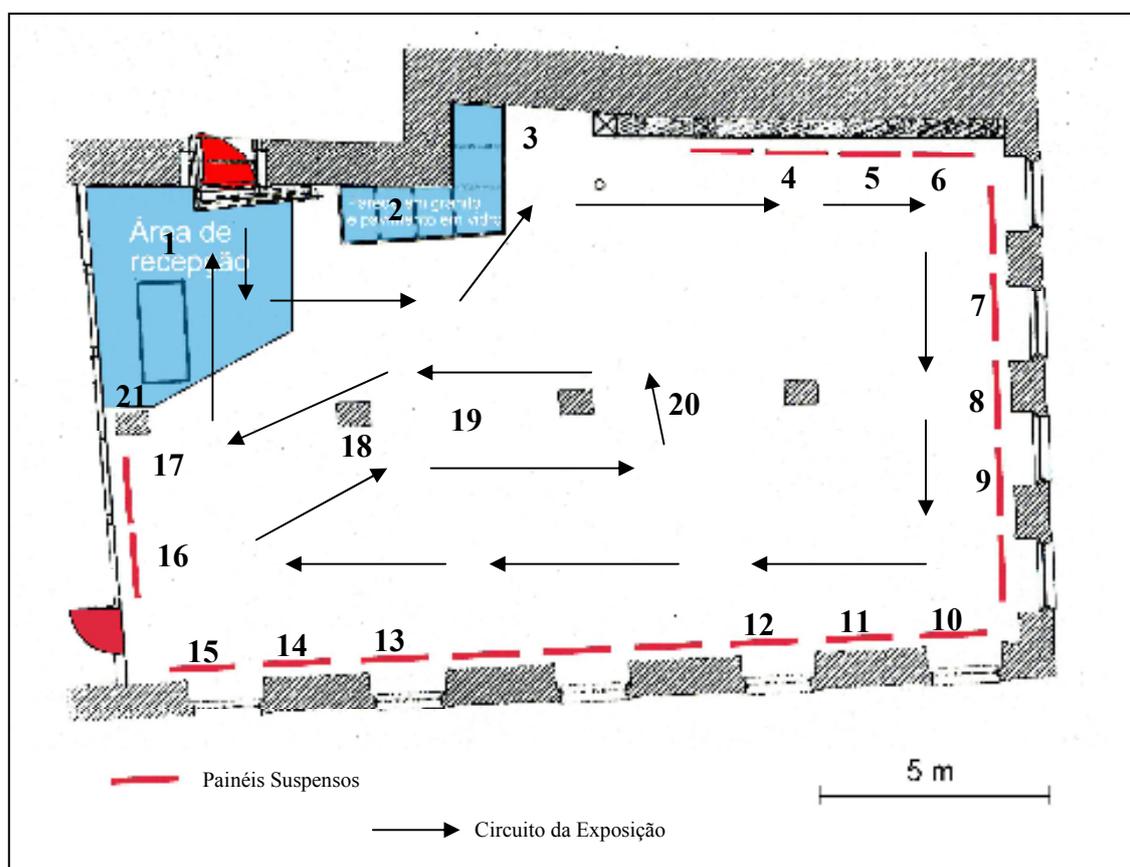
Tema	Subtema	Objectivos comunicacionais/ Conteúdos	Recursos
Chegada do Homem à Lua	Guerra Fria	Enquadrar a corrida espacial no contexto da Guerra Fria	Painel com texto informativo e com uma caricatura
	A corrida espacial	Identificar diversas fases e momentos da conquista do Espaço que conduziram o Homem à Lua	Apresentação multimédia com sobre o imaginário e factos que conduziram à conquista espacial e à chegada à Lua
	Forma como a notícia chega ao Porto	Reconhecer jornais e revistas como meios de informação que permitiram o conhecimento da chegada à Lua	Painel com texto informativo e com reproduções de primeiras páginas jornais
	Reacção da cidade	Reconhecer nos anúncios o entusiasmo e o interesse da cidade no grande passo da Humanidade	Painel com anúncios publicitários da época
O Porto em 1969	Um Anuário da Cidade	Identificar estruturas culturais e administrativas da Cidade	Painel com texto informativo e reproduções de Anuários
	Três acontecimentos marcantes	Identificar o regresso do Bispo do Porto, a visita de Marcelo Caetano e a morte do Presidente da Câmara Pinheiro Torres como os acontecimentos marcantes de 1969	Painel informativo com fotografias relativas ao tema
	Uma Cidade com problemas	Reconhecer as cheias, o mau tempo, a falta de estacionamento e os acidentes automobilísticos como problemas que afectavam a cidade	Painel com texto informativo e com fotografias da época
	Uma Cidade em renovação	Reconhecer a construção de parques de estacionamento, de estradas, de paragens de autocarros cobertas e de novos bairros como forma de ultrapassar os problemas da cidade	Painel com texto informativo e com fotografias da época
	Uma Cidade a despertar para o futuro	Reconhecer a chegada dos comboios eléctricos, a construção do terminal de Leixões e a projecção de uma nova ponte sobre o Rio Douro como factores de avanço da cidade	Painel com texto informativo e com fotografias da época
	Uma Cidade em transformação cultural	Identificar teatros, espectáculos e filmes que animavam a cidade	Painel com texto informativo e com fotografias da época
	Uma Cidade com tradição	Identificar as festas são-joaninas, o dia do turista e as iluminações de natal como tradições da Cidade	Painel com texto informativo e com fotografias da época
	Uma Cidade contestatária	Reconhecer a crise académica de 1969 como um momento de contestação à Ditadura	Painéis com texto informativo e comunicados da Associação Académica Do Porto
21 de Julho na História Portuense	Documentação de 21 de Julho	Identificar documentação existente no AHMP	Exposição de vários documentos manuscritos, licenças de obras e projectos arquitectónicos, cartazes e outros documentos efémeros.

Quadro 8 Plano interpretativo para a exposição

6. A Disposição da Exposição

Após a definição dos conteúdos centrais, dos principais títulos e do plano interpretativo, desenhou-se a estrutura da exposição tendo em conta o espaço disponível. Ao mesmo tempo estabeleceu-se o circuito a percorrer.

Na ilustração 7 encontra-se a planta da sala de exposições temporárias da Casa do Infante. Nela pode observar-se os painéis disponíveis e os utilizados, que se encontram legendados, assim como o circuito estabelecido para a exposição “1969: 21 de Julho – Evocações portuenses a propósito da chegada do Homem à Lua”. Na ilustração 8 são apresentadas algumas fotografias da exposição.



Legenda:

- | | | |
|--------------------------------|---|-------------------------------|
| 1 - Introdução | 9 – Uma radiografia da cidade | 15 – Uma cidade contestatária |
| 2 – Rivalidade EUA/URSS | 10 – Uma cidade com problemas | 16 – Astronautas |
| 3 – Apresentação multimédia | 11 – Uma cidade em renovação | 17 – Registo de memórias |
| 4 – Imagens na Lua | 12 – Uma cidade a despertar para o futuro | 18 – 21 de Julho |
| 5 – Notícias da chegada à Lua | 13 – Uma cidade em transformação cultural | 19 – Vitruvas com documentos |
| 6 – A Lua nos Anúncios | 14 – Uma cidade com tradição | 20 – Vitruvas com documentos |
| 7 – Um anuário da cidade | | 21 – Ficha técnica |
| 8 – 3 Acontecimentos marcantes | | |

Ilustração 7 - Planta da sala de exposições com identificação dos painéis e do circuito

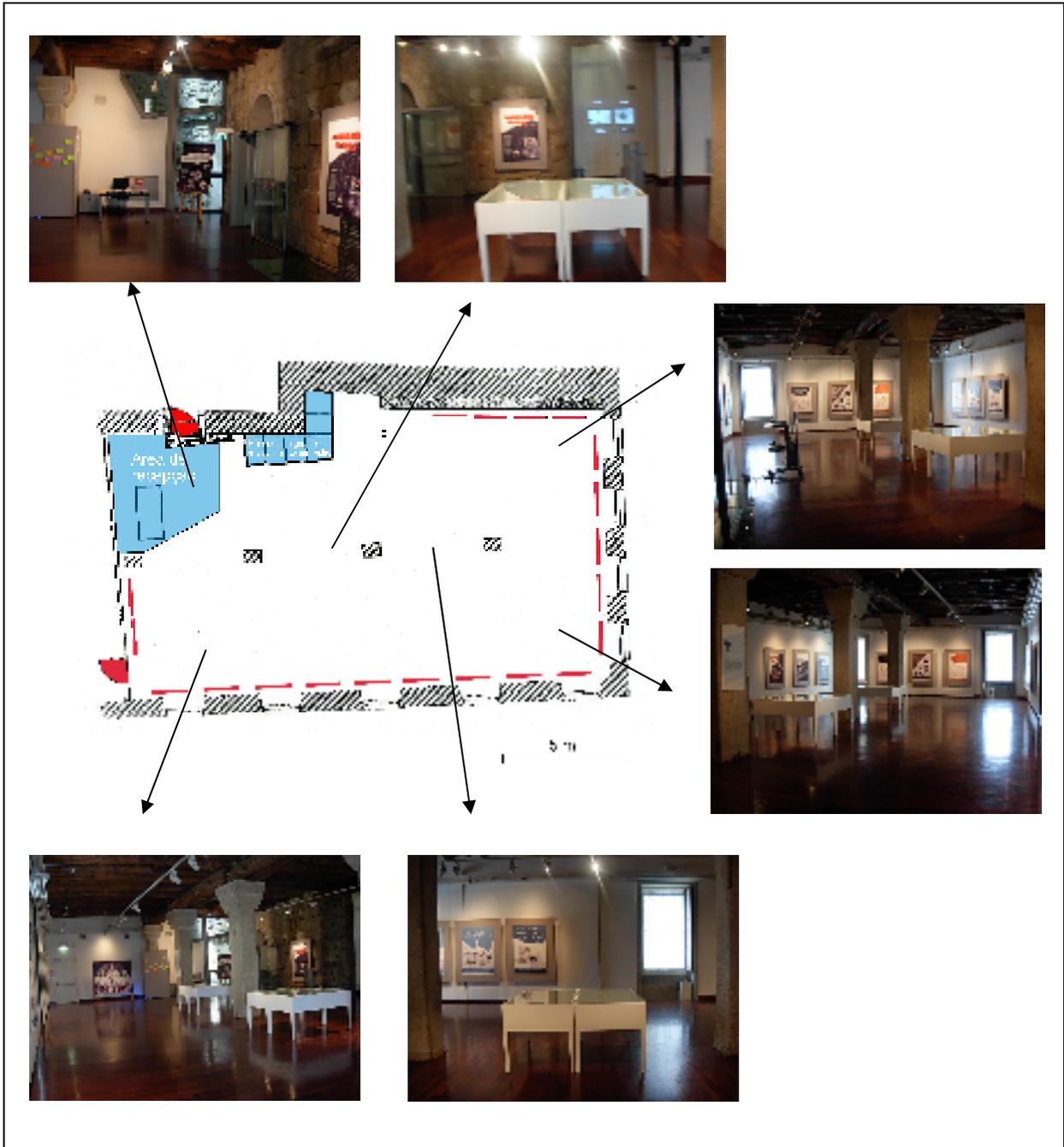


Ilustração 8 - Fotografias da exposição localizadas numa planta da sala de exposições

7. Difusão da Informação: Materiais complementares da Exposição

Após a estruturação da exposição e a construção do plano interpretativo, procedeu-se à redacção de textos para várias formas de comunicação e difusão da informação.

Em primeiro lugar, redigiu-se um pequeno texto de apresentação da exposição para a sua divulgação junto dos diversos públicos. Procurou-se redigir um texto curto atractivo, capaz de despertar o interesse dos públicos. O texto que se segue foi difundido na revista *IPorto* assim como noutras revistas nacionais.

A propósito da comemoração do 40.º aniversário da chegada do Homem à Lua, o Departamento de Arquivos da CMP parte à descoberta do Porto de 1969. As várias facetas da cidade são exploradas nesta exposição, para revelar o quotidiano da Invicta na altura em que a Humanidade realiza uma das mais espantosas façanhas do século XX.

No decorrer do estágio procedeu-se, também, à redacção de textos informativos para os painéis que compõe a exposição. Procurou-se escrever textos curtos e simples, através dos quais tentou-se colmatar a falta de documentos iconográficos capazes de ilustrar alguns conteúdos importantes.

A concepção dos painéis constantes na exposição “1969: 21 de Julho – Evocações Portuenses a propósito da chegada do Homem à Lua” foi um trabalho de equipa entre vários elementos da instituição. Nesta fase, identificaram-se títulos e subtítulo, redigiram-se textos informativos e seleccionaram-se documentos a inserir nos painéis. Estas informações foram transmitidas a designers que desenharam os painéis.

Para além da selecção de informação a ser incluída nos painéis, procedeu-se, também, à concepção de outros meios de comunicação de informação. Um deles foi a criação de uma apresentação multimédia.

Com este fim, desenhou-se um *storybord* que compreendia a sequência da apresentação, textos, imagens e filmes a incluir. Mais uma vez, desenvolveu-se um trabalho de equipa pois, na sequência da concepção do *storybord*, a apresentação foi construída por um técnico de informática.

Esta cooperação com técnicos de informática foi igualmente relevante na construção do catálogo digital da exposição. Elaborou-se um novo *storybord* com a estrutura do catálogo e as hiperligações desejadas. Conjuntamente, entregaram-se os textos de

desenvolvimento, as imagens e o jogo a inserir no CD-ROM. Os textos contemplados no catálogo são muito semelhantes aos textos do guião da exposição.

Para tornar o catálogo mais atractivo, propôs-se a inserção de uma visita virtual da exposição com a apresentação dos diversos painéis da exposição e criaram-se dois jogos para os mais jovens: um de associações e um de escolha múltipla. Por falta de tempo, apenas se inseriu no catálogo metade do primeiro jogo.

Finalmente, redigiram-se os textos para o roteiro da exposição. Nele explica-se o conceito da exposição e descreve-se sumariamente cada uma das três partes que constituem a exposição.

Nos quadros que se seguem apresentam-se os textos que constituem o catálogo e o roteiro da exposição, elaborados no decorrer do estágio.

Títulos	Textos
<p>1969:21 de Julho – Evocações Portuenses sobre a chegada do Homem à Lua</p>	<p>A chegada do Homem à Lua constituiu um momento marcante na História do mundo ocidental. No ano em que se comemora o 40º aniversário deste acontecimento, a Casa do Infante decidiu comemorar esta efeméride com a realização de uma exposição que pretende recuar no tempo e revelar os vários aspectos da cidade do Porto e do seu quotidiano na altura em que a Humanidade realiza uma das mais espantosas façanhas do século XX.</p> <p>O percurso da exposição desenrola-se em volta de três áreas temáticas: A chegada do Homem à Lua; O Porto no ano em que o Homem chega à Lua e 21 de Julho na História Portuense.</p> <p>Esta exposição visa proporcionar diversas experiências visuais e interactivas ao mesmo tempo que permite explorar, conhecer ou recordar o Porto e o grande passo da Humanidade. No final da exposição os visitantes podem ainda tornar-se nos astronautas do Apolo XI ou expor as suas memórias deste acontecimento Histórico.</p>
<p>A Chegada do Homem à Lua</p>	<p>A abrir a exposição, o visitante poderá visualizar uma pequena apresentação multimédia sobre a corrida e a conquista espacial. Junto a esta, encontrará um conjunto de imagens da época e primeiras páginas de jornais que ilustram a receptividade do acontecimento no Porto. No final, verá um conjunto de anúncios publicitários que aproveitaram o grande passo da humanidade para cativar as pessoas.</p>
<p>O Porto no ano em que o Homem Chega à Lua</p>	<p>Na segunda parte da exposição, o visitante poderá observar uma série de painéis informativos com recortes de notícias da época e que ilustram a cidade. Começando com um anuário da cidade, seguido de três acontecimentos marcantes para a cidade e culminando numa radiografia da cidade. Em continuação são apresentados os problemas da cidade, a renovação e o despertar para o futuro da mesma. Ainda nesta parte da exposição, encontrará uma cidade de tradição, em renovação cultural e como sempre contestatária.</p>
<p>21 de Julho na História Portuense</p>	<p>Ao longo desta última parte da exposição, o visitante poderá observar uma série de documentos e descobrir um conjunto de factos ocorridos no Porto a 21 de Julho ao longo da sua História. Coincidências históricas que o levarão a descobrir episódios curiosos e até mesmo marcantes para a cidade.</p>

Quadro 9 - Textos sugeridos para o roteiro da exposição

Tema	Título	Textos
Chegada do Homem à Lua	Introdução	Há 40 anos o Homem chegou à Lua 1969 – A preparação de um grande feito... 21 de Julho - “Um pequeno passo para o homem, um gigantesco passo para a Humanidade” - Neil Armstrong
	Rivalidade EUA/URSS	No final da década de 50 do século XX, a Guerra Fria, período de grande tenção militar entre EUA e URSS, dois blocos ideológicos distintos, despoletou não só a corrida aos armamentos mas também a corrida e conquista espacial. A rivalidade entre os EUA e a URSS abriu o caminho para a Lua. “Acredito que esta nação [EUA] devia comprometer-se a atingir o objectivo de colocar um homem na lua e faze-lo regressar em segurança à Terra entes do final desta década” Presidente Kennedy, 1962
	Notícias da chegada à Lua	No Porto, a chegada do Homem à Lua foi vista pela televisão e acompanhada na imprensa diária. As várias etapas da missão Apolo 11, desde o seu lançamento até ao regresso dos astronautas, foram relatadas nas primeiras páginas dos jornais. As edições especiais esgotaram-se.
	Anúncio sobre a Lua	Embora efêmero, o fenómeno da chegada à Lua cativou os portugueses e até os publicitários da época. Grandes empresas associam os seus produtos e serviços à chegada à lua graças à popularidade deste feito histórico.
O Porto em 1969	Um Anuário da Cidade	Reunindo diversas informações gerais, os anuários permitiam conhecer a cidade e eram instrumentos úteis e de grande auxílio no dia-a-dia dos portuenses. Identificavam os principais serviços públicos, da assistência à justiça e das comunicações à cultura, assim como compilavam todos os estabelecimentos comerciais e industriais da cidade e do concelho do Porto.
	Três acontecimentos marcantes	No panorama de 1969, a cidade do Porto é marcada por três acontecimentos de destaque. O primeiro foi trágico e deixou a cidade de luto. Num terrível acidente de automóvel, morreu o presidente da CMP, o Dr. Pinheiro Torres e o seu motorista. O segundo deixou a cidade em polvorosa. A visita de Marcelo Caetano ao Porto entusiasmou a cidade que ocorreu à Avenida dos Aliados para saudar o novo Presidente do Conselho. O terceiro foi o regresso do Bispo do Porto que se encontrava exilado desde 1958 por discordâncias com o regime de Salazar. Este último ocorria no contexto da primavera marcelista, que parecia demonstrar uma abertura política que iludia os portugueses e que iria terminar em breve.
	Uma Radiografia da Cidade	A Radiografia da Cidade foi uma crónica publicada no Jornal de Notícias no início do ano de 1969. Tendo por base o plano Director da Cidade, e tal como o próprio nome indica, esta crónica fez uma caracterização exaustiva e pormenorizada da cidade, apresentando as suas maiores valências e os aspectos que necessitavam uma atenção mais urgente.
	Uma Cidade com problemas	No ano em que o Homem chega à Lua, o Porto continua a enfrentar problemas naturais. O mau tempo causava quedas de árvores que perturbavam o quotidiano das pessoas e as águas do rio continuavam a invadir as margens portuenses. Outro problema enfrentado pela cidade era a questão da habitação e da insalubridade no centro da cidade. O crescimento desenfreado continuava a reflectir-se na proliferação das tradicionais ilhas, fileiras de pequenas casas das classes mais desfavorecidas, situadas nas traseiras dos edifícios das classes médias. Contudo o grande problema da cidade no final da década de sessenta era o transito e o excesso de carros no centro da cidade que gerava acidentes diariamente e que dificultada a circulação das pessoas.
	Uma Cidade em renovação	No sentido de melhorar o dia-a-dia dos portuenses que se deslocavam de transportes públicos, e para os proteger das condições atmosféricas, começaram a difundir-se pela cidade os primeiros abrigos nas paragens dos autocarros. Para tentar solucionar o problema do excesso de carros no interior da cidade, começam a construir-se passagens subterrâneas junto da estação de São Bento e começam-se a construir os primeiros parques de estacionamento em altura, como o Silo Auto que continua, ainda hoje, a ser um dos elementos de referência da cidade. Já no sentido de resolver os problemas de habitação, começam a construir-se os novos bairros habitacionais de S. João de Deus e da Pasteleira. Ao mesmo tempo, os novos edifícios começam a crescer em direcção aos céus.

	Uma Cidade a despertar para o futuro	<p>Não obstante todos os problemas que afectavam o quotidiano da cidade, a cidade continuava a evoluir e, com pequenos passos, avançava para o futuro. Em 1969, os primeiros comboios eléctricos chegavam à cidade, estabelecendo a ligação entre S.Bento e Campanhã.</p> <p>A inauguração de um novo terminal no porto de Leixões anunciava também o desejo de evoluir para o futuro, assim como a idealização de uma nova ponte sobre o rio douro, muito embora esta nunca tenha chegado a sair do papel.</p>
	Uma Cidade em transformação cultural	<p>Em 1969, o Porto é uma cidade atenta à cultura, dispondo de vários locais para a realização de espectáculos.</p> <p>Apresentando um vasto programa cultural, destacavam-se eventos como a IV Serie Internacional de Concertos, temporadas populares de ópera, e exposições científicas, tecnológicas e de arte.</p> <p>A exploração espacial e a chegada do Homem à Lua também não passou despercebida no pano cultural portuense. Na BPMP e no Ateneu Comercial do Porto, que comemorava o seu centésimo aniversário nesse ano, projectaram-se vários filmes sobre a exploração espacial tais como “<i>Projecto Apolo</i>” e “<i>Apolo 8 – Journey around the moon</i>”, assim como o documentário “Apolo XI” sobre a primeira exploração Lunar.</p> <p>No teatro Sá da Bandeira, passava a revista <i>Ri-te-Ri-te na Lua</i>, alusiva à chegada do Homem à lua e no Rivoli, no dia em que se dava um dos grandes feitos da Humanidade projectava-se o filme “<i>Viúvo mas Alegre</i>”.</p>
	Uma Cidade com tradição	<p>No ano em que o Homem chega à lua, o Porto é uma cidade com tradições.</p> <p>Para além das tradicionais festas da Primavera que incluíam as marchas são joaninas e o concurso de cascatas, o Porto festejava, anualmente, a 19 de Abril, o dia do turista, uma festa que incluía um desfile de trajes regionais do Minho à Bairrada e que coloria a cidade atraindo visitantes de todas as regiões do país.</p> <p>Uma outra tradição portuense nos finais da década de sessenta emergia já perto do final do ano. Com 150 mil lâmpadas e 60 km de cabo, em 11 artérias da cidade surgiam as iluminações de Natal, que davam um brilho especial às noites da cidade neste período festivo.</p>
	Uma Cidade contestatária	<p>Embora aparentemente invisível, uma vez que não apareceu em nenhum outro meio de comunicação devido à actuação da censura, a contestação estudantil de 1969 espalhou-se de Coimbra para Lisboa e para o Porto.</p> <p>Os estudantes contestavam a falta de expressão, as constantes repressões e as prisões sem motivo de alguns estudantes universitários. Como forma de protesto, os estudantes de Coimbra decretaram luto académico e fazem greve às aulas.</p> <p>Assim, ao longo de 1969, circularam secretamente pela cidade do Porto um conjunto de notas e notícias sobre os acontecimentos vividos em Coimbra e mostram o seu apoio aos colegas iniciando também uma contestação ao regime fazendo greve aos exames.</p>
21 de Julho na História Portuense		<p>A 21 de Julho de 1969, o Homem chegou à Lua. Esta data de grande importância na História da Humanidade também é a data de importantes acontecimentos ocorridos no Porto. Possuidor de um grande património documental, o Arquivo Histórico Municipal do Porto encontrou no seu espólio um conjunto de documentos com esta data.</p> <p>De actas de vereação a licenças de obras e de recibos de despesas a registos de entradas de navios na barra do Douro, encontram-se expostos vários documentos originais que expõem a vida da cidade ao longo dos tempos com a curiosidade de terem ocorrido a 21 de Julho.</p>

Quadro 10 - Textos sugeridos para os diferentes painéis da exposição

8. Identificação dos Públicos-Alvo

No sentido de identificar os principais públicos-alvo para a exposição “1969:21 de Julho – Evocações portuenses a propósito da chegada do Homem à Lua” realizou-se, com base nos Relatórios Anuais do SECE de 2006 a 2008, um breve estudo preliminar dos públicos que frequentaram a instituição nos meses de Junho e Setembro, período referente aos meses em que a exposição vai estar aberta.

		2006				2007				2008			
		Junho	Julho	Agosto	Setembro	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Junho	Julho	Agosto	Setembro
Participantes	Grupos	29	27	20	10	55	51	15	17	27	28	12	4
	Participantes	819	1023	1082	1197	1909	2500	459	552	1181	971	342	472
upos	Jl	9		1	6	5	1	1		5			
	EB1	3	15	9	1				1	9	8		1
	EB 2,3	10	6	5		21	5		1	5	10		1
	ES	1			1	3	4		1	4			
	E. Prof.	2	1				2						
	E. Sup					1	1			3			2
	C. Dia					3	7	1	4				
	Adultos	4	5	5	2	13	6	3	5		9	4	
	ATL					7	24	8	4		1	6	2
	Nec. Esp.					1	1	1		1			
	Univ. Sen.					1		1	1				
	Outros											2	
Visitantes núcleo	Pagos					138	229	334	160	83	245	239	187
	Individual					817	1141	1579	1250	687	1262	1698	1157
	<=14									1	4	51	14
	>=65									7	4	29	38
	Porto card					15	6	37	27	15	29	41	52
Proveniência geográfica dos grupos	Porto					32	43	12	13	10	9	3	3
	A.M. Porto					10	5	1		17	13	5	
	Norte					12		2					
	Centro						1				2		
	Sul					1							1
	Estrangeiro						2		4		3	4	
Proveniência geográfica de visitantes individuais	Portugal	432	522	518	642	458	747	766	595	295	562	747	687
	Espanha	124	170	190	132	68	144	392	237	100	246	355	244
	França	62	65	92	79	130	74	122	56	63	136	148	76
	Inglaterra	55	64	66	103	82	81	67	142	73	112	116	104
	Outros	146	202	216	241	229	330	603	407	262	488	692	337

Quadro 11 Números e proveniência dos públicos que visitaram a Casa do Infante entre 2006 e 2008

A partir da análise do quadro 11 conclui-se que entre Junho e Setembro, os grupos que maioritariamente frequentaram a instituição foram provenientes de ATLS. Embora não seja visível em 2006, nem em 2008, a partir dos dados de 2007, observa-se que também há um número considerável de grupos oriundos de Centros de Dia a visitar a instituição. Simultaneamente, depreende-se que na sua maioria estes grupos são oriundos do Porto e da sua área metropolitana.

Por outro lado, no que se refere a visitantes individuais, no período em estudo, destaca-se o público estrangeiro que visita a instituição em número superior ao público nacional. Mais importante, conclui-se que este público tem vindo a crescer substancialmente nos últimos anos. Com base no quadro 11 verifica-se ainda que a presença do público estrangeiro incide mais nos meses de férias de Agosto e Setembro. Dentro dos subgrupos de visitantes espanhóis, franceses e ingleses, observa-se que, em conjunto, estes são superiores aos outros visitantes estrangeiros e que se verifica, sistematicamente, um maior número de visitantes espanhóis do que de franceses ou ingleses. Não obstante, convém não esquecer os visitantes individuais nacionais que também aproveitam os meses de Verão e as suas férias para visitar os museus da cidade.

A partir desta breve reflexão tiram-se já algumas informações sobre possíveis públicos que virão visitar a exposição e alguns aspectos que deverão ser levados em atenção na elaboração, promoção e rentabilização da exposição.

No que concerne ao público estrangeiro, dada a sua grande presença nos meses de verão, verifica-se, desde logo, a necessidade de elaborar legendas de peças e painéis, bem como a concepção de roteiros nas línguas espanhola, francesa, inglesa e italiana. Segundo informações recolhidas junto dos funcionários do SECE, em 2008, devido à criação de uma ligação *low cost* entre Porto e Milão, verificou-se uma grande afluência de visitantes italianos à instituição. Neste sentido será conveniente pensar também em traduções em italiano.

Outros públicos que necessitarão de uma atenção particular na exposição serão o chamado público sénior e o público escolar. O primeiro, oriundo de centros de dia, é um tipo de público que costuma ter uma grande presença na instituição nos meses de verão. Relativamente ao público escolar é de ressaltar que, embora sendo os meses de verão uma época de férias escolares, este público mantém uma grande presença no museu, não através das escolas, mas por intermédio dos ATLS.

9. Construção de Instrumentos de Avaliação

Na recta final da organização da exposição, construíram-se questionários para a avaliação sumativa da exposição, tendo já em vista questionar elementos que permitissem, ao mesmo tempo, recolher informações para futuras avaliações diagnósticas.

Neste sentido elaboraram-se duas propostas de inquéritos: uma para ser preenchida pelos visitantes que fizerem uma visita orientada à exposição e outra para ser preenchida pelos visitantes que fizerem uma visita sem orientação. Estes instrumentos de avaliação deveriam ser utilizados durante o período da exposição e deveriam ser analisados depois do encerramento da exposição. Esta sugestão de utilização de dois questionários prendeu-se com o interesse de conhecer a influência que o técnico do museu tem junto dos visitantes na compreensão da exposição e de que forma este pode mediar a experiência dos visitantes. Por este motivo, nos inquéritos propostos não são feitas questões relacionados com os conteúdos da exposição mas antes com as motivações que levaram à visita, a forma como a ela foi comunicada, o seu interesse e a satisfação do visitante relativamente aos vários aspectos da sua organização.

O quadro que se segue identifica os tipos de avaliação utilizados, itens a avaliar e a questionar, remetendo-os para a sua localização nos inquéritos que se encontram no anexo 8.

Tipo de Avaliação	Itens a avaliar	Itens a questionar	Localização no Inquérito
Sumativa e Diagnóstica	Conhecimento da exposição	- Meios de comunicação difusores de informação	Questão 2
	Motivações para a visita exposição	- Influências para a visita - Razões para uma visita	Questões 3 e 4
	Contexto da visita	- Finalidade da visita - Individual/grupo	Questões 4 e 5
	A Exposição	- Interesse do tema da exposição - Organização da exposição - Apreciação global	Questões 6, 7 e 8
	Expectativas em relação à visita	- Cumprimento de expectativas	Questão 9
	Experiência vivida	- Qualidade da experiência vivida	Questão 10
Diagnóstica	Sugestões para actividades futuras	- Temas para exposições - Outras sugestões	Questões 11 e 12

Quadro 12 - Itens a avaliar na exposição

V. PROPOSTA DE UM GUIÃO PARA A EXPOSIÇÃO

Este capítulo apresenta as principais conclusões retiradas da investigação científica sobre chegada do Homem à Lua e a realidade do Porto no ano em que a Humanidade leva a cabo um dos maiores feitos científicos e tecnológicos de sempre.

Após a pesquisa documental, elaborou-se guião da exposição que permitiu consolidar a estrutura e a dinâmica da exposição. Este guião foi de grande utilidade para seleccionar peças, para conceber a apresentação multimédia e para construir os vários painéis que compõem a exposição, assim como para estruturar e redigir os textos do catálogo e do roteiro da exposição.

1. As Questões de Partida

Quando se pensa em fazer uma abordagem local a um grande acontecimento no sentido de encontrar a forma como ele foi vivenciado por um determinado conjunto de pessoas, são várias as questões que se levantam.

No âmbito da exposição “*1969:21 de Julho – Evocações portuenses a propósito da chegada do Homem à Lua*”, as primeiras interrogações levantadas foram: Qual foi a reacção da cidade do Porto à chegada do Homem à Lua? De que forma as pessoas da cidade vivenciaram esse acontecimento? Como tiveram conhecimento dele?

Contudo, estas interrogações não obteriam resposta se não houvesse uma contextualização mais profunda da época em estudo. Por isso, levantaram-se novas questões complementares. Como era o Porto em 1969? Quais foram os principais acontecimentos que marcaram a vida da cidade nesse ano? Quais eram as vivências da cidade? Quais eram os seus hábitos e costumes? Como era o quotidiano dos portuenses?

Para esta investigação, definiram-se três áreas de estudo. Na primeira parte pensou-se numa breve alusão à corrida espacial, ao longo dos anos sessenta, e à rivalidade entre as duas superpotências da época - EUA e URSS – a qual culminou com a chegada do Homem à Lua a 21 de Julho de 1969. Na segunda parte elaborou-se uma aproximação ao quotidiano portuense nesse ano, a fim de descortinar a sua realidade, os problemas que afectavam a cidade, os avanços que esta fazia em direcção ao futuro, as suas

tradições, a sua cultura e as reacções ao regime do Estado Novo. Finalmente, na terceira parte, identificou-se, através de documentos originais existentes no AHMP, alguns episódios ocorridos a 21 de Julho, ao longo da História portuense.

2. A Corrida Espacial e a Chegada do Homem à Lua

2.1 O Sonho da Chegada à Lua

Desde sempre o Homem observou com interesse o espaço celeste, os planetas e o sol. Porém, de todos os astros do universo, talvez pela sua proximidade, a Lua sempre teve um fascínio especial.

Na realidade, a Lua não fica muito longe da Terra. Seriam apenas necessárias duas horas de viagem de automóvel se os veículos pudessem deslocar-se na vertical⁴¹. Mas não é assim tão fácil de atingir como parece, devido à força da gravidade da massa terrestre que nos puxa sempre de volta.

O caminho para a Lua começou a desbravar-se a 13 de Setembro de 1959, quando a sonda soviética não tripulada, *Luna 2*, foi enviada para o espaço. Contudo, esta desvaneceu o sonho inicial ao despenhar-se na superfície lunar. Não obstante, dois anos depois, o presidente americano John Kennedy garantia: “*Acredito que esta Nação devia comprometer-se a atingir o objectivo de colocar um homem na Lua e fazê-lo regressar em segurança à Terra, antes de terminar esta década. Neste período, mais nenhum projecto espacial será tão impressionante para a Humanidade, ou mais importante no longo caminho da exploração do espaço.*” Tal convicção cumpriu-se a 21 de Julho de 1969, às 3h52, quando os norte-americanos Neil Armstrong e Edwin Aldrin saíram do engenho que, horas antes, o depositara no “*mar de tranquilidade*”⁴².

A primeira missão tripulada para a Lua, a Apollo 11 - que exigiu um estudo complexo da nave espacial e das órbitas da própria Lua - foi alcançada com sucesso no momento em que, muito lentamente, Armstrong desceu os degraus da escada do veículo lunar, pousou o pé esquerdo no solo e declarou a célebre frase “*é um pequeno passo para o Homem, mas um passo gigante para a Humanidade*”.

A realidade veio assim juntar-se à imaginação de Júlio Verne e da banda desenhada de Hergé. O primeiro, escritor do século XIX, imaginou, em 1865, a viagem “*Da Terra*

⁴¹ COUPER, Heather e HENBEST, Níger – *Atlas do Universo*. Milão, New Interlitho, 1993, p.4-6.

⁴² LANEYRIE-DAGEN, Dir Nadeije - *O Homem à conquista do espaço: o passeio na Lua*. In “Memórias do Mundo das origens ao ano 2000”. Mem-Martins: Circulo de Leitores, 2000, p.630.

à Lua” e, curiosamente, cem anos antes da verdadeira chegada do Homem à Lua, em 1869, escreveu a obra “*À volta da Lua*”. Já o segundo, foi o criador de Tintin, figura desenhada que pisou a Lua, por duas vezes em 1953 e 1954 nas aventuras “*Objectivo Lua*” e “*Explorando a Lua*”. Porém, a compreensão dos efeitos da chegada à Lua exigiu o recuo de doze anos e o entendimento do contexto político de então, o chamado período da Guerra Fria.

Em 1957, a URSS enviou para o espaço o primeiro satélite artificial da terra, acontecimento que inquietou os EUA. A honra nacional americana estava em jogo, tal como o equilíbrio das forças⁴³. Um foguetão capaz de lançar um satélite para o espaço podia, facilmente, atingir qualquer ponto do globo. A distância já não protegia os EUA das bombas soviéticas. Neste sentido, em Novembro de 1957, o presidente americano Eisenhower considerou necessário declarar que os EUA eram capazes de repelir qualquer ataque russo e anunciou a centralização e aceleração do programa espacial americano.

Desta forma, o lançamento russo da Sputnik 1, em 1957, inaugurou a corrida espacial com os EUA e as diferenças ideológicas dos dois blocos acentuaram a competição e incentivavam as duas potências a ir mais longe.

2.2 A Corrida Espacial

O antigo sonho de alcançar a Lua abandonou o campo poético e tornou-se realidade, na segunda metade do século XX, quando o alemão Wernher von Braun desenhou e construiu os foguetes V-1 e V-2, as celebres bombas voadoras que Hitler lançou sobre Londres no decorrer da Segunda Guerra Mundial. Estes foguetes foram os principais precursores directos dos grandes desenvolvimentos da astronáutica e abriram a possibilidade real de se poder sair da atmosfera terrestre. Mais tarde, nos EUA, foram desenhados os foguetes WAC-Caporal que anteviram a possibilidade de conseguir atingir a velocidade necessária para vencer a gravidade terrestre. Desta forma, a astronáutica apresentava um “*duplo aspecto de interesse*”⁴⁴: científico e tecnológico.

Em Abril de 1959, Carl Grimberg, publicou o vigésimo volume da História Universal, dedicado ao Mundo Contemporâneo. Já nessa altura dedicou um capítulo especial à conquista do espaço. Para este historiador, a possibilidade do Homem chegar

⁴³LANEYRIE-DAGEN, Dir Nadeije - *O Homem à conquista do espaço: o passeio na Lua*. In “Memórias do Mundo das origens ao ano 2000”. Mem-Martins: Circulo de Leitores, 2000, p.631.

⁴⁴ SALA, Maria Soler – *A corrida ao espaço, um duelo nas alturas*, in NAVARRO, Francesc (dir) – “História Universal – As Guerras Mundiais”, vol.19 [S.L]:Salvat, 2005, p.498.

à Lua era algo próximo e que “o homem comum espera pela conquista da Lua”. Contudo, ciente do seu contexto e da sua época, Carl Grimberg continuou afirmando mesmo que “esta conquista arrisca-se bastante a ser mais espectacular que útil. Tudo leva a crer que o Homem não pode viver no espaço, nem na Lua. O contributo essencial da exploração espacial é mais de ordem científica e militar”⁴⁵.

Não obstante, a navegação espacial continuou durante a década de sessenta, apresentando-se como uma corrida soviético-americana. Inicialmente, a URSS acumulou sucessos. Em 4 de Novembro de 1957, lançou o *Sputnik 1*, o primeiro satélite artificial; em 3 de Novembro do mesmo ano, a cadela Laika foi o primeiro animal em órbita; a *Lunik 2* atingiu a Lua em 13 de Setembro de 1959 e a 6 de Outubro a *Lunik 3* fotografou a face oculta da Lua. A 12 de Abril de 1961, a bordo da *Vostok 1*, Yuri Gagarine foi o primeiro Homem no espaço; a 16 de Junho de 1963, Valentina Terechkova foi a primeira mulher a atingir o mesmo feito e, em 18 de Março de 1965, Alexei Leonov foi o primeiro homem a permanecer fora da sua cápsula espacial e a permanecer suspenso no espaço sideral, por 10 minutos.

Os EUA, por seu lado, lançaram o *Explorer 1*, a 1 de Fevereiro de 1958, e o seu primeiro cosmonauta, John Glenn, a 20 de Fevereiro de 1962. Estes começaram a ganhar vantagem com o primeiro acoplamento, entre a *Agena* e a *Gemini 8*, em 18 de Março de 1966. A 2 de Junho de 1966, a *Surveyor 1* pousou suavemente na Lua. Mesmo assim, a URSS liderava a corrida pois colocou a *Luna 10* em órbita à volta da Lua, a 3 de Abril de 1966, e fez regressar a *Zond 5* em 21 de Setembro de 1968. Contudo, com os voos tripulados *Apollo*, a superioridade americana impôs-se e consagrou-se a 21 de Julho de 1969, com a chegada do homem à Lua.

A primeira alunagem da História da exploração espacial foi presenciada pela televisão por cerca de 500 milhões de pessoas em todo o mundo. O presidente Richard Nixon pôs-se em contacto com os astronautas Edwin Aldrin, Neil Armstrong e Michael Collins, na sua nave *Apollo XI*, naquela que foi a “chamada telefónica mais histórica de todos os tempos”⁴⁶.

Durante a sua estadia na Lua, os astronautas tiveram de cumprir um exaustivo programa de trabalho para proporcionarem aos cientistas da NASA uma vasta gama de dados para posteriores investigações. Por exemplo, Aldrin instalou uma lâmina de alumínio para captar partículas solares e, por intermédio de vento solar, analisaram-se as

⁴⁵ GRIMBERG, Carl – *História Universal – O Mundo Contemporâneo*, vol.20. Lisboa: Publicações Europa-America, 1969, p. 217.

⁴⁶ In *História do Século XX: Década a Década: 1960-1969*, vol.7, Dir. António Reis. Laveiras, Visão, 2004, p.168.

nuvens de gás emitidas pelo sol. Mais tarde, com a ajuda de um reflector de raios laser, colocado sobre a superfície lunar, os cientistas mediram a distância exacta entre a Terra e a Lua e um sismógrafo proporcionou informações sobre a existência de sismos lunares. Após uma permanência de 21 horas e 37 minutos na Lua, os astronautas iniciaram o regresso à Terra, transportando consigo cerca de 20 kg de material lunar, em especial pedras e areia, que recolheram directamente da superfície do nosso satélite natural.

Como testemunho da viagem, ficou na Lua a secção de aterragem do módulo lunar *Eagle*, com uma pequena placa de metal onde podia ler-se: “*Vimos em sinal de paz, em representação de toda a Humanidade*”.

No dia 24 de Julho os pioneiros do espaço regressaram na cápsula espacial *Columbia*, que desceu nas águas do oceano Pacífico. Mas os heróis da *Apollo 11* não desfrutaram de imediato da entusiástica recepção do povo norte-americano pois tiveram de passar algumas semanas de quarentena numa estação isolada, a fim de se submeterem a numerosos exames, antes de serem aclamados por todo o país, numa digressão festiva que durou vários meses.

2.3 O conhecimento portuense da exploração espacial e da chegada à Lua

No final da década de sessenta, a exploração espacial foi uma constante e despertou o interesse da comunidade científica e da população portuense. A demonstrar este aspecto, podem citar-se algumas conferências e ciclos de cinema que abordaram este tema e, em particular, a chegada à Lua.

Uma instituição portuense que deu algum destaque e importância a estas questões foi o Ateneu Comercial do Porto, que curiosamente comemorava o seu centenário nesse mesmo ano de 1969. Da mesma forma que a Humanidade deu um grande passo no progresso científico e tecnológico, também esta colectividade deu um grande avanço na sua organização, uma vez que em 1969 abriu, pela primeira vez, os seus quadros associativos às mulheres.

Apesar de não se realizarem grandes comemorações devido a “*dificuldades financeiras e ao envelhecimento da sua massa associativa*”⁴⁷, esta associação desenvolveu várias actividades culturais ao longo do ano de 1969 destacando não só o passado, mas também a actualidade científica e o futuro. Neste contexto,

⁴⁷ Álbum de Memórias do Ateneu Comercial do Porto. Porto: Ateneu Comercial, 1995, p. 175

apresentaram-se vários documentários relacionados com a conquista espacial. O documentário “*Project Apollo 8 – Journey around the moon*”, apresentado e comentado pelo embaixador americano em Portugal, contou com “*uma assistência numerosa e altamente interessada*”⁴⁸. “*A descrição do projecto Apolo com apresentação do modelo do foguete Saturno V e da nave lunar Apolo*”, “*Missão Apolo; Apolo XI – um salto gigantesco para a Humanidade*” e “*Apolo 12- preparativos para a segunda viagem à Lua*” foram outros documentários exibidos pelo Ateneu Comercial do Porto e comentados por Manuel Gonçalves de Barros e José Pereira Osório, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, e que mostram o esforço desta colectividade para acompanhar os tempos modernos.

Um outro evento que marcou o estudo e discussão do tema da chegada à Lua decorreu na BPMP. Aqui decorreu a projecção dos documentários “*Missão Apolo 11*” e “*A Chegada do Homem à Lua*”. Esta iniciativa foi promovida pela CMP, em colaboração com o consulado dos EUA, e teve os comentários de Eurico Fonseca.

2.4 A chegada à Lua na imprensa e nos anúncios publicitários

Tal como em outros locais do país e do mundo, também o Porto viveu a chegada à Lua através das notícias da comunicação social. Pela imprensa, pela rádio ou pela televisão a maioria da população teve conhecimento deste grande feito da Humanidade.

Na sequência da consulta de várias publicações diárias, como o JN, o Comércio do Porto e o Diário do Norte, verificou-se que houve um destaque crescente das notícias relativas à missão da Apolo 11, ao longo do mês de Julho de 1969. As primeiras notícias apareceram por volta do dia 10 de Julho, referenciando apenas os horários e intenções da mesma. Os destaques começaram a ser mais alargados a partir de do dia 15 de Julho, quando os astronautas partiram para o espaço. As notícias de primeira página começaram a surgir a partir de dia 18 de Julho, com um destaque variado, de pequenas referências ou de meia página. No entanto, o grande destaque do acontecimento deu-se no dia 21 de Julho. Foi-lhe dada uma importância tão grande que o JN chegou mesmo a lançar uma edição especial de grande tiragem que se esgotou em pouco tempo.⁴⁹ As notícias de primeira página, embora em menor dimensão, mantivera-se até ao regresso dos astronautas, mas desapareceram totalmente a partir do final do mês.

⁴⁸ in Comercio do Porto, 8 de Fevereiro de 1969.

⁴⁹ A referência a este aspecto surge na edição deste jornal do dia seguinte, embora não identifique o número da “grande tiragem”. in JN, ano 82, nº 50, 22 de Julho de 1969, p. 6.

Esta evolução de notícias pode induzir em erro que a chegada do Homem à Lua foi um acontecimento efêmero que se viveu apenas nos dias que antecederam e que se seguiram. No entanto, existem outros aspectos que levam a crer que este acontecimento foi motivo do interesse da população e que dão a conhecer como foi vivenciada a chegada do Homem à Lua na cidade.

A sustentar esta ideia, apontam-se vários anúncios publicitários relacionados com a chegada à Lua, que se repetiram e redesenharam ao longo do mês de Julho de 1969, em diversos jornais diários da cidade, tais como os anúncios dos relógios *Omega*, da companhia de seguros *Tranquilidade*, dos pneus *Mabor* e até dos televisores *Philips*.

A publicidade é uma área que privilegia e acentua os interesses do público, explorando-os para benefício do seu produto. Neste sentido, os publicitários da época exploraram a chegada do Homem à Lua, para despertar na população o desejo de obter produtos que tivessem proporcionado ou estado presentes nesse grande acontecimento.

Um dos primeiros anúncios relacionados com esta temática foi precisamente o das televisões Philips, que surgiu ainda antes da chegada do Homem à Lua e apresentou o seguinte texto:

*“Objectivo: Lua.
Dentro de dias a Apolo 11 colocará o Homem na superfície da Lua. Você não pode perder a etapa culminante da fabulosa escala do nosso satélite natural. Assista à fantástica odisseia através de um tele-receptor PHILIPS.
PHILIPS dá-lhe a imagem e o som da realidade”*⁵⁰

⁵⁰ in *Comércio do Porto*, 18 de Julho de 1969, página 7.



Ilustração 9 - Anúncio de relógio Ómega, in JN, Julho de 1969

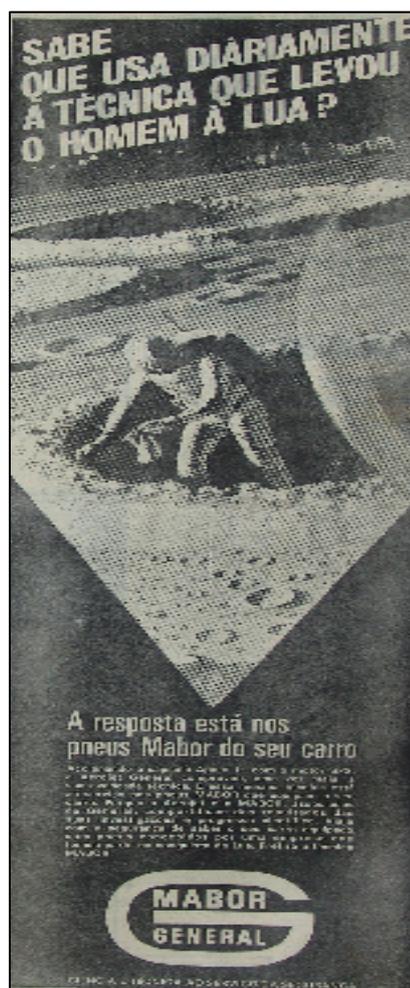


Ilustração 10 - Anúncio Mabor General, in JN Julho de 1969

Este anúncio demonstra não só o interesse dos publicitários na utilização deste acontecimento para cativar os seus possíveis clientes mas também a forma como ele foi visto pelos portugueses. Embora no final da década de sessenta a televisão não fosse um bem de uso generalizado, como é nos nossos dias, grande parte da população portuguesa reuniu-se em torno deste aparelho para poder ver em primeira mão o inusitado acontecimento histórico.

Note-se, também, o caso do anúncio do relógio *Omega Speedmaster*, em que os publicitários afirmaram ser o primeiro relógio usado na Lua. Este anúncio mostra que a *Ourivesaria do Norte*, situada em Cedofeita, adquiriu este modelo de relógios ciente, que seria vendido como algo simultaneamente comemorativo e “na moda”. O anúncio destaca, ainda, a importância e o valor deste relógio uma vez que a NASA o “emprega para todas as missões dos astronautas” desde 1965.

Outros exemplos são os anúncios dos pneus *Mabor*, que exploraram o facto de terem auxiliado na construção do veículo lunar; ou da companhia de seguros *Tranquilidade*, que associou o seu nome ao “mar da tranquilidade”, local onde o Homem aterrou na Lua.

Deve referir-se, ainda, que esta “vaga” de anúncios relacionados com a exploração da Lua voltou a emergir em Dezembro, aquando da segunda ida à Lua e da missão *Apolo 12*. Isto demonstra que a conquista do espaço foi um tema que captou a atenção das pessoas nos momentos em que se davam grandes marcos na corrida espacial.

Outro anúncio, que se pode destacar é o do *Banco Espírito Santo*, onde esta instituição confessava ter ficado para trás por não se encontrar ainda a operar na Lua.



Ilustração 11 - Anúncio da companhia de seguros Tranquilidade, in JN Julho de 1969



Ilustração 12 - Anúncio do Banco Espírito Santo, in JN, Novembro de 1969

A partir da imprensa local pode-se encontrar ainda um outro facto relevante, que confirma o interesse perante o mesmo tema. O espectáculo “*Ri-te-ri-te na Lua*”, apresentado no Teatro Sá da Bandeira, mostra claramente que este assunto era discutido na cidade e despertava o interesse na população. A partir do Boletim da União de Grémios dos Espectáculos, verifica-se que este espectáculo percorreu todo país, demonstrando que um acontecimento científico e tecnológico de ponta foi ponto de partida para um espectáculo de sucesso.

Um outro anúncio do JN, que comprova o interesse pela chegada do Homem à Lua, é o do livro *Apolo 11*.⁵¹

Outra publicação periódica que se consultou, para a compreensão desta temática, foi a revista FLAMA. Após uma breve análise estatística de todos os artigos relacionados com a ida à lua nesta publicação, concluiu-se

que este tema é abordado ao longo de todo o ano de 1969. Mais de 40% das publicações tem artigos relacionados com o tema, embora apenas dois dos números estejam directamente relacionadas com a chegada do Homem à Lua: revista número 1117, de 1 de Agosto, e a revista número 1120, de 22 de Agosto. A primeira destacou os primeiros passos do Homem na Lua e a segunda, uma edição especial, com dezasseis páginas a cores, exclusivas, com fotografias feitas na Lua, foi considerada um número histórico pela própria revista. A partir desta análise depreendeu-se, ainda, que os temas da exploração espacial e da chegada do homem à Lua eram do interesse do público português, dado o grande destaque que lhes foi dado. Este tema era de tal ordem importante que esta revista adquiriu reportagens exclusivas com astronautas americanos. A 24 de Janeiro de 1969, esta revista publicara já o primeiro exclusivo



Ilustração 13 – Anúncio do espectáculo “Ri-te Ri-te na Lua”, in JN, Dezembro de 1969



Ilustração 14 - Anúncio do Livro Apolo 11, in JN, Novembro de 1969.

⁵¹ Após várias pesquisas, não foi possível encontrar esta obra que teria um grande interesse para este trabalho.

mundial com os astronautas da Apollo 8, apresentando igualmente as fotografias que estes capturaram no espaço.

3. O Porto quando o Homem chega à Lua

3.1 A realidade política d'A Primavera Marcelista

Quando em 1968 Salazar sofreu um acidente que o deixou incapacitado de governar, foi nomeado primeiro-ministro Marcelo Caetano. A substituição ocorreu sem que o anterior chefe de governo tomasse conhecimento do sucedido. Aliás, os próprios ministros continuaram a reunir-se no quarto de Salazar, que mantinha a convicção de ser, ainda, o Presidente do Concelho⁵².

Iniciou-se, então, o chamado período marcelista, designação atribuída ao final do regime do Estado Novo, marcado pela acção de Marcelo Caetano como chefe do Governo e que se caracterizou por uma tentativa falhada de auto-reforma do regime. Neste período, distinguem-se duas fases: uma primeira até finais de 1970, de relativa abertura política e criação de expectativas liberalizantes; e uma segunda, até à revolta do 25 de Abril de 1974, de crescente crispação repressiva e de radicalização das oposições em consequência do impasse colonial⁵³.

Marcelo Caetano tornou-se o novo Presidente do Conselho e procurou estabelecer uma solução de compromisso entre a ala mais conservadora do salazarismo e os liberais. Ele teve também a concordância dos grupos económicos mais influentes, já que sempre defendera uma opção modernizadora e desenvolvimentista para o país, muito embora, alguns autores, como José Brandão de Brito, considerem que o marcelismo foi “*uma oportunidade perdida de modernização europeizante da direita portuguesa*”⁵⁴.

O novo chefe do governo começou por anunciar uma renovação na continuidade que gerou, por um lado, grandes expectativas em alguns sectores da oposição democrática e, por outro, desconfiança das forças ortodoxas do regime, enquanto a esquerda se distanciava das propostas de liberalização política e de orientação neocapitalista.

A autorização do regresso de Mário Soares e do Bispo do Porto⁵⁵ e o consentimento

⁵² Apesar de acamado, Salazar manteve-se em S. Bento, na residência oficial do chefe de governo, até à sua morte em 1970.

⁵³ REIS, António – *Marcelismo*, in “Dicionário de História do Estado Novo”, vol.I, p. 546-548.

⁵⁴ BRITO, José Brandão de – *Do Marcelismo ao fim do Império*, vol. I. Lisboa: Editorial Notícias, 1991, p.117.

⁵⁵ O Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, na sequência de uma carta que escreveu a Salazar, em Julho de 1958, condenando vários aspectos da vida política, social, cultural e religiosa do país, foi proibido de entrar em Portugal quando regressava de uma viagem a Roma, em Abril de 1959, sendo forçado ao exílio até Julho de 1969.

Para a realização do 2º Congresso da Oposição Democrática, em Aveiro, foram algumas medidas liberais que o marcelismo iniciou, sem lhes dar continuidade.

A par destas, em Dezembro de 1968 surgiu a nova lei eleitoral que atribuía idênticos direitos a homens e mulheres, ao mesmo tempo que extinguiu o voto censitário. Em Fevereiro de 1969, Marcelo Caetano limitou a intervenção policial nas greves, em Junho do mesmo ano, as direcções sindicais eleitas foram dispensadas de promulgação ministerial e, em Agosto, foi imposto ao patronato a obrigatoriedade de negociação de contractos colectivos com os sindicatos. Finalmente, em Novembro de 1969, Marcelo Caetano e o seu governo diminuíram o prazo de detenção sem culpa formada por ordem policial, de seis para três meses. Estas medidas foram considerados sinais de abertura⁵⁶.

As políticas inovadoras que trouxeram alterações significativas para o país limitaram-se, contudo, à reforma da educação, levada a cabo por Veiga Simão, que aumentou o número de escolas e estudantes nos vários graus de ensino, e à integração dos trabalhadores rurais na Caixa de Previdência.

Por outro lado, o regime procurou dar um ar de mudança, utilizando roupagens novas para situações velhas. Foi o que aconteceu com a extinção da PIDE e a sua substituição pela DGS, a mudança de nome do partido do poder de União Nacional para Acção Nacional Popular, o fim da censura e o aparecimento do Exame Prévio.

Depressa, a Primavera Marcelista, expressão atribuída ao período inicial do governo de Marcelo Caetano, mostrou apostar mais na continuidade do que na renovação. À agitação estudantil de 1969, que culminou com a greve académica de Coimbra, o governo respondeu com a habitual repressão policial e prisão de vários estudantes, entre os quais o presidente da Associação Académica, Alberto Martins. O então ministro da Educação Nacional, José Hermano Saraiva, chegou mesmo a mandar encerrar, temporariamente, aquela universidade.

A campanha eleitoral de 1969 e as eleições desse mesmo ano realizaram-se sem um controlo eficaz por parte da oposição, o que criou algum descontentamento junto dos opositores do regime. Não obstante, entre os deputados eleitos estavam membros da chamada Ala Liberal. Esta foi uma expressão, criada por alguns jornalistas da época, atribuída aos deputados que foram eleitos em 1969 pelas listas da União Nacional e que demonstraram, ao longo da legislatura, o desejo de ver instaurado “*um regime político de liberdade, em que fosse possível discutir, controlar os actos do governo e escolher*

⁵⁶ ROSAS, Fernando (coord.) – *A Transição Falhada :O Marcelismo e o fim do Estado Novo :1968-1974*. Lisboa: Editorial Notícias, 2004, p. 36.

os representantes da nação”⁵⁷. De entre os deputados da Ala Liberal destacaram-se Pinto Leite, Pinto Balsemão, Magalhães Mota e o portuense Francisco Sá Carneiro que defenderam uma abertura política e uma autonomia progressiva para as colónias. Sem êxito, estes deputados procuraram introduzir alterações na área das liberdades, direitos e garantias.

A constatação da impossibilidade de mudar o regime por dentro provocou o abandono da Assembleia Nacional Popular por parte de alguns elementos da Ala Liberal e a formação, juntamente com católicos progressistas, socialistas e republicanos, da Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento Económico e Social. Entretanto, multiplicavam-se os partidos de esquerda radical, que tinham muita aceitação sobretudo entre os estudantes.

A reeleição de Presidente da República em 1972, com a conivência de Marcelo Caetano, mostrou o fim das veleidades de liberalização anunciadas em 1969. O marcelismo foi, por isso, considerado uma “*oportunidade perdida de modernização*”⁵⁸ do país. O chefe do governo mostrava-se, cada vez mais, refém da ala ortodoxa do regime, organizada em torno de Américo Tomás, após a morte de Salazar. O desalento era irreversível para aqueles que haviam acreditado numa renovação política com Marcelo Caetano. As diversas propostas da ala liberal na Assembleia Nacional eram liminarmente reprovadas pela larga maioria afecta ao Governo. Assim aconteceu com os projectos-lei de amnistia e de liberdade de associação, apresentados por Sá Carneiro, a proposta de eleição directa para Presidente da República ou a defesa das liberdades fundamentais e dos direitos dos arguidos presos. Perante a contestação da imobilidade do regime, os deputados liberais abandonaram a Assembleia Nacional, em Janeiro de 1973, e fundaram o “*Expresso*”. Este novo semanário, dirigido por Pinto Balsemão, foi um importante instrumento de denúncia das arbitrariedades da ditadura portuguesa.

O 3º Congresso da Oposição Democrática, realizado em Aveiro, em 1973, foi mais uma ocasião para unir os vários sectores hostis ao regime e preparar uma coligação para participar nas eleições legislativas desse ano. As teses apresentadas, muitas delas colectivas, versavam questões ligadas ao mundo do trabalho, da juventude, da mulher, das liberdades democráticas, da guerra colonial, do ensino e da cultura. Apesar das dificuldades postas à sua divulgação e propaganda, bem como à sua preparação e organização, o congresso conseguiu mobilizar uma franja importante da sociedade

⁵⁷ MOTA, Joaquim Magalhães - Ala Liberal, in “Dicionário de História do Estado Novo”, p. 32.

⁵⁸ BRITO, José Maria Brandão de – Do marcelismo ao fim do império. Lisboa, Edições Notícias, 1991, p. 117.

portuguesa, para além de juntar um grande número de militantes antifascistas de vários quadrantes políticos. No entanto, a intimidação perpetrada pela ditadura e a impossibilidade de garantir um processo eleitoral sem fraudes levaram à desistência da candidatura, em listas conjuntas socialistas e comunistas. As diferenças ideológicas entre as duas primeiras correntes da oposição traduziam-se, já nesta altura, no aparecimento da divisão entre a CDE e a CEUD.

Entretanto, a crise económica internacional, provocada pelo aumento do preço do petróleo, reflectiu-se em Portugal, gerando um aumento da inflação e do desemprego e um desequilíbrio na balança comercial. Esta conjectura era propícia à agitação social, intensificada pela contestação à guerra colonial e pelo crescente isolamento externo.

3.2 O Porto em 1969

Em 1969 o Porto era uma cidade de contrastes. Era uma cidade em renovação e que olhava de alguma forma para o futuro mas era, igualmente, uma cidade que continuava atrasada, com graves problemas de habitação, trânsito e salubridade.

Considerada a segunda cidade do país, o Porto contava com 303.424 habitantes⁵⁹ e estava dividido em dois bairros administrativos: o Oriental e o Ocidental.

Algumas das principais estruturas da cidade eram a Câmara Municipal, o Tribunal, a Cadeia civil, a Alfândega e as estações dos Correios e Telégrafos, uma vez que as comunicações dentro e para fora da cidade ainda eram feitas a partir de telegramas, cartas, bilhetes-postais, cecogramas e fonopostais. A cidade contava, ainda, com quarenta asilos e recolhimentos, uma biblioteca municipal e quatro bibliotecas populares, seis creches, oito dispensários, um estabelecimento oficial de ensino artístico, quatro liceus, oito escolas técnicas e cinco estabelecimentos de ensino universitário e um aquário ou estação de zoologia marítima.

De entre o vasto património arquitectónico e cultural da cidade, destacavam-se catorze imóveis classificados como monumentos nacionais⁶⁰: a Capela de Nossa Senhora de Agosto; a Casa da rua da Alfândega, mais conhecida como a Casa do Infante; o Chafariz das Virtudes; o Fontenário do largo da Sé; o Hospital de Santo António; a Igreja de Santa Clara; a Igreja de S. Francisco; a Igreja de S. Martinho de Cedofeita; a Sé Catedral; a Igreja e Torre dos Clérigos; as muralhas de D. Fernando e o respectivo miradouro; o Paço Episcopal; o Palácio do Freixo e a Torre do Palácio dos

⁵⁹ *In Anuário do Porto* : 1969. Porto: Tipografia Sequeira, 1970, p.3.

⁶⁰ *Anuário do Porto* : 1969. Porto: Tipografia Sequeira, 1970, p.66.

Terenas. Para além destes, a cidade era, igualmente, detentora de treze monumentos de interesse público: o Castelo do Queijo; o Chafariz da Colher em Miragaia; o Chafariz do jardim de S. Lázaro; o Chafariz da rua Escura; o Chafariz da rua das Taipas; o lago, fontes e escadarias que restavam da Quinta da Prelada; a Igreja de S. Pedro de Miragaia; os Obeliscos do Passeio Alegre, provenientes da Quinta da Prelada; o Palácio dos Carrancas; o prédio da rua de S. Miguel; o Recolhimento das Órfãs e a Torre-capela e Ermida de S Miguel o Anjo .

3.3 O Porto em 1969: acontecimentos marcantes

No panorama político, de acordo com o Relatório de Contas da CMP, destacaram-se dois acontecimentos em 1969: *a morte do Presidente da Câmara, Dr. Nuno Pinheiro Torres*, e do seu motorista, num terrível acidente de viação que vestiu a cidade de luto, e *a visita do Presidente do Conselho, Dr. Marcelo Caetano*, a 21 de Maio de 1969. Durante a sua visita, recebeu as delegações de vários municípios e foi “*acompanhado apoteoticamente pela população nortenha, onde largamente se destacavam os portuenses, gente que, embora avessa a exteriorizações eufóricas, despiu por completo este seu aspecto tradicional, e se manifestou da maneira indescritível que presenciamos*”⁶¹.

Por outro lado, 1969 foi o ano em que Marcelo Caetano seduziu as populações com propósitos de uma aparente abertura política. Realizaram-se, neste ano, as primeiras eleições depois da morte de Salazar; foi criada a Ala Liberal, onde se destaca o portuense Francisco Sá Carneiro e deu-se a luta estudantil que, inevitavelmente, marcou a cidade, mas da qual não há grande evidência nas fontes consultadas, devido à acção da censura. Em termos políticos, destacou-se ainda o regresso do bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, em Julho de 1969. Onze anos antes, em Julho de 1958, este escreveu uma carta a Salazar, onde punha em causa as bases do regime do Estado Novo,⁶² condenando vários aspectos da vida política, social, cultural e religiosa do país. Numa altura em que o regime não aceitava críticas, esta atitude foi considerada uma afronta ao próprio chefe do governo e D. António Ferreira Gomes foi proibido de entrar em Portugal quando regressava de uma viagem a Roma, em Abril de 1959, sendo forçado ao exílio durante dez anos até Marcelo Caetano permitir o seu regresso. Este gesto foi visto como um momento de abertura e o Bispo foi bem recebido pelos

⁶¹ *Relatório de Contas de Gerência referentes a 1969*. Porto: CMP, 1970, p.4.

⁶² AZEVEDO, Carlos A. Moreira – *Provas. A Outra face da situação e dos factos do caso do Bispo do Porto*. Porto: Fundação SPES, 2008, p.5.

governantes e habitantes da cidade. Restabeleceram-se, então, as sãs relações entre a CMP e o bispado. A 19 de Julho o próprio Bispo dirigiu-se à CMP para retribuir os cumprimentos que lhe haviam sido prestados aquando do seu regresso.

3.3 O Porto em 1969: uma radiografia da cidade

A “*Radiografia da Cidade*” foi uma crónica da autoria de Eduardo Soares que o JN publicou entre os meses de Fevereiro e Março de 1969. Em traços gerais, nela fez-se uma descrição da cidade nos aspectos económico, social, cultural e demográfico.

Número	Data	Título
1	7-02-69	A população e as previsões demográficas
2	10-02-69	Porto: centro administrativo – núcleo terciário poderoso
3	11-02-69	Porto: centro de negócios, financeiro e industrial
4	14-02-69	Porto: centro intelectual e artístico
5	16-02-69	Porto: Turismo, festas e desporto
6	17-02-69	Porto: centro de comunicações
7	20-02-69	Porto: vida e morte do seu centro tradicional
8	22-02-69	Praça do município e palácio da justiça na zona da Arrábida e da Boavista
9	25-02-69	Capital de uma região de cerca de 1 milhão de habitantes
10	26-02-69	Defender e valorizar o Porto Antigo com amor e muito carinho
11	28-02-69	O plano director foi elaborado com elasticidade suficiente
12	3-03-69	Núcleo de instalações móveis virão a ser adoptadas no futuro
13	4-04-69	O plano director sofre de condicionamentos graves
14	5-04-69	Há uma separação muito grande entre administração e administrados
15	6-04-69	O Porto tem de evoluir mas há evolução e evolução
16	9-04-69	Destacado o papel de imprensa pelo Engenheiro Antão de Almeida Garrett

Quadro 13 - Títulos das crónicas "Radiografia da Cidade"

Tal como o próprio nome indica, esta crónica permite-nos entrever a cidade de então, em algumas das suas facetas estruturantes. Esta rubrica teve 16 capítulos, que se encontram identificados no quadro 13, e permite-nos ter uma imagem do que seria a cidade do Porto no ano em que o Homem chegou à Lua.

A “*Radiografia da Cidade*” dividiu-se em duas partes: uma primeira, que englobou os seis primeiros números, onde se faz uma análise sobre alguns tópicos de referência, constantes no plano director da cidade, e uma segunda que contou com várias entrevistas aos arquitectos Arménio Losa, Luís Cunha e Fernando Távora, assim como ao engenheiro Antão Almeida Garrett.

A partir do primeiro número desta série de artigos constata-se que, na década de sessenta, a taxa de natalidade no Porto estava a aumentar e era nitidamente superior à de Lisboa. Paralelamente, a taxa de mortalidade registava uma clara descida, ao longo da mesma década, o que reflectia as melhores condições de vida na cidade. Contudo,

convém referir que, embora em queda, a taxa de mortalidade continuava a ser superior à média geral do país.

De uma maneira geral, a partir da síntese demográfica apresentada na crónica, observa-se que a população portuense duplicou num espaço de 60 anos. Porém, se se atentar mais demoradamente na evolução apresentada, conclui-se que nas freguesias que formavam a zona central da cidade o desenvolvimento da população teve apenas ligeiras alterações. Este aspecto demonstra que existia já uma saturação do centro da cidade e que as freguesias da periferia aumentavam constantemente, sobretudo depois do surgimento dos bairros de Campanhã e Paranhos, na parte Oriental da Cidade, e dos bairros de Aldoar, Lordelo do Ouro e Ramalde na parte Ocidental.

No ano de 1969, estava ainda em vigor o primeiro *Plano Director da Cidade*, que, face ao crescendo populacional que então se registava, propunha já algumas linhas orientadoras para um melhor aproveitamento do espaço, dos quais se destacam:

1. Não desperdiçar terreno disponível
2. Preservar os locais com boas condições naturais ou motivos de interesse urbano para conservar o poder atractivo do aglomerado
3. Conceber uma urbanização de qualidade susceptível de convir a uma clientela difícil
4. Regular de uma forma radical, em toda a parte em que seja economicamente possível, a diferenciação entre o trânsito de peões e de veículos, de modo a que a cidade se adapte perfeitamente às necessidades contemporâneas

Os limites das freguesias e das paróquias da cidade foram analisadas no segundo número da crónica, concluindo que o crescimento populacional declinava nos bairros antigos, em estado de saturação, e que exceptuando alguns casos, como Nevogilde e Foz do Douro, “*não há correspondência nos limites das freguesias e das paróquias, o que conduz a que haja paróquias com o seu território distribuído por duas ou três freguesias e vice-versa com todos os inconvenientes que daí advêm para a administração civil e religiosa*”⁶³ No sentido de atenuar o problema, propôs-se uma readaptação dos limites internos da cidade, propondo uma nova divisão administrativa e religiosa que tivesse em conta vias importantes ou obstáculos naturais, com o objectivo de melhorar o dimensionamento geográfico e demográfico da cidade.

⁶³ in *Radiografia da Cidade - Porto: centro administrativo – núcleo terciário poderoso*, in “Jornal de Notícias”, 10 de Fevereiro de 1969.

Por outro lado, nesta crónica, o Porto foi apresentado como um *centro administrativo* com um importante sector terciário. Com a dispersão do porto marítimo, dos grandes armazéns e da própria indústria, no final da década de sessenta restava ao aglomerado urbano um conjunto de actividades especificamente administrativas, culturais e recreativas.

Neste contexto, a cidade foi, igualmente, entendida como um centro de negócios financeiros, comerciais e industriais. O crescimento das actividades bancárias era visível na “*ampliação das sedes das respectivas instituições pela aquisição de imóveis e de casas comerciais*”⁶⁴, que era acompanhada de um importante trabalho de reconstrução dos edifícios e de beneficiação dos seus interiores, permitindo um melhor aproveitamento do património edificado da cidade.

A grande procura de escritórios para instalação de sedes e escritórios para empresas industriais e comerciais era de tal ordem importante que o Plano Director considerava prejudicial construir novos edifícios habitacionais, na zona central, reforçando assim a ideia que a cidade devia apostar no sector terciário.

No que diz respeito às actividades comerciais, destacaram-se três especialidades: o comércio diário, ligado essencialmente a venda de mercearias, que se centrava no início da rua da Madeira e na rua do Souto; o comércio ocasional, dedicado principalmente à papelaria e às ferragens, que era nítido nos alinhamentos da rua do Almada; e o comércio excepcional e de luxo, como a ourivesaria. Contudo, registavam-se, ainda, grandes vazios comerciais na cidade. O Plano Director procurava colmatar este problema com a criação de centros localizados de comércio, nomeadamente, no Campo Alegre, Pasteleira, Nevogilde, Aldoar, Ramalde, Viso, Ameal, Antas e Cerco do Porto.

No entendimento da cidade como um centro fabril, registava-se a dificuldade de encontrar novos espaços para a indústria. Este aspecto crítico, que conduziu à dispersão industrial pelos concelhos limítrofes, deveria ser ultrapassado, de acordo com o Plano Director, com o favorecimento do sector terciário.

Não obstante, a cidade beneficiava igualmente de um privilégio particular, mas que não era convenientemente explorado no final da década de sessenta – o vinho do Porto. Considerava-se já importante que “*a clientela internacional abastada se familiarizasse com este produto e o prove no local, nas caves*”⁶⁵. Assim, apostava-se na área do turismo que começava a constituir uma base interessante de difusão e para a qual

⁶⁴ in *Radiografia da Cidade - Porto: centro de negócios, financeiro e industrial*, in “Jornal de Notícias”, 11 de Fevereiro de 1969.

⁶⁵ in *Radiografia da Cidade - Porto: centro de negócios, financeiro e industrial*, in “Jornal de Notícias”, 11 de Fevereiro de 1969

poderia ser desenvolvida uma “*acção mais sistemática no campo da propaganda e de atracção de visitantes estrangeiros se a cidade tivesse, por exemplo, um palácio de congressos*”⁶⁶ devidamente equipado para o efeito.

A cidade era igualmente vista como um centro intelectual e artístico, que estava desperto para a importância do ensino como forma de valorizar a sua população. Aquando dos primeiros estudos realizados para o Plano Director, sobre as zonas de residência dos alunos e dos estabelecimentos de ensino que estes frequentavam, concluiu-se que grande parte dos estudantes percorria distâncias exageradas para frequentar a escola. Por esse motivo, o Plano Director tinha como prioridade criar novas escolas primárias: 45 mistas, 5 masculinas e 5 femininas, com um total de 454 novas salas de aula. Porém, havia já a consciência que o número de escolas não era suficiente para caracterizar uma cidade como centro intelectual. Assim, a crónica destacava, também, o ensino técnico e secundário.

O ensino técnico, que vira duplicar o número de alunos na última década, era entendido como essencial para o progresso da cidade qualificando “*uma mão-de-obra absolutamente indispensável ao desenvolvimento industrial*”⁶⁷. Previa-se então a criação de quatro novas unidades para o efeito, distribuídas pela zona periférica da cidade, e reservavam-se terrenos para a criação do Instituto Industrial e Comercial e para a Escola Comercial Oliveira Martins.

No que se refere ao ensino secundário, constatava-se que o panorama da cidade não era lisonjeador. Embora o número de alunos a frequentar este nível de ensino também tivesse duplicado sensivelmente, verificava-se ainda uma falta de escolas secundárias, referindo-se a necessidade de construção de quatro novos liceus.

Contudo, o que definia a cidade como centro intelectual era a Universidade, conjuntamente com os clubes, sociedades musicais e institutos estrangeiros de cultura e difusão. Não obstante, lamentava-se a inexistência de uma sala de concertos apropriada e a ausência de espectáculos e de companhias de teatro. Mas o que se destacava verdadeiramente no plano cultural, segundo Eduardo Soares, o autor da crónica, eram as bibliotecas e os museus, locais de permanente actividade. Neste contexto é salientado o caso da BPMP que, embora necessitando de ampliação e reorganização, foi frequentada, em 1968, por 290.620 leitores, número comparado com os 297.167 leitores da

⁶⁶ in *Radiografia da Cidade - Porto: centro de negócios, financeiro e industrial*, in “Jornal de Notícias”, 11 de Fevereiro de 1969

⁶⁷ in *Radiografia da Cidade - Porto: centro intelectual e artístico*, in “Jornal de Notícias”, 14 de Fevereiro de 1969

Biblioteca Pública de Lisboa, numa altura em que a população da capital era três vezes superior à do Porto.

No último capítulo relativo à análise do Plano Director, dedicado às *comunicações*, são destacadas algumas medidas para melhorar a mobilidade dos portuenses, na cidade e para os concelhos limítrofes. Neste ponto, é destacado o plano de reforma dos STCP para a substituição dos eléctricos pelos troleicarros e autocarros, que, segundo o JN, estava em “*franca execução*”⁶⁸. Simultaneamente, destacam-se os caminhos-de-ferro e a electrificação das linhas que chegavam à estação de S. Bento, assim como a transferência, para Campanhã, do término dos comboios de longo curso. Esta última medida exigiu a criação de uma nova estação central e elevou a necessidade de assegurar a essa zona ligações rodoviárias para os arredores da cidade. Finalmente, para melhorar as comunicações rodoviárias começavam a surgir novas gares rodoviárias.

3.4 O Porto em 1969: uma cidade com problemas, em renovação e a despertar para o futuro

A descoberta do Porto de 1969 não pode relegar os principais problemas que condicionavam o seu dia-a-dia.

Uma das maiores dificuldades que a população portuense enfrentava nesse ano e que concentrava parte da atenção da CMP era a questão da habitação. A reflexão sobre esta matéria está claramente visível quando Nuno Vasconcelos Porto - Presidente que substituiu Pinheiro Torres depois da sua inesperada morte - se interroga se “*será problema estritamente municipal proporcionar habitação condigna e economicamente compatível a toda a população que vive em condições de precariedade lamentável dentro da área da cidade*”, remetendo o problema da habitação para um círculo vicioso: o êxodo rural. O mesmo afirma que “*se a CMP promove a construção de casas para satisfazer as justas aspirações dos seus munícipes mal alojados, atrai com este procedimento uma imigração nacional, campo-cidade, cujo limite é impossível de vislumbrar*”⁶⁹.

Porém, o problema da habitação no Porto, nos finais da década de sessenta, não se explica apenas pela constante afluência de pessoas do interior, em busca de melhores condições de vida e emprego. No Porto, o problema da habitação era antigo e

⁶⁸ in *Radiografia da Cidade - Porto: centro de comunicações*, in “Jornal de Notícias”, 17 de Fevereiro de 2009.

⁶⁹ *Relatório de Contas de Gerência referentes a 1969*. Porto: CMP, 1970, p.6.

persistente⁷⁰, desde a segunda metade do século XIX, em consequência do aumento populacional associado ao processo de industrialização. A população operária, vinda do campo, alojou-se no núcleo histórico, mais concretamente na Sé e na Ribeira, onde as elevadas densidades de ocupação do espaço provocaram a sua rápida saturação, bem visível em 1969. Neste contexto, surgiram nas traseiras dos edifícios da classe média, as fileiras de pequenas casas, as chamadas *ilhas*, que chegaram até aos nossos dias.

Nos inícios do século XX, 30% da população vivia em ilhas e 20% dela em péssimas condições de higiene, salubridade e conforto.⁷¹ Esta foi, também, a altura em que o problema começa a merecer atenção acrescida, por parte das autoridades sanitárias e dos responsáveis políticos que construíram os primeiros bairros sociais para a população operária.

Enquadrado nos planos de melhoramento para a cidade do, o plano de salubridade das ilhas do Porto previa a construção de milhares de fogos, formando as primeiras periferias da cidade⁷². Esta ideia continuava presente no Plano Director da Cidade que defendia uma política activa de construções no sentido de “*fazer desaparecer as tristemente célebres ilhas do Porto*”⁷³.

Todavia, no final da década de sessenta, o problema mantinha-se porque, embora a erradicação das ilhas fosse uma intenção expressa, nunca foi concretizada pelos responsáveis políticos.

Porém, as ilhas não eram o único problema habitacional da cidade, no ano em que o Homem chega à Lua. A problemática da habitação continuava a ser uma realidade do Porto de 1969, e bem visível no *Estudo de Renovação Urbana do Barredo*, da autoria do arquitecto Fernando Távora. Este plano pretendia “*através do estudo de um caso típico e concreto e utilizando a experiencia adquirida, definir as bases em que a acção municipal poderá exercer-se mais amplamente e não apenas nos sectores das ilhas, mas em todos os outros sectores da cidade que apresentam condições deficientes de habitação – tantas vezes mais graves do que as das ilhas*”⁷⁴. Por toda a cidade vislumbravam-se edifícios em péssimo estado de conservação, sem esgotos ou abastecimento de água e luz, degradados pela vetustez, pelos desgastados materiais de

⁷⁰ PIMENTA, Manuel e FERREIRA, José António (coord.) - *As ilhas do Porto: Estudo Socioeconómico*. Porto: Artes gráficas, 2001, p.5.

⁷¹ PIMENTA, Manuel e FERREIRA, José António (coord.) - *As ilhas do Porto: Estudo Socioeconómico*. Porto: Artes gráficas, 2001, p.18.

⁷² FERREIRA, Manuel Correia – *As ilhas do Porto e os novos bairros*, in “Ilhas”, WELLEMKAMP, Margarida; PISCO, Luis (coord.). Porto: Panmixia, 2004, p.29.

⁷³ Porto. Câmara Municipal do Porto. *Plano Director da Cidade*, vol.I. Porto: CMP, 1962, p.7.

⁷⁴ TÁVORA – *Estudo de Renovação Urbana do Barredo*. Porto: CMP, Maio de 1969, p. 1.

construção, pelas condições climatéricas da cidade, pelas cheias do Douro e pela alta densidade de ocupação humana, problemas ainda agravados pela ausência de fiscalização sanitária.⁷⁵

Em 1969, a CMP demonstrou uma grande preocupação com a problemática da salubridade, higiene e saúde públicas. Desenvolveram-se esforços para cuidar da limpeza urbana, como a remoção de lixo e entulho das ruas e, neste sentido, intensificou-se o serviço de esvaziamento de fossas⁷⁶. Ao mesmo tempo, intensificaram-se as inspecções sanitárias e investiu-se na profilaxia da raiva e na prevenção da tuberculose. Surgiu, neste contexto, o primeiro número do *Boletim da Associação contra a Tuberculose do Porto*.

Outro grave problema que condicionava a cidade era o trânsito. O desenvolvimento explosivo dos meios mecânicos de locomoção introduziu na vida da cidade uma profunda modificação nos ambientes e na maneira de viver das pessoas. As distâncias foram diminuídas, a comunicação passou a ser mais fácil e as pessoas encontraram forma de se conhecer melhor. Mas a sociedade, ao colher os benefícios desse melhoramento, não conseguiu libertar-se dos consequentes impactos que aquela nova forma de movimento acarretou para a vida urbana.

“As cidades que o Homem edificou para viver foram feitas à escala humana, mas as ruas por onde circulava eram suficientes para a população que nelas habitava. À medida que a cidade crescia, a área das ruas era sempre superior ao incremento dos habitantes e não existiam problemas para circular”⁷⁷.

Os veículos automóveis vieram impor uma nova escala no traçado dos espaços evolventes da habitação e dos negócios, fazendo surgir o problema do trânsito. Para além do elevado número de veículos no interior da cidade, emergiam, no Porto, outras questões como o aspecto físico do território, o traçado das vias existentes e até o próprio comportamento da população. *“A forma indisciplinada como se comportam os utentes da via pública acelerou o agravamento do problema”⁷⁸.* Faltando espaço para os peões, estes transbordam para a faixa dos veículos e multiplicavam-se, assim, os pontos de conflito e de perigo no trânsito da cidade. À luz desta realidade não admira que diariamente aparecessem crónicas nos principais jornais periódicos sobre acidentes automóveis e atropelamentos.

⁷⁵ TÁVORA – *Estudo de Renovação Urbana do Barredo*. Porto: CMP, Maio de 1969, p. 9.

⁷⁶ Porto: Câmara Municipal do Porto. *Relatório de Contas de Gerência referentes a 1969*. Porto: CMP, 1970, pp.17-18.

⁷⁷ CARDOSO, José dos Santos Guedes - *O trânsito no Porto e os seus problemas*. Porto: CMP, 1969, p.1.

⁷⁸ CARDOSO, José dos Santos Guedes - *O trânsito no Porto e os seus problemas*. Porto: CMP, 1969, p.5.

Pela mesma razão, outro grande problema passou a ser o do *estacionamento*. Como já foi anteriormente referido, o trânsito na cidade era um flagelo do quotidiano portuense, numa altura em que se verificava o acréscimo acentuado do número de veículos, calculados em cerca de “*mil por ano, sem tendência para baixar*”⁷⁹. Surgia, assim, o problema da falta de espaço no centro da cidade para a construção de parques de estacionamento. Este obstáculo, juntamente com a necessidade urgente de libertar os arruamentos do centro da cidade, fez emergir uma nova solução: o parque de estacionamento construído em altura. No ano de 1969, estava em fase final a edificação do emblemático *Silo Auto*.

No relatório que elaborou para a CMP, José dos Santos Cardoso apresentava várias soluções para melhorar o trânsito da cidade. Separar os peões dos veículos era uma delas, pois resolvia satisfatoriamente o problema. Para tal, sugeriram-se as passagens de peões aéreas e subterrâneas. As segundas, embora geralmente mais dispendiosas, eram consideradas de mais fácil integração pois não feriam a paisagem. Além disso, sentia-se que era igualmente necessário fomentar e desenvolver os centros de comércio, não permitindo a circulação de veículos nesses espaços.

Entretanto, existia já a vontade e um esforço de renovação no sentido de resolver os problemas e renovar a cidade. Como se verifica no estudo do arquitecto Távora sobre a renovação urbana da Ribeira que, para além de identificar os vários problemas de habitação e salubridade da zona, apresenta propostas para melhorar o centro histórico.

Simultaneamente, a CMP apostou na construção de *novos bairros* por toda a cidade, com o intuito de melhorar as condições de habitabilidade, e na construção de novas vias de comunicação para melhorar o fluxo do trânsito.

A cidade tentava progredir e ultrapassar os seus problemas. Por isso, a CMP apostou na construção de *novas vias de comunicação*, pensou em vias rápidas e projectos para a construção da *nova ponte sobre o rio Douro*⁸⁰, ao mesmo tempo que proporcionou condições mais atractivas para o uso de transportes públicos. Surgiram, nesse ano, os *primeiros abrigos das paragens dos STCP*, na praça D. João I, para evitar esperas à chuva e ao frio. Por outro lado, deu-se a electrificação da rede ferroviária com a chegada ao Porto dos primeiros comboios eléctricos em Março desse ano.

Em termos comerciais, a cidade continuava a apresentar alguns aspectos marcantes do seu atraso. Exemplo disso era a rua escura. Diariamente, em improvisadas barracas

⁷⁹ CARDOSO, José dos Santos Guedes - *O trânsito no Porto e os seus problemas*. Porto: CMP, 1969, p.7.

⁸⁰ Vejam-se, por exemplo, os anteprojectos de Edgar Cardoso para a construção de uma ponte estrada de cantaria ou de betão armado sobre o rio Douro.

cobertas com plástico transparente, funcionava, sem condições, um mercado a que muita gente humilde, sobretudo do populoso bairro da Sé, dava preferência. “*Peixe, produtos hortícolas, artigos de vestuário, miudezas, quinquilharias, brinquedos e um nunca mais acabar de objectos de uso doméstico era vendido a gente de poucas posses e onde as pessoas, de manha à noite, emprestam cor e animação extraordinárias ao local*”.⁸¹

3.5 O Porto em 1969: uma cidade em transformação cultural

No que se refere a espaços de lazer e entretenimento, o Porto dispunha de infraestruturas como o Coliseu, o cineteatro Sá da Bandeira e os cinemas do Terço, da Batalha e da Trindade, entre outros, assim como vários jardins que animavam a cidade. Neste período o Porto estava bastante desperto para as questões culturais, não só para usufruto das elites mas também para as camadas mais baixas da sociedade, destacando-se eventos como a *IV Série Instrumental de Concertos Sinfónicos*, palestras e exposições organizadas pelo GHC e vários congressos internacionais de várias especialidades.

O alargamento do número de espectáculos culturais exigiu um reforço das suas normas. O Governo Civil do Porto sentiu necessidade de “*providenciar contra a frequente atitude de certo público que nos espectáculos de divertimento usa de almofadas e outros móveis como objectos de arremesso*”, assim como considerou necessário “*regulamentar as actividades das agências de venda de bilhetes de estrada nos vários recintos de espectáculos públicos do distrito do Porto*”⁸². Neste sentido foi reeditado, em 1969, o Regulamento nº 81, de 3 de Julho de 1952 relativo à venda de bilhetes para espectáculos, agências e postos de venda, uso de almofadas e outros objectos de arremesso.

Com o intuito de manter a ordem e o bom funcionamento dos espectáculos da cidade, lembrava-se que a venda de bilhetes só poderia ser feita pelos organizadores ou exploradores dos espectáculos e pelos proprietários de agências e postos de venda de bilhetes previamente licenciados pelo governo civil, instalados na Praça dos Aliados, na Batalha ou na Praça D. João I. De forma a evitar as enchentes e as sobrelotações das salas, o regulamento recordava que os organizadores não podiam vender mais bilhetes dos que os estabelecidos, nem fora dos balcões autorizados. Proíbia, também, a

⁸¹ *Comércio do Porto*, 6 de Janeiro de 1969.

⁸² Porto. Governo Civil do Porto – *Regulamento nº 81 3 de Julho de 1952*. Porto: Livraria Simões, 1969, p.3.

cobrança de quantias superiores à do custo dos bilhetes, a recusa de venda e a falta de delicadeza para com quem os comprava⁸³, sendo as transgressões punidas com a aplicação de multas. Finalmente, o regulamento referia que, por ocasião de qualquer espectáculo, era proibido ao público usar almofadas e outros objectos de arremesso contra pessoas, ou como forma de manifestação de protesto ou de regozijo.

3.6 O Porto em 1969: uma cidade com tradição

Em 1969, a CMP realizou grandes festejos populares em torno do Dia do Turista, das tradicionais festas de S. João e das iluminações de Natal.

A 19 de Abril, a cidade comemorava o dia do turista, uma festa que incluía um desfile de trajes regionais do Minho à Bairrada e que coloria a cidade, atraindo visitantes de todas as regiões do país. Este dia era um evento que procurava exaltar os valores da ruralidade e do folclore.

Cerca de um mês antes do Homem chegar à Lua, o Porto comemorou as festas do seu santo padroeiro. Fizeram-se as tradicionais marchas populares, que foram transmitidas pela televisão para todo o país, e realizou-se o igualmente tradicional concurso de cascatas, que se espalhavam por toda a cidade. Ainda no mês de Junho, comemoravam-se as *Festas da Primavera*, que incluíam vários concertos e espectáculos.

Uma outra tradição portuense dos finais da década de sessenta era a decoração da cidade com as iluminações de Natal. Em meados de Novembro começavam a surgir nas principais ruas da cidade iluminações decorativas que anunciavam a proximidades das festas natalícias. Neste sentido, a CMP empenhou-se em dar um brilho especial às noites deste período. Para este efeito, em 1969, gastaram-se 150 mil lâmpadas e 60 km de cabo.

3.7 Porto: Uma cidade contestatária

No panorama académico, o ano de 1969 foi marcado por um grande movimento de contestação estudantil contra o Estado Novo. Iniciada em Coimbra, esta estendeu-se rapidamente a Lisboa e ao Porto.

Embora não sejam muitas as evidências desta crise na imprensa da época, uma vez que a censura não o permitia, foram circulando múltiplos documentos estudantis, em

⁸³ Porto. Governo Civil do Porto – *Regulamento n.º 81 3 de Julho de 1952*. Porto: Livraria Simões, 1969, p.6.

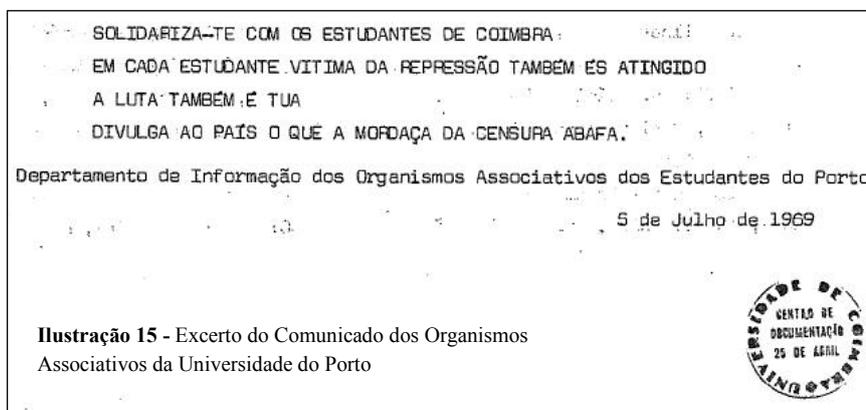
protesto contra a falta de liberdade de expressão e contra a violação dos direitos individuais. Contudo, apesar da aparente invisibilidade que este assunto teve em Portugal, a revolta de Coimbra foi acompanhada pela imprensa internacional que, livre da censura, publicou diversas notícias.

Contudo, a crise agudizou-se quando a Direção-Geral da Associação Académica de Coimbra exigiu o direito de expressar a sua opinião durante a inauguração do novo edifício de Matemática. Esta pretensão, rejeitada pelo reitor da Universidade de Coimbra, foi a gota de água que levou ao desentendimento *recíproco entre docentes e discentes*⁸⁴ e, aos poucos, os protestos sentiram-se cada vez mais.

Neste contexto, a repressão fez-se sentir. O presidente da Associação Académica de Coimbra foi preso e interrogado, sem qualquer tipo de acusação, e os companheiros que o aguardavam, no momento da sua libertação, foram atacados. Os proprietários dos bares frequentados pelos estudantes começaram também a ser visitados pelos agentes da PIDE.

O agravar da crise determinou a proibição de frequência das aulas a alguns alunos, assim como a perda de outros direitos dentro da universidade. De entre estes alunos, destacavam-se vários membros da Associação Académica de Coimbra. Na sequência destes acontecimentos, a Assembleia Magna da Universidade de Coimbra decretou luto académico e greve às aulas, exigindo que estas se transformassem em debates sobre “o levantamento imediato das suspensões”⁸⁵ e o fim dos processos disciplinares.

Estas notícias circulavam, semi-clandestinamente, pela academia portuense através de panfletos dos organismos associativos que, desta forma informavam os universitários sobre as pressões exercidas sobre os colegas em Coimbra, ao mesmo tempo que os incentivava a juntarem-se à sua causa.



⁸⁴ in Comunicado dos Organismos Associativos da Universidade do Porto, 24 de Abril de 1969.

⁸⁵ in comunicado dos Organismos Associativos da Universidade do Porto, 24 de Abril de 1969.

Em Julho de 1969, no Porto, os estudantes universitários apelaram aos seus companheiros para acompanharem o luto de Coimbra, no sentido de pôr fim às injustiças da ditadura, e para divulgarem o que a censura escondia da população.

O maior sinal do descontentamento estudantil foi a greve aos exames. Em 1969, as taxas de ausências às avaliações finais foram muito elevadas, havendo mesmo cursos com 100% de faltas. Esta situação despertou a criatividade dos estudantes do Porto, que nos seus comunicados caricaturavam a conjuntura, como se pode ver num documento de 4 de Junho de 1969, em que uma jovem estudante é presa por se recusar a fazer um exame.

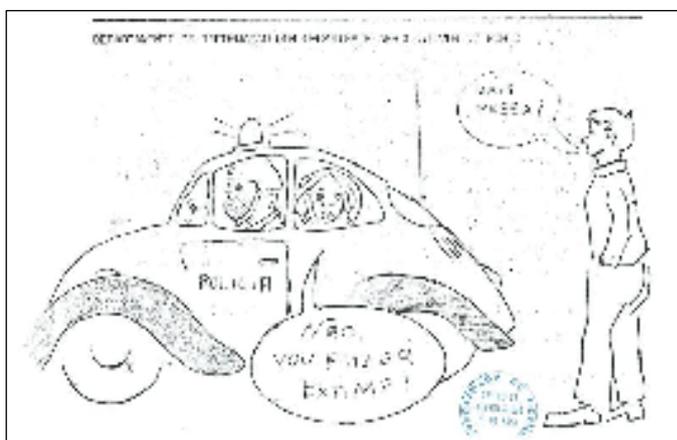


Ilustração 16 – Excerto do Comunicado dos Organismos Associativos da Universidade do Porto

4. 21 de Julho na História Portuense

4.1 Um dia a relembrar, na documentação do Arquivo Municipal

A última parte a investigação, centrou-se na procura de vários acontecimentos ocorridos no Porto a 21 de Julho. Através de vários episódios encontrados em vários documentos, descortinou-se diversos aspectos do quotidiano citadino em tempos remotos, ao mesmo tempo que se invocam determinados acontecimentos com significado na História nacional e europeia.

Um dos mais interessantes documentos datados de 21 de Julho, é um pergaminho de 1385. Trata-se de um recibo relativo ao dinheiro da talha, que foi lançada para os ingleses, passado pelo procurador do Concelho ao mercador Rui Tomé Denis e feito por intermédio de Fernão Eanes, filho do então Bispo do Porto. O dinheiro da talha era um imposto extraordinário, lançado em épocas de crise. Não nos podemos esquecer que se vivia a crise de 1383-1385, a qual determinou o fim da primeira dinastia e o início da dinastia de Avis. Para além da sua importância histórica, este documento destaca-se, ainda, pelo seu valor estético e pelo bom estado de conservação.

Destacou-se, igualmente, a acta de vereação do dia 21 de Julho de 1390, onde é apresentada a preocupação da cidade com o “*negócio do interdito*”⁸⁶. O interdito da cidade surgiu no contexto das contendas entre o Concelho e o Bispo do Porto por causa da eleição dos juízes da cidade. Durante o período em que vigorava o interdito, as portas das igrejas eram encerradas e não havia serviço religioso, ficando os cidadãos privados, inclusivamente, da assistência eclesiástica em caso de morte. Esta acta refere-se ao mais demorado dos interditos que pesaram sobre o Porto entre os séculos XIII e XV, durante a luta do Concelho pela sua emancipação do domínio episcopal.

Ainda no que se refere a actas de vereação merece uma atenção especial a de 21 de Julho de 1431. Neste documento alude-se à intercedência do Infante D. Henrique para que a Cidade desse “*pousadas e roupas a huum cavaleiro[...] do duc de Bergonha*”⁸⁷. Embora, à primeira vista, este acontecimento possa parecer insignificante, ele adquire uma grande relevância se atendermos ao facto de que o duque da Borgonha estava a procurar apoio nos estaleiros do Porto, para preparar homens que construíssem na

⁸⁶ in Documentos e Memórias para a História do Porto - Vereações 1390-1395.

⁸⁷ in Documentos e Memórias para a História do Porto, vol XLIV, Vereações 1431-1432.

Flandres uma armada para a expedição que pensava organizar, para a conquista a Inglaterra.

Seleccionaram-se, também, registos datados de 21 de Julho relativos aos livros de Visitas de Saúde às embarcações entradas na barra do Douro durante os séculos XVI e XVIII. Esta documentação foi redigida pelos guardas-menores da saúde da cidade, que inspeccionavam todas as embarcações que pretendiam entrar na barra do Douro, com o objectivo de evitar a entrada de navios contaminados por doenças contagiosas e, desta forma, defender a saúde dos habitantes da cidade e do seu termo. Este aspecto é relevante pois ilustra, não só o risco epidemiológico do país e da Europa, mas também, o medo das populações e as medidas que estas tomavam para se proteger do flagelo da peste. Por outro lado, estes documentos são uma excelente fonte para o estudo da vida económica do Porto durante o mesmo período, na medida em que apresentam as embarcações, a sua proveniência e os produtos que transaccionam.

Finalmente, destaca-se um documento de 21 de Julho de 1832, retirado do livro de Vereações, e que é uma referência ao trabalho de impressão de bilhetes de aboletamento para oficiais durante o Cerco do Porto, passado pela viúva Alvares Ribeiro & F^o. Tais bilhetes diziam respeito às despesas gastas com a cama e a alimentação dos soldados.

No AHMP encontra-se também outro tipo de documentação com inúmeros registos datados de 21 de Julho. Uma das séries que se destaca é a das Licenças de Obras Particulares, onde se podem encontrar projectos de construção ou remodelação de edifícios desde o século XVIII à actualidade. Na Casa do Infante existe ainda uma valiosa biblioteca de apoio, com livros e revistas sobre temas portuenses. Na colecção da revista “*O Tripeiro*” podemos ainda encontrar múltiplas referências a eventos ocorridos a 21 de Julho, nas suas várias crónicas de efemérides.

VII. BALANÇO DA EXPOSIÇÃO

A exposição “1969: 21 de Julho – Evocações portuenses a propósito da chegada do Homem à Lua” é uma exposição temporária de médio prazo que partiu da comemoração de um grande acontecimento da História da Humanidade. No final do projecto, pode concluir-se que a pesquisa documental permitiu a elaboração de um guião que abrangeu as várias vertentes solicitadas, desde a exploração espacial à exploração da data da chegada à lua. Partindo do ano de 1969, descreveu-se a cidade do Porto e o seu quotidiano e a partir de 21 de Julho desvendaram-se alguns acontecimentos e alguns documentos históricos que contém esta data.

Tendo sempre em consideração os objectivos da exposição e os conteúdos seleccionados para a mesma, construiu-se uma estrutura lógica e coerente, com uma linha orientadora que partiu do geral para o particular. Desta forma conseguiu-se, de forma harmoniosa, aliar diferentes conteúdos que à primeira vista poderiam parecer incongruentes. Crê-se que no final de uma visita à exposição “1969: 21 de Julho – Evocações portuenses a propósito da chegada do Homem à Lua” o visitante é capaz de compreender a relação que se estabeleceu entre a chegada do Homem à Lua e os objectivos da Casa do Infante no sentido de caracterizar a cidade do Porto num período tão particular.

A pesquisa documental, que conduziu à elaboração do guião da exposição, foi também essencial para a estruturação da estratégia de comunicação da exposição. Esta, conjuntamente com o plano interpretativo, permitiu o desenho do *storyline*, a definição de textos sugestivos e orientadores e a redacção de textos informativos específicos e complementares da informação iconográfica.

Por outro lado, refere-se que esta exposição não foi um trabalho isolado e que os resultados obtidos foram fruto de um trabalho de equipa entre a equipa entre investigadores, designers e informáticos sempre coordenada pelo Dr. Manuel Real.

Um outro aspecto que é necessário ter em consideração no balanço final desta exposição é a sua avaliação. Para este ponto, elaboraram-se dois inquéritos para avaliar a influência dos técnicos do museu no processo de mediação cultural e para identificar as motivações que levam os visitantes ao museu.

Contudo, analisando estes inquéritos verifica-se que embora estas questões sejam importantes, não são as mais essenciais quando se fala na avaliação de uma exposição.

Quando se pensou nos itens a avaliar, deveria ter-se pensado antes em indicadores para avaliar os impactes que a exposição poderia ter junto dos vários públicos. Esta lacuna deveu-se em parte à inexistência de uma avaliação diagnóstica consistente no início da exposição. Teve-se em consideração os objectivos a atingir do ponto de vista da instituição e atendeu-se às expectativas dos vários públicos-alvo mas não se identificaram os impactes que se pretendiam alcançar. Disto conclui-se que a avaliação das exposições é um ponto complexo e que quanto mais se sabe ao seu respeito mais difícil ele se torna.

Finalmente, convém salientar que existem alguns aspectos que poderiam ter sido desenvolvidos para valorizar esta exposição. Feito um estudo de públicos, que permitiu identificar alguns segmentos particulares e merecedores de atenção por parte da instituição, estruturou-se um conjunto de propostas com o intuito de desenvolver estratégias, não só para atrair os diferentes públicos mas, essencialmente, para os fidelizar.

No sentido de consolidar o objectivo anterior e divulgar a exposição, propôs-se algumas estratégias para consolidar a comunicação do museu com o exterior. Tendo em vista um maior envolvimento da cidade na exposição, seria proveitoso criar parcerias para largar o âmbito da exposição, ao mesmo tempo que se projectava a instituição num maior raio de acção.

Estes foram alguns aspectos que mereceram especial atenção ao longo do estágio mas que por falta de tempo e de condições financeiras não foram possíveis concretizar a tempo da inauguração da exposição. De seguida são apresentadas algumas propostas de valorização, que poderiam expandir a exposição e melhorar a sua capacidade de medição cultural.

1. Propostas de Valorização para diferentes públicos-alvo

1.1 Proposta de valorização para Público Escolar

Quando se pensa numa estratégia para cativar o público escolar, é imprescindível fazer um trabalho diagnóstico com professores e alunos para se conhecer as suas necessidades e expectativas. Desta forma será possível criar um conjunto de indicadores que permitirão avaliar, de forma mais concreta, os impactes comunicacionais, educacionais e de aprendizagem.

Para atrair o público escolar à instituição e, em particular, à exposição “1969: 21 de Julho – Evocações portuenses a propósito da chegada do Homem à Lua”, propôs-se uma oficina para rentabilizar a mesma.

Para a sua construção, exploraram-se os currículos do ensino básico no sentido de identificar os conteúdos abordados pelos alunos e de que forma eles podem ser explorados e aprofundados na exposição. A partir deles identificaram-se alguns conteúdos e competências essenciais e específicas do ensino básico relacionadas com a temática em exploração, que estão sintetizadas no quadro 13.

A partir da selecção dos conteúdos leccionados no ensino básico foi possível determinar os conhecimentos que os possíveis visitantes do público escolar adquiriram e que poderão ser rentabilizados e utilizados no decorrer da oficina. Ao mesmo tempo, estes transformam-se em ponto de partida para a aquisição de novos conhecimentos. Não obstante, um objectivo incontornável das oficinas é proporcionar aos seus participantes novas experiências que, simultaneamente, de forma educativa e lúdica, desenvolvam e acrescentem valores e competências aos simples conhecimentos factuais.

Ensino Básico	Disciplinas	Conteúdos/Competências
1º Ciclo	Estudo do Meio	<p>OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO (2º ano)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer tipos de comunicação social (jornais, rádio, televisão...). <p>OS ASTROS(3º ano)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer o Sol como fonte de luz e calor. -Distinguir estrelas de planetas (Sol-estrela; Lua-planeta). <p>REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM A LUZ(3º ano)</p> <p>Observar a intersecção da luz pelos objectos opacos — sombras. Realizar jogos de luz e sombra</p> <p>OS ASTROS(4º ano)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Constatar a forma da Terra através de fotografias, ilustrações... - Observar e representar os aspectos da Lua nas diversas fases. - Observar num modelo o sistema solar.
	Língua Portuguesa	<p>Objectivos Gerais</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Expressar-se oralmente, com progressiva autonomia e clareza, em função de objectivos diversificados. 2. Comunicar oralmente tendo em conta a oportunidade e a situação. <p>BLOCO 1 — COMUNICAÇÃO ORAL(1º ano)</p> <p>Descrever fotografias</p>
2º Ciclo	História e Geografia de Portugal	<p>COMPETENCIAS ESPECIFICAS</p> <ul style="list-style-type: none"> - Situa-se no país em que vive, aplicando noção de tempo e de espaço; - Valoriza elementos do património local e nacional; - Utiliza técnicas de investigação: observa e descreve aspectos da realidade física e social; -Interpreta fontes históricas (escritas, iconográficas, gráficas, cartográficas)
	Ciências Naturais	<p>UNIDADE: TERRA NO ESPAÇO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compreensão da constituição e caracterização do universo, sistema solar e da posição que a terra ocupa nesses sistemas; - Reconhecer fenómenos que ocorram na terra resultantes da interacção terra-sol e terra-Lua
3º Ciclo	História	<p>COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS</p> <ul style="list-style-type: none"> - Interpreta e valoriza elementos do património local e nacional no quadro do património mundial; - Distingue e interpreta fontes históricas <p>CONTEÚDOS</p> <p>Unidade K – Do segundo após-guerra aos desafios do nosso tempo K1 – O Mundo saído da Guerra (Rivalidade EUA/URSS; conceito de Guerra Fria)</p>
	Ciências Físico-Químicas	<p>UNIDADE: TERRA NO ESPAÇO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utilização de escalas adequadas à representação do sistema solar; - Identificar causas e consequências dos movimentos dos corpos celestes; - Discussão sobre a importância do avanço do conhecimento científico e tecnológico no conhecimento sobre o universo, sistema solar e terra

Quadro 14 - Conteúdos disciplinares (1º, 2º e 3º Ciclo) relacionados com a temática da exposição

Na sequência da análise dos públicos que visitaram a instituição entre os meses de Junho e Setembro dos últimos três anos⁸⁸, concluiu-se que a maior parte dos visitantes que frequentam oficinas e visitas de grupo não estão enquadrados num contexto escolar mas antes num contexto de ocupação de tempos livres. Neste sentido, a preocupação da oficina não deverá prender-se tanto com a aquisição de conteúdos e saberes científicos mas antes com o desenvolvimento de valores e competências. Assim sendo, os conteúdos abordados na exposição deverão ser um ponto de partida para novas experiências e não um fim em si mesmo.

Por outro lado, é necessário ter em atenção que os jovens que participariam nesta oficina, provavelmente não estarão todos na mesma faixa etária nem terão o mesmo nível cognitivo. Este aspecto deve ser levado em conta na preparação da oficina para que ela não se torne demasiado difícil, que impeça a conclusão com sucesso da actividade, nem demasiado fácil, ao ponto de desmotivar aqueles que rapidamente a concluem.

Tendo em consideração os aspectos anteriormente referidos, propõe-se que a oficina contemple diversas actividades que serão escolhidas e adaptadas mediante o grupo que a frequente. Para tal, criaram-se três vertentes para a mesma oficina. Uma primeira em que o grupo contemple exclusivamente jovens entre os 5 e os 10 anos; uma segunda em que o grupo contemple exclusivamente jovens entre os 11 e os 15 anos; e, finalmente, uma última em que o grupo seja constituído por jovens dos 5 aos 15 anos.

Nos quadros 14 e 15 são discriminadas as várias vertentes, os conteúdos a ter em atenção e os valores e as competências a desenvolver nas novas experiências, quer na visita à exposição, quer na oficina proposta.

⁸⁸ Este estudo já foi referido no ponto 8 capítulo IV deste trabalho

Visita à Exposição				
Vertentes	Actividades	Conteúdos	Valores	Competências
1º Ciclo (5-10 anos)	<p>Visualizar e explorar os diferentes painéis e peças expostas</p> <p>Tirar fotografias com corpo de astronautas</p> <p>Visualizar uma apresentação em Power Point</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Localizar temporalmente a chegada do Homem à Lua - Identificar os astronautas que fizeram parte da missão Apolo 11 - Identificar diferentes meios de comunicação que divulgaram a chegada do Homem à Lua - Distinguir Terra (planeta); Lua (satélite) e Sol (estrela) - Constatar a forma da Terra e da Lua através de fotografias, ilustrações - Referir acontecimentos importantes da vida da cidade do Porto no final da década de sessenta 	<ul style="list-style-type: none"> - Importância da Vida - Consciência da necessidade de conhecer o mundo que nos rodeia - Valorização da História local 	<ul style="list-style-type: none"> - Distinguir fontes de informação; - Ler títulos de notícias - Observar atentamente imagens; - Descrever fotografias (desenvolvimento da comunicação oral)
2º e 3º Ciclo (11-15 anos)	<p>Visualizar e explorar os diferentes painéis e peças expostas</p> <p>Exploração de jornais e anúncios</p> <p>Visualizar uma apresentação em Power Point</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Chegada do Homem à Lua e exploração espacial - Constituição e caracterização do sistema solar - Escalas do sistema solar e localização da Terra e da Lua - Meios de comunicação social e falta de liberdade de expressão no Regime do Estado Novo - Características urbanísticas e socioculturais do Porto em 1969. 	<ul style="list-style-type: none"> - Importância da Vida - Pertinência da exploração espacial e cooperação entre nações (remetendo para a actualidade) - Valorização da liberdade de expressão - Necessidade de salvaguardar o património documental - Valorização da História local 	<ul style="list-style-type: none"> - Situar-se no tempo e no espaço - Análise de diferentes fontes históricas - Descrição de imagens (desenvolvimento da comunicação oral) - Análise crítica de notícias e publicidade
Mista (5-15 anos)	<p>Visualizar e explorar os diferentes painéis e peças expostas</p> <p>Tirar fotografias com corpo de astronautas</p> <p>Visualizar uma apresentação em Power Point</p> <p>Exploração de jornais e anúncios</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Chegada do Homem à Lua e exploração espacial - Identificar os astronautas que fizeram parte da missão Apolo 11 - Identificar diferentes meios de comunicação que divulgaram a chegada do Homem à Lua e o seu funcionamento condicionado - Conhecer o sistema solar e distinguir Terra (planeta); Lua (satélite) e Sol (estrela) - Constatar a forma da Terra e da Lua através de fotografias, ilustrações - Referir acontecimentos importantes da vida da cidade do Porto no final da década de sessenta 	<ul style="list-style-type: none"> - Importância da Vida - Consciência da necessidade de conhecer o mundo que nos rodeia - Valorização da História local 	<ul style="list-style-type: none"> - Distinguir fontes de informação; - Ler títulos de notícias - Observar atentamente imagens; - Descrever fotografias (desenvolvimento da comunicação oral) - Caracterizar a vida da cidade em 1969

Quadro 15 - Proposta de rentabilização para visita à exposição direccionada para diversos segmentos do público escolar

Oficina “O Infante vai à Lua”			
Vertentes	Actividades	Conteúdos	Competências
1º Ciclo (5-10 anos)	<p>Colorir um astronauta, uma nave espacial, a terra e a Lua para criação de fantoches</p> <p>Apresentação da Terra e da Lua e recriação da chegada do Homem à Lua em teatro de sobras.</p> <p><u>Descrição:</u> As crianças deverão pintar moldes pré-elaborados que depois servirão para apresentar, sob a forma de um breve teatro de sombras, o que aprenderam na exposição.</p> <p><u>Materiais necessários:</u> Papel, lápis de cor ou de cera para colorir, tesouras, fita-cola, pauzinhos para os bonecos, um lençol branco, um candeeiro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Localizar temporalmente a chegada do Homem à Lua - Identificar os astronautas que fizeram parte da missão Apolo 11 - Distinguir Terra (planeta); Lua (satélite) e Sol (estrela) 	<ul style="list-style-type: none"> -Compreender jogos de luz e sombras - Capacidade de expressão oral
2º e 3º Ciclo (11-15 anos)	<p>Construção de um jogo com perguntas e respostas sobre os conteúdos da exposição</p> <p>Realização do Jogo</p> <p><u>Descrição:</u> Os jovens constroem a base do jogo, os peões, os dados e recortam os cartões de questões. Depois seguem o jogo de acordo com as regras do mesmo.</p> <p><u>Materiais necessários:</u> Papel, lápis de cor, tesouras, fita-cola, impressões da base do jogo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Chegada do Homem à Lua e exploração espacial - Constituição e caracterização do sistema solar - Escalas do sistemas solar e localização da Terra e da Lua - Meios de comunicação social e falta de liberdade de expressão no Regime do Estado Novo - Características urbanísticas e socioculturais do Porto em 1969. 	<ul style="list-style-type: none"> - Integração e aplicação de conhecimentos adquiridos
Mista (5-15 anos)	<p>Colorir um astronauta, uma nave espacial, a terra e a Lua para criação de fantoches</p> <p>Apresentação da Terra e da Lua e recriação da chegada do Homem à Lua em teatro de sobras.</p> <p>Criar anúncios publicitários e notícias para anunciar a chegada do Homem à Lua (em suporte escrito ou em versão telejornal)</p> <p><u>Descrição:</u> As crianças deverão pintar moldes pré-elaborados que depois servirão para apresentar, sob a forma de um breve teatro de sombras, o que aprenderam na exposição.</p> <p>Os jovens de faixas etárias mais avançadas desenharam um anúncio ou elaboram uma notícia introdutória e de conclusão ao teatro de sombras</p> <p><u>Materiais necessários:</u> Papel, lápis de cor ou de cera para colorir, tesouras, fita-cola, pauzinhos para os bonecos, um lençol branco, um candeeiro, papel de desenho, impressões de imagens do Homem na Lua</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Localizar temporalmente a chegada do Homem à Lua - Identificar os astronautas que fizeram parte da missão Apolo 11 - Distinguir Terra (planeta); Lua (satélite) e Sol (estrela) - Redigir notícias e anúncios relacionados com a chegada do Homem à Lua e da sua importância na época 	<ul style="list-style-type: none"> -Compreender jogos de luz e sombras - Capacidade de expressão oral

Quadro 16 - Proposta de Rentabilização para uma oficina de exploração da exposição direccionada para diversos segmentos do público escolar

1.2 Proposta de valorização para Público Sénior

Um outro público-alvo a atingir com esta exposição será o público sénior. Para este público específico sugere-se uma visita guiada à exposição. Durante a visita deverão ser exploradas as recordações dos visitantes, relativas à chegada do Homem à Lua. Para esse efeito, a exposição contempla um quadro aberto, com pequenos cartões onde os visitantes poderão deixar escrito onde estavam quando se deu esse grande acontecimento, como o vivenciaram e como o entenderam.

Por outro lado, de forma a criar uma visita aberta e construtiva, poderá apelar-se constantemente ao diálogo comparativo entre as lembranças da cidade do final da década de sessenta e a realidade da cidade actual.

Neste sentido, se se achasse relevante, poder-se-ia conceber-se uma actividade quinzenal, ou mensal, onde se desenvolvesse uma espécie de reunião, em que, a propósito da chegada do homem à Lua e da exposição “1969 – 21 de Julho : *Evocações portuenses a propósito da chegada do Homem à Lua*”, os visitantes pudessem relembrar as suas vivências na época final do salazarismo e da primavera marcelista. Para tal, durante a exposição, dever-se-iam apresentar, essencialmente, aspectos do quotidiano da cidade, relacionando-os com o presente, de forma a despertar nos visitantes a sensação de mudança. Seria esse sentimento que despertaria, posteriormente, os relatos a discutir no diálogo conjunto.

Esses relatos poderiam depois ser compilados, juntamente com os registos do quadro aberto, para fazer um estudo de memória pessoal sobre as vivências na cidade em 1969. Este aspecto poderia, igualmente, ajudar a superar a lacuna que se verificou nas pesquisas bibliográficas relativamente à reacção dos habitantes portuenses à chegada do Homem à Lua.

As visitas guiadas e o diálogo das “lembranças” da época, deverão ser realizadas em grupo e com marcação prévia de forma a organizar cada actividade de acordo com os visitantes.

O público sénior poderá ser mais segmentado se distinguirmos visitantes organizados por centros de dia, centros de convívio ou por universidades seniores. Os primeiros relembrarão apenas vivências, enquanto o último aproveitará essas lembranças para a construção e para o aprofundar de conhecimentos.

1.3 Proposta de valorização para Público Estrangeiro

No seguimento dos estudos feitos anteriormente sobre os públicos que visitaram a Casa do Infante nos meses de Junho a Setembro dos últimos anos, foi possível concluir que o público estrangeiro é um segmento que se deve ter em grande consideração.

Neste sentido, e dado que é extremamente difícil conseguir recursos humanos para fazer visitas guiadas nas diversas línguas, considerar-se-ia de grande utilidade, e atractivo para este público, a criação de pequenos roteiros em Francês, Inglês, Espanhol e Italiano. Este roteiro poderia ser vendido a um preço simbólico, uma vez que este é um tipo de público interessado que aprecia sempre este género de informação. Este deveria conter uma pequena contextualização da exposição e das diversas áreas que a compõe. Poderia ser impresso a cores ou, de forma a evitar grandes despesas, poderia ser impresso em folhas A4 coloridas, sob a forma de desdobráveis. Para evitar impressões desnecessárias, este roteiro poderia ser impresso conforme as necessidades.

Se fosse possível, seria, ainda, uma mais-valia para a exposição, a tradução das legendas e dos textos da exposição para inglês e espanhol. Estas legendas, para além de permitirem uma visita mais autónoma deste público, facilitavam a compreensão da exposição seriam um factor atractivo e motivador para futuras visitas.

2.Proposta de Valorização: Promoção e Marketing

Para cativar os públicos-alvo anteriormente identificados, dever-se-á pensar numa estratégia de marketing e comunicação eficaz, capaz de os alcançar de forma estratégica e diferenciada.

Neste sentido, pensou-se em algumas vias de comunicação que informassem todos os públicos alvo em simultâneo e outras que direccionassem convites específicos para cada um dos públicos.

De uma forma geral, a exposição e as actividades que lhe estão associadas poderão ser comunicadas através de diversos meios:

- Brochuras (da CMP, da Casa do Infante e do Serviço Educativo)
- Mupis (grandes cartazes afixados nas ruas da cidade)
- Painéis electrónicos (existentes em vários pontos da cidade)
- Agenda Cultural da CMP – “*Iporto*”
- News letter do DMC

- Site da CMP (na área de notícias e destaques)
- Press realise (informação à comunicação social)

De uma forma mais específica e direccionada poder-se á comunicar a exposição e as actividades que lhe possam estar associadas através do envio, via e-mail, fax ou via correio, de convites específicos para algumas instituições, com a apresentação e informações gerais sobre a exposição.

3. Proposta de valorização: parcerias e alargamento

Uma forma de valorizar a exposição seria alargar o seu âmbito a outros espaços para além do AHMP. Aproveitando alguns aspectos importantes que marcaram o ano de 1969, poderiam construir-se painéis informativos que divulgassem a exposição e a instituição. Por outro lado, estas parcerias informativas poderiam ter sido um ponto de partida para conseguir alguns patrocínios e publicidade para a exposição.

Duas hipóteses que permitiriam estabelecer parcerias e alargar a exposição seriam:

1) Parceria com a CP

Tendo em conta que em 1969 chegaram, ao Porto, os primeiros comboios eléctricos, seria interessante construir um painel informativo sobre este acontecimento e outro alusivo à chegada do Homem à Lua, que seriam colocados na Estação de S. Bento, uma vez que esta é simultaneamente uma das estações mais centrais da cidade e a que está geograficamente mais próxima da Casa do Inafante.

Estes painéis teriam um convite aos clientes da CP para visitar a exposição e, em contrapartida, a CP poderia divulgar a mesma nos seus comboios, alargando a área de promoção da exposição.

2) Parceria com o JN

Tendo em consideração que o JN foi uma importante fonte para o conhecimento da vida na cidade em 1969 e para a compreensão da receptividade e divulgação da chegada do Homem à Lua no Porto, seria interessante desenvolver um conjunto de painéis informativos sobre a crónica “*Radiografia da Cidade*”. Estes permitiriam uma visão da cidade na altura em se deu este grande acontecimento, e fazer reproduções da primeira

página do jornal de 21 de Julho de 1969, assim como da edição especial que foi publicada no mesmo dia.

Estes painéis poderiam ser expostos nas galerias do JN e neles poderia ser novamente reforçado o convite para a exposição em mostra na Casa do Infante. Em contrapartida, seria proporcionada uma comunicação, e publicidade, acrescida à exposição. De forma a aliciar ainda mais esta instituição, poderia ser cedido a este jornal um artigo sobre a cidade no ano em que o Homem chega à Lua, que poderia ser publicado no dia 21 de Julho de 2009 em algum espaço em que este faça alusão à comemoração do 40º aniversário da chegada do Homem à Lua.

VIII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na recta final deste relatório de estágio, convém fazer-se um balanço do trabalho desenvolvido ao longo dos vários meses de formação e aprendizagem passados no SECE do AHMP.

Em primeiro lugar, salienta-se que a recepção nesta instituição foi óptima, o que facilitou em muito a adaptação a um novo ambiente profissional. As actividades desenvolvidas foram variadas e de uma grande abrangência, o que permitiu conhecer mais aprofundadamente as valências de um serviço educativo e os seus procedimentos.

Por outro lado, esta experiência profissional especializou-se no desenvolvimento da exposição “1969 – 21 de Julho: Evocações portuenses a propósito da chegada do Homem à Lua”.

Este foi o ponto principal das actividades desenvolvidas e permitiu percorrer todas as fases do processo de desenvolvimento de uma exposição. Ao longo do estágio participou-se na preparação da exposição, na definição do conceito e dos objectivos, na pesquisa documental e na construção do guião da exposição.

Na fase de concepção da exposição, desenhou-se o *storyline* da exposição, seleccionaram-se documentos e peças, redigiram-se os textos para os painéis, seleccionaram-se os conteúdos e elaborou-se o *storyboard* da apresentação multimédia.

Já no momento da difusão da informação concebeu-se um texto de divulgação da exposição, estruturou-se e redigiram-se os textos do roteiro e do catálogo da exposição.

No entanto, ficou por abordar a etapa da avaliação, apesar de se ter proposto um inquérito de avaliação. A avaliação desta exposição seria de grande importância para conhecer o *feedback* do público em relação ao trabalho realizado. Permitiria saber se os objectivos foram alcançados e recolher informações importantes para a realização de futuras exposições.

Finalmente, considera-se que os objectivos traçados no projecto de estágio foram cumpridos e que esta experiência profissional foi muito proveitosa e de grande relevância. Numa altura em que a experiência é um factor de valorização pessoal e profissional, crê-se que o estágio desenvolvido no AHMP foi de grande importância e constituiu-se como uma mais-valia para o futuro.

IX. FONTES E BIBLIOGRAFIA CONSULTADAS

Capítulo II – Contextualização Teórica:

As Exposições como forma de Mediação Cultural

- AMBROSE, Timothy – *Forward planning a handbook of business, corporate and development planning for museums and galleries*. London: Museums & Galleries, 1991.
- AMERICAN ASSOCIATION MUSEUMS – *Standard Manual for Signs and Labels*. Washington: Metropolitan Museum of Art, 1995.
- BELCHER, Michael – *Exhibitions in Museums*. Leicester: Leicester University Press, 1991.
- CAIADO, José Pedro – *Formação in MINEIRO*, Clara (coord.) – “Actas do Encontro Museus e Educação”, 10/11 Setembro 2001. Lisboa: Instituto Português de Museus, Setembro 2002, pp. 35-40.
- CAULTON, Tim – *Hands-On Exhibitions*. Londres: Routledge, 1998.
- DEAN, David – *Museum Exhibition : Theorie and Practice*. London: Routledge, 1994.
- DIERKING, Lynn – *The role of context in children’s learning from objects and experience*, in PARIS, Scott G. – “Perspective on Object-Centered Learning in Museums”. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2002.
- FALK, John H. & DIERKING, Lynn D. – *The Museum Experience*. Washinton D.C.: Whalesback Books, 1997
- FINN, Bernard – *Exposing electronics*. Amsterdam: Harwood Academic, 2000.
- FREEMAN, Ruth – *The evolution of an exhibit: community museums and travelling exhibits*. Toronto: Onatario Museum of Association, 2001.
- GARCIA, Nuno Guina – *O Museu entre a cultura e o Mercado: um equilíbrio instável*. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra, 2004.
- HOOPER-GREENHILL, Eilean – *The Educational Role of the Museums*. London: Routledge, 1994.
- JEUDY, Henri-Pierre – *Exposer, exhiber*. SL: Èditions de la Villet, 1995.
- KARP, Ivan – *Exhibiting Cultures: the poetics and politics of museum display*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1991.

- LOOMIS, Ross J.- *Museum visitor evaluation: New tool for Management*. Nashville: American Association for State and Local History, 1987.
- LORD, Bary – *The Manual of Museum Exhibitions*. Creek: The Stationery Office Books, 2002.
- MACDONALD, Sharon – *Exhibition experiments*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.
- MILES, Roger – *The Design of Educational Exhibits*, Londres: Allen & Unwin, 1982.
- NOLAN, Gail – *Designing Exhibitions to include people with disabilities: a practical guide*. Edinburg: National Museum of Scotland, 1997.
- QUINTANILHA, Alexandre – *Aprender para lá do que nos ensinaram*, in “Conferencia Internacional, Cruzamento de Saberes, Aprendizagens Sustentáveis”. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, , p. 23-24
- SCREVEN, C. G. – *Some thoughts on evaluation*, in “The Visitor and The Museum”. Washinton: American Association of Museums, 1977
- VERHAAR, Jan ; MEETER, Han– *Project Model Exhibitions*. Holland: Reinwardt Academie, 1989.

Capítulo III – Apresentação do Local de Estágio

- Casa do Infante*. CMP, Direcção Municipal de Cultura, Departamento de Arquivos, 2005.
- REAL, Manuel Luís – *A Casa do Infante*, in “Como se vivia no tempo do Infante D. Henrique”. Suplemento do Jornal de Notícias. 4 de Março de 1994.
- REAL, Manuel Luís – *Arquivos Municipais em Portugal: Porto O sistema de arquivos da Câmara Municipal do Porto*, in “Separata de Arquivística”. Braga: Arquivo distrital de Braga, 1996.
- REAL, Manuel Luís - *Henrique, O Navegador*. Porto: Inova, 1994.
- REAL, Manuel Luís – *Intervenção Arqueológica na Casa do Infante*, in “Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular”. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1995.
- REAL, Manuel Luís; MEIRELES, Maria Adelaide e RIBEIRO, Fernanda – *Arquivística e Documentação de História Local* in “Actas do I Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas”, vol.II. Porto: APBAD, 1986.

Capítulo V – Proposta de um Guião para a Exposição

Álbum de Memórias do Ateneu Comercial do Porto (1869-1994)

Anuário do Porto – 1969. Dir. Inácio dos Santos Viseu Junior. Porto: Tipografia Sequeira, 1969.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira – *Provas. A Outra face da situação e dos factos do caso do Bispo do Porto*. Porto: Fundação SPES, 2008.

Boletim da Associação Portuguesa contra tuberculose – 1ª edição, 1969.

Boletim da União de Grémios dos Espetáculos, nº 162, 1969.

BRITO, José Maria Brandão de – *Do marcelismo ao fim do império*. Lisboa, Edições Notícias, 1991.

CARDOSO, José dos Santos Guedes - *O trânsito no Porto e os seus problemas*. Porto: CMP, 1969.

CARDOSO, Edgar – *Ante-projecto duma ponte estrada de betão armado sobre o rio Douro*. Porto: CMP, 1969.

CARDOSO, Edgar – *Ante-projecto duma ponte estrada de cantaria sobre o rio Douro*. Porto, CMP, 1969.

CMP - Acta de Reunião Extraordinária de homenagem à memória do presidente da câmara exmo sr. Nuno pinheiro Torres, realizada no dia 13 de Março de 1969. Porto: CMP, 1969.

CMP - Homenagem a Cupertino de Miranda. Porto: CMP, 1969.

COUPER, Heather e HENBEST, Níger – *Atlas do Universo*. Milão, New Interlitho, 1993.

FERREIRA, Manuel Correia – *As ilhas do Porto e os novos bairros*, in WELLEMKAMP, Margarida e PISCO, Luís (coord.) – “Ilhas”. Porto: Panmixia, 2004.

Governo Civil do Porto – *Regulamento nº 81 3 de Julho de 1952*. Porto: Livraria Simões, 1969.

GRIMBERG, Carl – *História Universal – O Mundo Contemporâneo*, vol.20. Lisboa: Publicações Europa-América, 1969.

LANEYRIE-DAGEN, Dir Nadeije (dir) – *Memórias do Mundo das origens ao ano 2000*. Mem-Martins: Circulo de Leitores, 2000.

LAVEIRAS, António Reis (dir.)- *História do século XX - Década a Década – 1960-1969*, vol.7, SL, Visão, 2004.

- MALAM, John e Halry Malam – *21 de Julho de 1969: o Homem chega à Lua*. Rio de Mouro: Everest Editora, 2002.
- MOTA, Joaquim Magalhães - Ala Liberal, in Dicionário de História do Estado Novo.
- PIMENTA, Manuel e FERREIRA, José António (coord.) - *As ilhas do Porto: Estudo Socioeconómico*. Porto: Artes gráficas, 2001.
- Plano Director da Cidade*, vol.I. Porto: CMP, 1962.
- Recortes de Jornais - Primeiro quadrimestre Porto: CMP, 1969.
- Recortes de Jornais - Segundo quadrimestre Porto: CMP, 1969.
- Recortes de Jornais – Setembro e Outubro. Porto: CMP, 1969.
- Recortes de Jornais – Novembro e Dezembro Porto: CMP, 1969.
- REIS, António – *Marcelismo*, in “Dicionário de História do Estado Novo”, vol.I. *Relatório de Contas de Gerência referentes a 1969*. Porto: CMP, 1970.
- Rosas, Fernando (coord.) – *A Transição Falhada – O Marcelismo e o fim do Estado Novo (1968-1974)*. Lisboa: Editorial Noticias, 2004
- SALA, Maria Soler – *A corrida ao espaço, um duelo nas alturas*, in NAVARRO, Francesc (dir) – “História Universal – As Guerras Mundiais”, vol.19. S.L.:Salvat, 2005.
- TÁVORA – *Estudo de Renovação Urbana do Barredo*. Porto: CMP, Maio de 1969.

X. ANEXOS

Os anexos deste relatório encontram-se em suporte digital no DVD-ROM que o acompanha. De seguida segue-se a listagem dos anexos.

Anexo 1 – Organigramas da Instituição

Anexo 2 – Missão do DMA

Anexo 3 – Projecto de estágio

Anexo 4 – Painéis da exposição

Anexo 5 – Apresentação multimédia sobre a Corrida Espacial

Anexo 6 – Registo Fotográfico da Exposição

Anexo 7 – Catálogo da Exposição

Anexo 8 – Inquéritos de avaliação da exposição